

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**LUCIANO TAVARES TORRES**

**ÁGORA VIRTUAL: OS *BLOGS* COMO ESPAÇO DE ARGUMENTAÇÃO E DE  
REFLEXÃO FILOSÓFICA NO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Juiz de Fora

2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**LUCIANO TAVARES TORRES**

**ÁGORA VIRTUAL: OS *BLOGS* COMO ESPAÇO DE ARGUMENTAÇÃO E DE  
REFLEXÃO FILOSÓFICA NO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Silveira Lemgruber.

**Juiz de Fora**

**2011**

Torres, Luciano Tavares.

Agora virtual: os blogs como espaço de argumentação e de reflexão filosófica no ensino fundamental / Luciano Tavares Torres. – 2011. 140 f.

Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

1.Educação – Filosofia2. Internet. I. Título.

CDU 37.01

**LUCIANO TAVARES TORRES**

**ÁGORA VIRTUAL: OS *BLOGS* COMO ESPAÇO DE ARGUMENTAÇÃO E DE  
REFLEXÃO FILOSÓFICA NO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em

---

Prof. Dr. Marcio Silveira Lemgruber (orientador)  
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Teresa de Assunção Freitas  
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Queiroga Amoroso Anastácio  
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF

Esse trabalho é dedicado àqueles que amo

Deus e aos meus pais

Agradeço a mais essa conquista àqueles que de alguma forma estiveram ao meu lado e, por vezes, às avessas.

*À minha Família*

Aos meus pais, Herold e Aurenita, sempre presentes e apoiando meus sonhos. A vocês agradeço e atribuo todas as minhas conquistas.

À Vera, aquela que nunca esmorece diante das adversidades da vida. Obrigado pelas risadas e orientações. Aos sobrinhos, Anália e André. O verdadeiro sonho é aquele que o homem luta por ele. Sonhem e lutem sempre.

Aurinha, sempre irmã/amiga. Obrigado por todo apoio dado nessas inseguras e incertas reflexões filosóficas.

Heroldinho e Adrilene, obrigado por tudo. Pietra, o mais novo e belo presente que deram à família.

Ao primo/irmão Rubens, agradeço profundamente o companheirismo que sempre teve comigo. Amigos de boas e fartas risadas e devaneios.

Élida e Nildo, obrigado pelo carinho e acolhimento.

Ao meus tios Rubenir (*in memoriam*) e ao meus primos Mara, Mauro, Isadora e Rodrigo, Rubenizinho e Gracilete e Mayara. As presenças de vocês contagiam tanto, que transformam um simples encontro em algo inesquecível.

Romero e Claudia, a “distância” não nos faz distantes e os poucos encontros nos fazem muito felizes.

Ronaldo, obrigado pela sua presença sempre fundamental. “Amigo certo das horas incertas”.

Tia Dilma, João e primos e tia Lena. O apoio para essa conquista não teria tido o mesmo sabor sem a presença de todos vocês.

À Natália Paganini, pelo companheirismo e inesquecíveis momentos de cumplicidades e carinho que tivemos ao longo dessa caminhada juntos. Construir parte da minha vida com você é uma felicidade. Obrigado por tudo.

À D. Marisa, Ronaldo e Gretel e família Pontes Miranda, obrigado pelo carinho.

D. Glória (*in memoriam*), muitas saudades...

### *Aos professores*

Ao professor Marcio Lemgruber, por ter confiado e acreditado em mim. Obrigado por todas as leituras e metáforas comigo utilizadas.

À prof(a). Maria Teresa Assunção Freitas agradeço à acolhida no grupo LIC e aos incentivos dados aos meus estudos. O LIC certamente foi um divisor de águas em minha vida.

Ao prof. Joel Neves, com saudades recorro dos nossos grupos de estudos na Faculdade de Filosofia com ou sem greve. Aprender com você foi um privilégio. Muito obrigado por tudo.

### *Aos amigos*

Aline, Alexandre, Michele, Virna, Marcelo (Bodinho), Jayminho e Gilvan, José Augusto, Marquinho, Júlia, Letícia, Carla Verena, Tatagiba, Érick, Fernandinho, Karine, Helô, Francisco, Luís Carlos, Sonia Barbosa, muito obrigado por existirem em minha vida.

Ana Paula, o seu apoio e a sua disponibilidade, ajudando-me no meu mestrado é algo inexplicável. Eternamente grato.

Marcelo e Ricardo, que a filosofia e a amizade nunca nos abandonem. Ricardo, você tinha razão. A prova disto está aqui com esse mestrado. Marcelo, agradecer é pouco para tanta generosidade que você tem comigo. Obrigado pelo apoio e a amizade de vocês.

Às escolas por todo incentivo e apoio.

Aos alunos que me ajudaram na realização desse sonho com suas belas reflexões.

A todos que participaram desse sonho: MUITO OBRIGADO!

Nada nos comove e nos interessa tanto como o que nos é próximo

Murilo Mendes



## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo refletir acerca da importância do computador/internet e seus ambientes de relacionamento, em especial o *blog*, para o ensino-aprendizagem de filosofia em turmas dos 6º ao 9º anos do ensino fundamental. A investigação buscou compreender e analisar alguns argumentos de alunos do dito segmento, postados em espaços virtuais destinado à disciplina, utilizando como referencial teórico o estudo sobre as técnicas argumentativas realizado por Chäim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca.

**Palavras-chave:** Argumentação, *Blog*, Ensino de filosofia.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre la importancia de la computadora/internet y sus ambientes de relación, en especial el *blog*, para la enseñanza-aprendizaje de la Filosofía de 6º a 9º grado de la primaria. La investigación busca comprender y analizar algunos de los argumentos de los alumnos de dicho segmento, posteados en espacios virtuales destinados a la disciplina, utilizando como referencial teórico el estudio sobre las técnicas argumentativas realizado por Chäim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca.

**Palabras-clave:** Argumentación, *Blogs*, Enseñanza de filosofía.

## **ABSTRACT**

The present work has the aim of reflecting about the computer/internet importance and their relationship environments, especially the blog, for the Philosophy teaching and learning, from 6<sup>th</sup> to 9<sup>th</sup> grade of basic school. The research intend to comprehend and analyze some of the student's arguments posted in specific virtual sites destined to the present subject, using as theoretical reference the study about argumentative techniques made by Chäim Perelman and Lucie Olbrechts-Tyteca.

**Key Words:** Argumentation, Blogs, Philosophy Teaching.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1- Revisão Bibliográfica:.....	16
2- Chaïm Perelman e a Teoria da Argumentação (nova retórica).....	20
2.1- Introdução ao referencial teórico.....	20
2.2. Trajetória e contexto de Chaïm Perelman.....	24
2.3. Uma Filosofia Regressiva e Pluralista .....	27
2.3.1. Perelman e a Filosofia Regressiva.....	28
2.3.2. Argumentação e Filosofia Pluralista .....	31
2.4. Teoria da Argumentação .....	34
2.4.1. Os âmbitos da argumentação.....	34
2.4.1.1. Dialética e retórica.....	34
2.4.1.2. Opiniões e verdade.....	36
2.4.1.3. O orador e seu auditório.....	38
2.4.1.4. Premissas para a existência da argumentação.....	42
2.4.2. A ordem dos argumentos no discurso.....	44
2.4.3. As técnicas argumentativas .....	45
2.4.3.1. Argumentos “quase lógicos” .....	45
2.4.3.2. Argumentos baseados na estrutura do real .....	50
2.4.3.3. A argumentação pelo Exemplo, a Ilustração e o Modelo.....	54
2.4.3.4. Analogia e metáfora .....	56
3. O computador/internet nos processos de ensino/aprendizagem .....	60
3.1. O que é o virtual .....	60
3.2. O ciberespaço: um outro olhar para o mundo .....	62
3.3 Dois mundos, duas realidades: a escola tradicional e o aluno da cibercultura.....	65
3.4. A importância da tecnologia na escola.....	67
3.5. O aluno/autor no processo de interatividade .....	70

3.6. Ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) .....	72
3.7. Hipertexto .....	74
3.7.1. Do texto ao hipertexto: sua origem e seu significado .....	74
3.7.2. O hipertexto como espaço reflexivo e de construção de subjetividade .....	76
3.8. Os <i>blogs</i> .....	79
3.8.1 – Blog na escola: do texto à escrita dialógica .....	82
3.8.2 – Do interior ao exterior escolar: a leitura/escrita argumentativa do aluno no computador/internet.....	83
3.8.3 – Blog: da leitura/escrita de opinião à leitura/escrita dialógica.....	84
4. Filosofando e argumentando nos <i>blogs</i> .....	87
4.1. Algumas reflexões sobre o ensino/aprendizagem de Filosofia .....	87
4.2. A filosofia na escola e a minha vã filosofia: a reflexão filosófica em sala de aula.....	90
4.3. - Metodologia .....	92
4.4. – Preparando-se para o <i>Pensar</i> : .....	98
4.5. Os jovens filósofos vão à ágora .....	100
4.5.1. Análises dos argumentos.....	102
O Preconceito .....	118
<b>Questão reflexiva do <i>Blog</i></b> .....	125
<b>Sala de aula?</b> .....	125
5. Considerações finais: .....	130
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	137

## INTRODUÇÃO

A reflexão acerca da importância do computador/*internet* no ensino-aprendizagem dos alunos de Filosofia iniciou-se nos meus poucos, porém significativos, oito anos de experiência como professor da disciplina no ensino fundamental e médio. Pensava eu, inicialmente, que a *internet* não traria suficiente contribuição para os diálogos e reflexões promovidos em aula, contudo, notei que os alunos, ao se apropriarem desse instrumento tecnológico<sup>1</sup>, sentiam-se atraídos, envolvidos e interessados pelas temáticas da Filosofia. E mais, que essa motivação era expandida inclusive para fora da escola, devido ao caráter multi-temporal e pluriespacial propiciado pela *internet*.

A partir desta constatação, optei pela criação de *blogs* destinados ao ensino da disciplina, onde fosse possível aos alunos aprofundarem os debates gerados nas aulas. O que esta prática revelou foi surpreendente: muito mais do que constituir um espaço complementar ao proporcionado pela escola, os *blogs* de Filosofia tornaram-se lugares autônomos de discussão que, através do processo de autoria escrita de argumentos e realização de intensos diálogos, permitiram aos alunos a formação e amadurecimento de um olhar crítico e reflexivo, o qual transformou sua relação com a disciplina e, sem dúvida, proporcionou uma mudança substancial no enfrentamento das questões com que se deparavam em sua vida cotidiana.

Por isso, pude entender que o processo de ensino/aprendizagem de Filosofia – que implica ao sujeito construir para si um mundo e um modo típico de se relacionar – que somasse o ambiente escolar ao computador/*internet*, destacadamente ao *blog*, seria um modo de permitir ao aluno articular de maneira discursiva, operada pela via do questionamento, do argumento, do perguntar e do investigar, a compreensão das questões próprias da disciplina, o posicionamento frente aos debates com professores e colegas e a emancipação do senso comum.

O *blog* significou a possibilidade de apropriação, a qualquer tempo e em qualquer lugar, de um espaço comum de diálogo, crítica, debate e reflexões acerca do cotidiano da vida dos homens e do mundo, forjando-se como ambiente de

---

<sup>1</sup> Entendo aqui o computador/*internet* como um “instrumento”, percebendo que esta categoria ultrapassa o sentido utilitário de “ferramenta”, por conferir à atividade humana sua especificidade criadora e o seu nível de desenvolvimento cultural. PINO, Angel S. “O conceito de mediação semiótica em Vigotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano”. *Cadernos Cedes*, n. 24, Unicamp, Campinas, 1991, p. 35.

palavras escritas que, para além de darem forma a argumentos complexos e cuidadosamente escolhidos, proporcionaram a ampliação da linguagem por parte dos interlocutores, condição importante para a significância do conhecimento. Citando o educador Jorge Larrosa (2006), “ (...) cada um tenta dar um sentido a si mesmo, construindo-se como um ser de palavras a partir das palavras” (p. 23).

Nessa perspectiva, a ampliação da linguagem dos alunos permitiu a transformação do diálogo em uma atitude para o alargamento e o entendimento da reflexão filosófica. Como nos adverte o filósofo Ludwig Wittgenstein (1997): “os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo” (p. 111).

Em relação a esse olhar aberto do homem para o mundo, Jorge Larrosa (2006) continua a nos informar que:

O mundo não existe anteriormente a uma forma que lhe dê seu perfil. Ou existe, mas como algo amorfo, desordenado e sem delimitações e, portanto, sem sentido. Não há uma experiência humana não mediada pela forma e a cultura é, justamente, um conjunto de esquemas e mediação, um conjunto de formas que delimitam e dão perfis às coisas, às pessoas e, inclusive a nós mesmos. A cultura, e especialmente a linguagem, é algo que faz com que o mundo esteja aberto para nós (p. 49).

Nesta mesma perspectiva, qualquer tentativa de delimitar uma significação para o conhecimento filosófico seria insuficiente para abarcar tal conceito, pois sua principal característica é a abertura para o mundo e para o outro, com um embasamento na reflexão e na subjetividade. Para Severino (2001, p. 19), “(...) Em linhas gerais, o conhecimento é o esforço do espírito humano para compreender a realidade”. E compreender a realidade é aproximar as diversas leituras possíveis de mundo que o homem é capaz de fazer sobre si e o outro.

Foi com um novo olhar sobre o ensino/aprendizagem em Filosofia, apoiado na perspectiva acima – que é de abertura ao outro - que encontrei no plural espaço do computador/internet um aliado para a disciplina, pois ele possibilitava aos alunos a criação de espaços próprios e autônomos de mediação, comunicação, relação e afetividade, além de inaugurar uma nova maneira de relacionamento com o outro.

Diante disso, observei no aluno, frente à utilização dessas tecnologias, um potencial e uma necessidade de conhecer e, com isso, percebi também que o sentido de educação ampliava a cada momento em que um acesso ao computador/internet era realizado, ultrapassando, inclusive, o espaço físico da escola.

O uso do computador/internet, encarado em uma perspectiva dialógica, permite sua transformação em um instrumento potencializador das aulas de Filosofia, despertando habilidades de busca de conhecimento, interatividade e comunicação. Isso me faz acreditar nessa tecnologia como uma possível aliada da discussão filosófica na escola, retomando os princípios das raízes gregas. É pertinente comparar esse recurso tecnológico e os espaços criados através dele a outros lugares de mediação, participação, democracia e inclusão, como era a ágora grega. Neste momento, torna-se o computador/internet uma nova praça pública, que, através de seus diversos programas de relacionamentos, constitui-se num lugar comum para o embate de idéias, reflexões e exposição das diferentes opiniões.

Em meio à transformação em que o computador/internet possibilitou ao homem aproximar distâncias entre um e outro, relativizar o tempo, ampliar os espaços e potencializar os diálogos, penso na cultura digital em que os jovens estão imersos como um lugar de produção significativo e criativo, de aprendizado filosófico e reflexão mútua. Como nos informa Lévy (2004):

A rede não tem centro, ou melhor, possui permanentemente diversos centros que são como pontas luminosas perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, de rizomas, finas linhas brancas esboçando por um instante um mapa qualquer com detalhes delicados, e depois correndo para desenhar outras paisagens de sentido (LÉVY, 2004, p. 26).

O primeiro contato que tive com esse mundo de possibilidades do computador/internet, ocorreu no instante que participei como sujeito de pesquisa desenvolvida pelo grupo Linguagem, Interação e Conhecimento (LIC) na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF), coordenado pela professora Maria Teresa Assunção Freitas, na escola que leciono. A partir desse contato com o grupo e todo o arcabouço e volume de discussões realizadas nos encontro, comecei a perceber a importância de aliar essas novas tecnologias possibilitadas pelo computador/internet com as aulas de filosofia.

Com ânsia de aprimorar, entender e qualificar-me nos estudos sobre a importância das tecnologias no cotidiano da escola e na vida do aluno, participei, como representante da escola em que leciono, do “I Colóquio de Formação de Professores e Cibercultura: experiências de pesquisa na abordagem sócio-histórico-cultural”, realizado pelo grupo de pesquisas supracitado no ano de 2006. A partir do



evento, tive a oportunidade de ingressar e participar por um ano e meio como pesquisador voluntário do grupo de pesquisas LIC, onde aprofundei-me nos estudos sobre o tema.

Após essa reaproximação com os estudos acadêmicos apresentado pelo grupo de pesquisa LIC, várias reflexões começaram a surgir e, dentre elas, uma questão em especial, chamou minha atenção: fazer uma imersão na experiência de um professor de Filosofia, o qual se utiliza de *blogs*, como espaço de materialização de postagens de argumentos filosóficos, para o ensino/aprendizagem da disciplina com a iniciativa de investigar qual a contribuição dessa prática no processo de ensino-aprendizagem da disciplina e na construção de um pensamento filosófico. Mediante as considerações feitas anteriormente, creio ser a pesquisa a primeira relacionada ao *blog* como espaço de argumentação e reflexão filosófica, o que confirma a relevância do meu trabalho.

## 1- Revisão Bibliográfica:

Com a intenção de compreender melhor como esse instrumento - o *blog* - tem sido estudado no meio acadêmico, e de que forma o computador/internet é utilizado nas aulas de Filosofia, iniciei uma revisão bibliográfica que permitisse estabelecer um contato entre o texto produzido nessa pesquisa e outros textos. Algumas pesquisas em livros, periódicos e artigos foram realizadas, a fim de entender qual a contribuição do computador/internet, em especial os *blogs* de Filosofia, para a autonomia reflexiva e da argumentação escrita do aluno nas aulas dessa disciplina.

Os primeiros contatos aconteceram por meio de artigos e periódicos disponíveis no SCIELO<sup>2</sup>, nos trabalhos publicados na página da Associação Nacional de Pós-graduação em Educação (ANPED)<sup>3</sup>, no site de busca do Google Acadêmico<sup>4</sup> e nos anais eletrônicos dos eventos organizados pela Associação Brasileira de Estudos de Hipertexto e Tecnologia Digital (ABETHE)<sup>5</sup>, bem como, busca por teses e dissertações realizadas no portal Capes<sup>6</sup> e em *blogs*, textos e sites pela Internet.

Diante de tanto acervo de pesquisa acadêmica, procurei estabelecer quais textos, teses e dissertações, iriam ocorrer em um recorte temporal localizado entre os períodos de 2007 – 2011, que teve como chaves de buscas o termo “*blogs* de filosofia”.

O primeiro site de busca ao qual recorri para buscar algum trabalho sobre *blog*, foi o SCIELO e em seguida, nos Gt's da ANPED relacionado à Filosofia da Educação e em nenhum deles encontrei qualquer referência de estudos que pesquisavam o *blog* como ensino/aprendizagem e argumentação em Filosofia.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.scielo.br/?lng=pt>>. Os periódicos consultados foram: Cadernos de Pesquisa, Cadernos Cedes, Educação e Sociedade, Educação e Pesquisa, Revista Brasileira de Educação e Crítica – Revista de Filosofia.

<sup>3</sup> Disponível em: <[www.anped.org.br](http://www.anped.org.br)>. Os Grupos de Trabalho Consultados foram o Grupo de Trabalho 16 – Educação e Comunicação e o Grupo de Trabalho 17 - Filosofia da Educação.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/>>.

<sup>5</sup> II Encontro Nacional sobre Hipertexto – Fortaleza/CE – 2007 Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2007/anais/hipertexto2007.html>>; II Simpósio sobre Hipertexto e Tecnologias na Educação – Recife/PE – 2008 Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/simposio2008/anais/>>; III Encontro Nacional sobre Hipertexto – Belo Horizonte – 2009 Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/>>; III Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação – RECIFE/PE – 2010 Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/simposio/anais/>>.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>>.

Em seguida, fui pesquisar no Google Acadêmico. Dessa vez, foram encontrados somente dois artigos que faziam referências à utilização do *blog* como ambiente de ensino/aprendizagem, reflexão e argumentação. Dentre eles, destaca-se o trabalho que apresentei no III Encontro Nacional Sobre Hipertexto, Belo Horizonte, MG – ocorrido entre os dias 29 a 31 de outubro de 2009, “O ensino/aprendizagem de filosofia através do *blog*: a nova ágora virtual” (TORRES, 2009),

Outro trabalho encontrado foi “O *Blog* e o ensino de Filosofia”, por G. Silveira e M. Cenci (2008). Trata-se de uma pesquisa do curso de Filosofia do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Rio Grande do Sul, e que é voltado ao curso de Lógica I da referida faculdade. O *blog* se chama “Oficina de Argumentação” e é utilizado para desenvolver a capacidade de argumentação mediante análises de argumentos lógicos. Salvo engano, nada desse trabalho citado, e que tem como endereço (<http://oficinadeargumentacao.wordpress.com/>), se aproxima do interesse dessa pesquisa, que é voltada à criação de um *blog* para o Ensino Fundamental II e que tem como fundamento despertar, por meio da escrita, a capacidade argumentativa e reflexiva do pensamento filosófico, tanto dentro, quanto fora da sala de aula.

Após essas investidas anteriormente citadas, resolvi procurar nos eventos organizados pela ABETHE<sup>7</sup> e em seus respectivos anais publicados de 2007 a 2010. Ao digitar o termo de busca *blog*, constatei que os artigos referentes ao assunto circulavam em 19 publicações aproximadamente. Porém, ao pesquisar sobre *blogs de Filosofia*, foram encontrados somente dois trabalhos, sendo ambos escritos por mim. Um deles, que foi referido acima (TORRES, 2009), e o outro chamado: “O *blog* como ambiente de reflexão filosófica na escola: a nova ágora virtual” (TORRES, 2010), apresentado no 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação – redes sociais e aprendizagem, realizado na UFPE/Recife em 2010.

No banco de teses do Portal Capes, ao digitar o termo *blog de Filosofia*, nada também foi encontrado. Contudo, quando foi digitado apenas o termo *blog*, foram encontrados cerca de 22 trabalhos de mestrados e apenas cinco de doutorados e nenhum deles realizado no campo de conhecimento da área de Filosofia.

---

<sup>7</sup> Associação Brasileira de Estudos de Estudos de Hipertexto e Tecnologia Educacional

Diante desses poucos trabalhos encontrados e com referenciais teóricos tão distintos daqueles que procuro, fiquei me perguntando que atitude tomar? O que fazer? Numa tentativa de depurar melhor os poucos textos encontrados, elegi para esta revisão alguns olhares e perguntas que se aproximavam especificamente dos meus interesses. Dentre eles, destaco:

- a) Os *blogs* como espaço de ensino/aprendizagem, de argumentação e reflexão;
- b) As novas tecnologias (computador/internet) e a escola;
- c) O computador/internet e os novos espaços de argumentação filosófica e de escrita reflexiva na escola.

As pesquisas foram trabalhadas nessa revisão à medida que as questões necessitavam ser resolvidas. A primeira foi relativa ao **blog como espaço de ensino/aprendizagem e de argumentação** e, para aprimorar a leitura reflexiva acerca do tema, foram analisadas as pesquisas de Santos (2009), Rodrigues (2004), Medeiros et. al. (2001), Freitas (2008), Castells (2005), Breton (2003), que referem à importância dos ambientes virtuais como aliados para o ensino/aprendizagem, desenvolvendo a autonomia da leitura/escrita.

Em relação **às tecnologias digitais (computador/internet) e a escola**, foram pesquisados autores como; Demo (2008), Ramal (2002), Pretto (2005), Kohan (2009), Lévy (2008a, 2008b), Lévy (2006), Larrosa (2006) e Alves (2001). Essas leituras foram realizadas para avançar no entendimento como as novas tecnologias poderiam influenciar positivamente o ensino/aprendizagem do aluno na escola e de que forma o computador/internet e as novas tecnologias podem modificar os espaços escolares e como é importante repensar a Filosofia na escola da atualidade.

“**O computador/internet e os novos espaços de argumentação filosófica e de escrita reflexiva na escola**” foi outra pesquisa feita para ampliação das reflexões realizadas no presente trabalho. Para tanto, recorri a alguns autores como: Perelman (2005), utilizados inclusive como referencial teórico para o embasamento e estofo filosófico da presente pesquisa, Perelman (1994), Perelman (2004), Perelman (1999), Perelman (1996), Pessanha (1989), Lemgruber (2009), Lemgruber (1999). Em todos esses autores foram analisadas e destacadas a

importância da argumentação, as técnicas argumentativas e a importância da argumentação filosófica na escola.

E, após as diversas leituras realizadas, foi possível perceber que o *blog*, como um ambiente reflexivo e de argumentação filosófica na escola, ainda não havia sido explorado e, que esse objeto de minha pesquisa trazia ainda, diversas questões que necessitavam ser respondidas. Outro fato que chamou a atenção foi que nada daquilo tinha sido desenvolvido por quaisquer dos autores supracitados, não tendo referência ao *blog como espaço para o argumento filosófico*. Mediante as considerações feitas anteriormente, creio ser a pesquisa ímpar, não se encontrando nenhuma outra do gênero e que, por isso, confirma a relevância do meu trabalho.

## 2- Chaïm Perelman e a Teoria da Argumentação (nova retórica)

### 2.1- Introdução ao referencial teórico

Desde o período clássico, a maneira de pensar e conceber o mundo ocidental se desenvolveu a partir dos princípios da tradição filosófica e cultural do povo grego, a qual passou por processos de transformações e ressignificações até o advento da Idade Moderna. Sabe-se que a Grécia antiga estava subdividida em comunidades independentes, que se alastravam junto à margem do Mediterrâneo, cujos modos de entender a vida se diferenciavam muito de uma cidade-Estado para outra.

Apesar disso, tais parcialidades continham em seu cerne algumas semelhanças, como a língua e a religiosidade, o que, em contato com outras culturas advindas dos povos que se estabeleceram na região, resultou tanto na difusão quanto na fusão da cultura grega. Dessa forma, na medida em que se forjaram novas teias de relações interculturais, o mosaico social, político, religioso e cultural inaugurou uma nova forma de pensar: ganhou força a consciência racional e filosófica em detrimento da consciência mítica e religiosa. As explicações mitológicas de um mundo dado e previamente determinado foram confrontadas face ao advento da razão, do empirismo e do debate racional.

Essa nova forma de organização, baseada no *logos*, foi chamada de *Pólis*. Através da concepção racional da sociedade, o comércio ganhou impulso, a moeda foi cunhada e, principalmente, ganhou destaque a propalada ágora grega, que, ao se tornar o centro da cidade, foi palco de transações comerciais e debates públicos. Temáticas como a defesa da cidade ou sua organização política eram proferidas por todos e a todos os cidadãos que a ela pertenciam, dando início ao sistema democrático direto de governo.

A palavra, o discurso e a razão aos poucos tomaram conta da praça, e os oradores, com seu poder de convencimento e retórica, se tornaram determinantes para a elaboração de assuntos públicos. A razão cabia a quem sabia convencer.

Os cidadãos gregos, auto-representando-se na ágora, buscavam, através da argumentação persuasiva, convencer os ouvintes da legitimidade de seu discurso. Para tanto, desenvolveram um conjunto de técnicas argumentativas, as quais compunham uma racionalidade aberta à polêmica e ao questionamento.

A argumentação na ágora tinha como princípio reconhecer o “outro” como um ser constitutivo e pertencente às discussões proferidas na praça. O “outro”, na Grécia, não era apenas alguém que expunha suas idéias e valores segundo princípios individuais, ele fazia parte de um conjunto, de um contexto e de um sistema de relações, em suma, de uma *Pólis*, em que o importante era o “todo” em que estava inserido.

Ademais, nas praças públicas (ágoras), o *diálogo* adquiriu força e foi considerado como a arte da persuasão. Ele não apenas possuía como função exprimir um discurso de cunho filosófico, em que a exposição de idéias está carregada de questões, mas percebia no “outro” uma possibilidade de encontro, permitindo àqueles que dialogavam persuadir e serem persuadidos pela fala alheia. No diálogo, os participantes não presumiam deter o conhecimento, mas sempre tinham com o que contribuir. A existência dessa linguagem comum fez com que as discussões passassem a ser direito de todos, complexificando as relações interpessoais.

O diálogo, na Grécia, surgiu como abertura para um novo modelo social: por meio do convencimento, do raciocínio, da exposição de idéias e da capacidade de falar e polemizar, o *logos* passou a ser critério para pensar e agir desse novo homem grego. Mesmo que hoje tenhamos nos distanciado historicamente da cultura grega, é inegável considerar que a capacidade do homem moderno de se relacionar, de dialogar racionalmente e de encontrar o “outro” é um espelho longínquo do pensamento clássico. Destarte, propus-me a trabalhar com uma metáfora que “desse conta” de aproximar - em face do surgimento das novas tecnologias, em particular o computador/internet - o sentido antigo da “praça pública” dos diálogos realizados na contemporaneidade, mediados pelos diversos ambientes virtuais: *ágora virtual*.

Entendo que os novos instrumentos de comunicação e relacionamento surgidos no final do século XX, como o computador/internet e os múltiplos ambientes virtuais, assim como a ágora na Grécia, vêm se tornando expressivos *centros* de discussão, posto ter sido criada com essas tecnologias uma nova forma de comunicação digital, que além de ser integrada e hipertextual é, sobretudo, híbrida e inter-relacional.

Nos diversos ambientes virtuais, como *chats*, *MSN*, fóruns de discussões e *blogs*, o diálogo se tornou significativa expressão de relacionamento, consolidando

um novo modo de comunicação. O computador/internet e todo seu arsenal tecnológico ampliaram os horizontes de conhecimento do homem e, conseqüentemente, de sua linguagem. Assim, argumentar e dialogar por meio do mundo virtual se tornaram práticas que ultrapassaram os limites de interlocução em face à presença física do outro.

Como nas praças, o *blog*, no mundo contemporâneo, lança e inaugura outro meio de relação. O contato virtual (em que não é necessária a presença física) e assíncrono (cada participante pode acessar os diálogos e discussões no tempo em que considerar pertinente), bem como o registro escrito, potencializam o questionamento e o argumento, substituindo a retórica oral, outrora utilizada pelo povo grego, os manuscritos e a escrita impressa.

A partir desse olhar, entendo que “filosofar” por meio do *blog*, extrapolando o ambiente da escola, pode ser um modo de instigar o questionamento dos alunos, possibilitando-lhes uma articulação discursiva autônoma e emancipativa frente às discussões filosóficas, por meio da argumentação e do relacionamento interativo.

Assim, a presente pesquisa pretende compreender, a partir da experiência como professor de Filosofia, quais contribuições a prática argumentativa no *blog* pode gerar para a reflexão filosófica em alunos do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental. O trabalho é uma imersão na experiência realizada a partir da análise do processo argumentativo empreendido pelos discentes, materializado em postagens nos espaços virtuais destinados à disciplina. O estudo tem como ponto de partida analisar os argumentos e seus desdobramentos como balizadores do ensino/aprendizagem de Filosofia.

Para tanto, utilizo como referencial teórico as obras de Chäim Perelman, em especial o *Tratado da Argumentação - a nova retórica*, escrito em parceria com Lucie Olbrechts-Tyteca, motivo pelo qual nos aproximamos dos trabalhos do grupo de pesquisa em Teoria da Argumentação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, no âmbito do programa de Pós-Graduação.

Segundo o filósofo Perelman, a condição de existência de uma boa argumentação é a escolha cuidadosa e consciente de técnicas argumentativas por parte do enunciador, que busca a adesão de seu auditório. Ele acredita que tão importante quanto falar é permitir ao outro dizer também o que pensa, se contrapor, somar ou concordar com o discurso inicial. O autor destaca ainda o fato de que, ao contrário da antiguidade clássica, quando a argumentação dependia de um auditório



presente e de uma oralidade, na contemporaneidade o discurso escrito seria um dos principais instrumentos de persuasão, por isso a pertinência da utilização de tal referencial teórico em nossa dissertação.

A pesquisa pretende estabelecer um ponto de encontro entre o desenvolvimento da capacidade argumentativa do aluno nas aulas de filosofia e as novas tecnologias na escola. A pretensão do trabalho é analisar a experiência de criação de um espaço argumentativo por meio do computador/internet, via *blog*, em que o discente tem a possibilidade de exercer a escrita reflexiva e dialógica, com a intenção de forjar teias de argumentos filosóficos propícias à persuasão, à heterogeneidade, à autonomia e à pluralidade de teses e opiniões. A proposta é trabalhar o conceito de um novo espaço retórico que seja, ao mesmo tempo, aberto, dinâmico, interdisciplinar e heterogêneo.

Importa salientar que enxergo, na prática argumentativa no *blog*, um meio de tensionar o diálogo reflexivo, coletivo e compartilhado. Contudo, isso não significa dizer que os debates visam alcançar um consenso ou uma conclusão, mas devem ser apenas um ponto de partida para a reflexão e a argumentação filosófica.

Assim, a partir da análise dos argumentos postados nos *blogs* destinados ao ensino de Filosofia, onde noções de espaço e tempo são relativizadas, considero tais ambientes como lugares de mediação, embate de idéias, reflexão, participação e democracia, ou mais, como uma verdadeira *Ágora Virtual*. Falar do relacionamento promovido através dos espaços virtuais e de todo o diálogo possibilitado nos novos ambientes, em que a linguagem se encontra mais uma vez como pressuposto determinante da vida humana, exige um exame adequado das técnicas de argumentação.

Por isso, convido o pensador da teoria da argumentação Chaïm Perelman, bem como sua parceira, Lucie Obrecht-Tyteca, para ajudar a entender melhor o processo argumentativo recorrente no mundo virtual dos *blogs*.

## 2.2. Trajetória e contexto de Chaïm Perelman

O pensador da argumentação Chaïm Perelman (1912-84) nasceu na Polônia, mas viveu boa parte de sua vida na Bélgica, onde completou seus estudos. Juntamente com Gaston Bachelard, participou de um grupo em Zurique que elaborava a revista chamada *Dialética*, sob a liderança intelectual do filósofo F. Gonseth. Em diversos estudos e trabalhos elaborados durante as publicações da revista, contestou os paradoxos existentes expressos com os teoremas de Russell e Gödel. A partir dessas contestações e estudos, desenvolveu sua aproximação com a retórica de Aristóteles, na busca por uma alternativa racional e aplicável, mas que não fosse apreensível pela formalização pura.

Após apresentar em uma conferência seu primeiro trabalho sobre a argumentação, com bastante êxito, incorporou-o em sua obra, em 1952, de nome *Lógica e Retórica*. Depois de alguns anos divulgando sua publicação, redigiu, em 1958, em parceria com Lucie Olbrechts-Tyteca, seu mais importante trabalho: *Tratado da Argumentação. A nova retórica*. A partir do sucesso de sua pesquisa, pôde ainda publicar, na década de 70, a coletânea de artigos *O campo da argumentação e Lógica Jurídica (nova retórica)*, o *Império Retórico*, em 1977. Foram publicados ainda, de autoria de Perelman, os livros *Ética e Direito e Retóricas*. No Brasil, a obra de Perelman passou a ser conhecida com os estudos do filósofo José Américo Pessanha (1989), nos fins da década de 80.

Para a compreensão dos motivos que levaram à elaboração da “teoria da argumentação” por Perelman, é necessária uma breve abordagem do contexto histórico-filosófico em que emergiu o paradigma científico moderno a partir do século XVII e, mais adiante, dos fatores que levaram à crise deste mesmo paradigma, nos séculos XIX e XX.

A visão de mundo que se constituiu com a revolução científica seiscentista naturalizou-se em nossa sociedade, de modo que hoje é difícil analisá-la crítica e historicamente. A crença em um modo de vida e pensamento que visam objetivar nossa relação com a natureza e concebê-la de forma utilitarista, é certo, predomina na contemporaneidade. E mais, a busca por soluções para os problemas encarados pelas sociedades ocidentais, especialmente, parece ter fim apenas no encontro de uma certeza postulada cientificamente, de modo a tornar-se espantosa a descoberta

de que tais posturas se constituem em invenção humana, tornadas hegemônicas em confronto com outras maneiras de pensar e agir outrora dominantes.

Uma das mais destacadas características do pensamento científico moderno é seu caráter experimental, racionalista. Como exemplo, posso citar a concepção de Galileu Galilei, para quem “o livro da natureza está escrito em caracteres matemáticos” (GALILEI, 1623). Por sua vez, Descartes confirma a ideia de Galileu quando, por uma “intuição religiosa”, defende a noção de que Deus se expressa matematicamente na Criação. Com isso, o filósofo estava mecanizando e geometrizando uma natureza que, até então, era vista como parte integrante harmônica e orgânica da vida humana, e não como um elemento externo a ela.

O conhecimento científico se tornou o balizador do pensamento do homem ocidental. A objetivação da natureza e os métodos racionais dedutivo e indutivo passaram a ser a principal fonte de acesso à “verdade”. Assim, foi com a ascensão do pensamento burguês e o papel generalizado das evidências a partir do século XVI, fossem elas pessoais, com o protestantismo; racionais, com o cartesianismo ou sensíveis, com o empirismo, que a retórica foi relegada ao campo do esquecimento e do desprestígio. As palavras “retórica” e “discurso” ficaram associadas simplesmente a “um rebuscamento de figuras de linguagem ou, ainda pior, a um artifício para ludibriar e enganar” (LEMGRUBER, 2007), motivo pelo qual mergulharam na negatização no universo das disciplinas acadêmicas.

Contudo, ao mesmo tempo em que crescia a adesão à “ciência positiva”, na Filosofia, na psicanálise, na história e até mesmo nas ciências exatas, para citar alguns campos, propostas dissonavam da ideia absoluta de ciência e verdade. Nietzsche, por exemplo, desnaturalizou a acepção de uma verdade universal e estática, revelando processos historicamente construídos de relação entre política e razão e deixando entrever o caráter mutável do conceito.

É nesse contexto de pensamento que emergem as teorias de Perelman. O filósofo tenta afastar, na concepção moderna, a redução da razão a um tipo único de racionalismo e da identificação da prova racional com a analítica. Para Perelman, não significa o desaparecimento de provas, mas sim a associação dessas com um princípio que permanece no campo da argumentação e das probabilidades, não mais no âmbito de uma certeza absoluta.

Com a intenção de ampliar esse campo argumentativo e das probabilidades, Perelman, apresenta os princípios da filosofia regressiva como aquela capaz de

aclarar os fatos sem incidir nas certezas dos fatos como a única explicação plausível.

### 2.3. Uma Filosofia Regressiva e Pluralista

Para começar a abordar questão da filosofia regressiva e pluralista, é necessário, antes, começar entender o que significou para Perelman o conceito da chamada filosofia primeira.

A filosofia primeira deve ser entendida em seu conceito, como toda posição filosófica que evoca princípios de ordem da natureza ontológica, epistemológica ou axiológica. O ponto de partida é constituído de uma realidade necessária, um conhecimento evidente e de um valor absoluto, diante dos quais somente resta aceitar o que é colocado como verdade. A pretensão desse modo de pensar da filosofia primeira é de constituir um espaço inquestionável e ao mesmo tempo incontestável.

Todo aquele que somente busca um modo de conhecer, pode ser levado à crença e ao dogmatismo, justamente, por estar assentado sobre fundamentos imutáveis.

Com a tentativa de desestabilizar as certezas dogmáticas colocadas pelas filosofias primeiras, nascem as filosofias regressivas. Elas surgem no instante em que Perelman pretende analisar os fundamentos dos sistemas filosóficos, no contexto de sua articulação com seu próprio sistema e de acordo com os desdobramentos e as conseqüências que ele deve prever e justificar.

Perelman entende que nenhum fundamento é eterno, logo, não é possível encontrar de forma segura um abrigo que permita ao homem elaborar questionamentos futuros. Revisar é importante, pois, significa examinar as situações concretas que se colocam em desacordo parcial ou total, com o que deveria ser explicado.

Para Perelman, a filosofia regressiva, para ser um conhecimento confiável deve estar apta a olhar realidade em que se encontra, mas sempre utilizando referências flexíveis para as explicações. Um saber possui um estatuto confiável à medida que seu poder explicativo fica mais amplo e que é permitido o diálogo.

A concepção epistemológica de Perelman tem um paralelo com a análise da argumentação na Filosofia de Bachelard: "novo espírito científico", razão dinâmica e aberta e concepção da atividade científica como a constante "reformulação de ilusões". Para Perelman, a Filosofia regressiva de Bachelard substitui os princípios

fundamentais aclarados por uma razão que, “iluminada”, precede os fatos, por uma explicação pelos próprios fatos.

Dessa forma, a nova retórica perelmaniana representa uma retomada e ressignificação dos princípios fundamentais da razão grega antiga e uma recuperação da retórica e da dialética. A tradição legada do “falar bem para pensar bem”, ou seja, expressar pontos de vista, segundo Perelman, é herança primordial para o bom exercício da democracia. O convencimento pela via do cientificismo e pela objetivação da natureza dá lugar à influência sobre as pessoas através de variadas técnicas de persuasão.

A partir da utilização das variadas técnicas, não mais poderá conceder a qualquer tipo de grupo ou indivíduo, o privilégio de fornecer um modelo de verdade. Essa indefinição de padrão entre o certo ou errado, que abre espaço para o surgimento do pluralismo filosófico. O pluralismo utilizado por Perelman é como uma terceira via, que não quer nem se apoiar no irracionalismo e nem na racionalidade demonstrativa. Ele apenas quer ter uma outra forma de racionalidade, igualmente legítima e insubstituível, sobretudo no campo do singular, do histórico e do axiológico: que é uma racionalidade construída mediante ao provável e ao verossímil que as certezas escapam ao conceito humano.

A razão obtida pela filosofia pluralista não exclui a razão necessária, que é atemporal e nem a razão argumentativa, que é temporal, mas, tenta estabelecer um jogo em que ambas se contrapõe completamente. Na filosofia pluralista, o homem é o ponto de partida para suas questões e investigações.

### *2.3.1. Perelman e a Filosofia Regressiva*

Antes de expor a relação teórica de Perelman com a Filosofia regressiva, é pertinente tecer algumas considerações sobre o que podemos chamar de Filosofia primeira e Filosofia regressiva.

O filósofo Aristóteles parte do princípio de que a Filosofia primeira é qualquer metafísica que dá sentido e fundamento ao ser (ontologia), ao conhecimento (epistemologia) e à ação (axiologia), e se empenha em provar que os três princípios constituem a base de toda problemática filosófica. Na Grécia antiga, a luta dos sistemas filosóficos permitiu a compreensão de que um metafísico que atacava o

outro, somente poderia fazê-lo se antes aceitasse a proposição metafísica de seu adversário.

Quando uma “Filosofia aberta”, também chamada de “Filosofia regressiva”, propõe-se a tensionar questões contra a metafísica, ao contrário do que acontece no embate entre Filosofias primeiras, adota um sentido oposto a elas. Apesar de ambas, a Filosofia regressiva e as primeiras, admitirem axiomas e pontos de partida, aquela se diferencia na apreciação do estatuto ontológico, epistemológico e axiológico de tais premissas. Enquanto as Filosofias primeiras buscam critérios de necessidade, evidência e imediação que justifiquem a existência de uma verdade absoluta na base do sistema, a Filosofia regressiva considera a validade de seus critérios a partir da mensuração de fatos colocados à prova. Acerca das Filosofias primeiras, Perelman referencia:

O fundamental, para uma Filosofia primeira, constitui o absolutamente primeiro, o que é suposto por tudo o que não é fundamental, não só de fato, mas também de direito [...]. Quando, em Filosofia primeira, fala-se das exigências da razão, é em nome de uma concepção não empírica, mas absolutista, da razão. Quando nela se afirmam necessidades lógicas, é de modo prévio a qualquer idéia positiva da lógica (PERELMAN, 2004, p. 135).

Portanto, nas Filosofias primeiras, o pensador parte do princípio de que existe uma intuição ou uma evidência para afirmar uma validade que seja, ao mesmo tempo, universal, incondicional e absoluta. Uma Filosofia primeira está sempre em busca de definições que forneceriam ao sistema metafísico uma base invariável e eterna. Além disso, são individualistas e universalistas, partindo, invariavelmente, de evidências de uma única mente para serem declaradas como universalmente válidas.

Por isso, a crítica feita a essas Filosofias deriva do fato de que resultam de um raciocínio que tende a elaborar proposições fundamentais que se vinculam a algo que lhes é anterior, ou seja, uma intuição ou evidência dadas como um valor absoluto. Ademais, a incapacidade demonstrada pelos metafísicos de atingir um consenso sobre o que deveria ser considerado evidente e necessário, pôs à prova essas Filosofias, além de os especialistas, em uma crítica interna, chamarem a atenção para o fato de ser impossível a construção de um sistema coerente que não incluía os dados da experiência.

Em contrapartida, uma Filosofia regressiva é relativa aos fatos e considera as proposições fundamentais como solidárias, no interior do sistema. Ela se opõe ao valor absoluto das supostas verdades das Filosofias primeiras. Para a Filosofia regressiva, os princípios não são determinados por evidências, intuições ou privilégios, mas pelas conseqüências dos fatos que servem como ponto de partida para a construção do conhecimento filosófico. Os princípios fundamentais da Filosofia regressiva não são baseados em intuições que precedem os fatos, mas, ao contrário, são esses fatos que têm a possibilidade de esclarecê-los, solidários às suas conseqüências.

Perelman, a partir da Filosofia regressiva, nunca considera os elementos dos diversos sistemas filosóficos como referências absolutas, pois admite que não é possível estabelecer respostas definitivas aos problemas em questão.

Ele apresenta quatro elementos norteadores da Filosofia regressiva, que nos ajudam a melhor entender o seu sentido: a integridade, dualidade, revisabilidade e responsabilidade.

O princípio da integralidade, para ele, é aquele que prevê uma solidariedade articulada entre os fatos analisados e as categorias que os devem explicar. O adepto da Filosofia regressiva deve priorizar a totalidade da experiência, justamente por esta ser um sistema inacabado, incompleto e imperfeito de toda a construção filosófica, sempre aberto à revisão e à possibilidade de um novo olhar.

Os partidários de uma Filosofia regressiva são capazes de entender-se, de discutir, de confrontar suas opiniões, de adaptá-las. A discussão constitui elemento essencial para o desenvolvimento de seu pensamento, que é, por princípio, um pensamento aberto (PERELMAN, 2004, p. 140).

Assim, se o elemento da integralidade leva em conta a visão sistêmica e totalizante do saber, o princípio da dualidade, por sua vez, deriva-se de sua incompletude, do inacabamento do pensamento filosófico. A aceitação desse princípio representa o reconhecimento de toda a imprevisibilidade, contingência e liberdade, que dão significado ao tempo e à história. A associação entre esses dois princípios, integralidade e dualidade, caracterizam a Filosofia regressiva e são a causa dos demais princípios.

O princípio da revisabilidade afirma que não existe nenhum sistema, *a priori*, que não seja passível de uma revisão. É claro que as modificações nos sistemas só



serão feitas se houver uma razão para tanto. A adaptação de um pensamento a uma nova situação dependerá da reflexão de um homem, a partir de uma escolha tomada dentro de um universo múltiplo de possibilidades. É nessa decisão que entra o peso do princípio da responsabilidade, pois, o pensador, consciente de sua tarefa, julgará o sistema em uma perspectiva dialética, o que introduz o elemento humano e moral na Filosofia regressiva. Cabe destacar ainda que essa escolha não pode ser fruto de uma necessidade, porque, desse modo, negando-se os princípios antes mencionados, não haveria o imperativo da presença humana, sendo que as tomadas de decisões poderiam ser feitas por máquinas programadas. O homem não escolhe de forma arbitrária, ele, sim, avalia os argumentos que lhe foram apresentados, adapta seus sistemas de pensamento, modifica suas concepções e justifica sua posição para obter adesão de seus pares.

A retórica, analisada por Aristóteles, permite compreender a lógica do “preferível”, presente na Filosofia regressiva, e não a do verdadeiro. Os argumentos utilizados na retórica influenciam o pensamento, mas nem sempre é necessária a adesão do interlocutor. A partir do princípio da responsabilidade, o filósofo passa a atuar como um juiz: inicia sua reflexão partindo de um conjunto de fatos, nem necessários, menos ainda absolutos, mas suficientemente seguros para formar seu pensamento. Como esse ficará aberto, será possível a inclusão de fatos, a revisão responsável.

Desse modo, a Filosofia regressiva acredita que, como tantos princípios tidos como certos tiveram de ser abandonados, não podemos deixar de supor que uma experiência pode transformar qualquer princípio que vier surgir. A Filosofia regressiva prima por uma sociedade de mentes livres, em interação umas com as outras, em que o homem nunca está submisso a uma ordem necessária e pode escolher de acordo com as regras flexíveis e dialéticas da retórica.

### *2.3.2. Argumentação e Filosofia Pluralista*

A escrita de Perelman se propõe a uma ideia de razão que abriga o vasto campo de possibilidades do conhecimento humano. A teoria da argumentação é essencialmente pluralista e, portanto, corresponde também a uma pluralidade de métodos. Dada esta perspectiva, é preciso destacar, contudo, que a Filosofia pluralista não abandona a ideia de verdade e de razão. Como enfatiza Lemgruber

(2007), Perelman não nega a racionalidade dedutiva e demonstrativa, mas sim a pretensão de uma razão única, balizadora dos domínios do conhecimento em “racionais e irracionais”, a qual incorre no perigo de se considerar, pela não-matematização, as ciências humanas ou sociais como inferiores às exatas e naturais (LEMGRUBER, 2007, p. 03).

Perelman deixa claro que trilha uma terceira via, entre o irracionalismo e a racionalidade matemática ou silogística. Opta, para isso, por outra forma de racionalidade, “construída no âmbito do verossímil, do plausível, do provável, na medida em que escapa às certezas do cálculo” (PESSANHA, 1989, p. 231).

Por isso, opõe-se aos diversos tipos de monismos, sejam eles ontológicos, religiosos, axiológicos, metodológicos, sociológicos ou políticos, que trazem como premissa a superioridade de um tipo de ser, de uma crença, de um valor social, de um método, de um grupo social ou de um partido político. Esse motivo explica sua crítica ao pensamento cartesiano:

As Filosofias monistas procuram sempre reduzir a pluralidade de opiniões opostas à unicidade da verdade. Para conseguir, eles imaginaram uma razão divina, garantia do verdadeiro e do justo, onde a razão humana seria só um reflexo. Esta razão eterna e invariável, reconhecendo a evidência de certas proposições, garantiria pelo fato em si sua verdade, que se imporá a todo ser racional. É assim que, para os racionalistas, tais como Descartes ou Spinoza, o método dos geômetras que procede por intuição e por demonstração serviria de modelo a todos os problemas humanos, as regras válidas em matemática se impondo em todos os domínios (PERELMAN & TYTECA, 1996 p.16).

Quando as ideologias monistas não conseguem fazer prevalecer seus pontos de vista, podem chegar a recorrer à violência em nome de Deus, da razão ou da verdade. Esse monopólio exclui os pluralismos filosóficos e se constitui num mecanismo de mitigação e silenciamento dos conflitos.

Ainda hoje nos deparamos frequentemente com uma concepção monista/cientificista de sociedade. O perigo dessa inferência está na tentativa de tentar disfarçar um discurso ortodoxo e unívoco sob uma máscara “apolítica”. Ao colocar o discurso objetivo científico como neutro e capaz de produzir juízos verdadeiros e imparciais, abrem-se caminhos para a construção de ideologias e estruturas antidemocráticas, autoritárias e etnocêntricas. Nota-se, assim, estreita vinculação das categorias de discurso e retórica a circunstâncias políticas e sociais.

Por outro lado, em épocas de grandes transformações, onde prevalecem os impulsos de descentralização e democratização do poder político, além de instabilidades, incertezas e dúvidas, florescem as Filosofias abertas e dialógicas. Perelman se situa no contexto de luta política pelos direitos do homem no pós-guerra, tomando como ponto de partida para suas reflexões o indivíduo concreto. Para ele, o pluralismo

(...) recusará a conceder a qualquer indivíduo ou grupo, qualquer que seja ele, o privilégio exorbitante de fornecer o único critério do que é válido e do que é oportuno, privilégio que só pode levar à desmesura e ao totalitarismo, pois ele se arrisca a sufocar e a oprimir outros indivíduos e outros grupos igualmente respeitáveis (PERELMAN, 1979, p. 13).

O homem, abalado pela modernidade, põe em questão tudo o que vê pela frente e, as convicções, que antes eram considerados solos férteis e firmes, tornam-se arenosos e escorregadios. A dúvida, nesse período é colocada como única certeza, que nada é definitivamente correto.

A grande riqueza da razão humana é o questionamento que emerge e, as dúvidas são os mais novos balizadores do pensamento humano. O que resta ao homem totalitário, que tentou constituir um edifício de arquitetura sufocante e repressora dos seus pares, são as ruínas do seu próprio edifício. Para a filosofia pluralista, somente mediante o diálogo aberto é possível a reconstrução do mundo.

## 2.4. Teoria da Argumentação

A argumentação, tal como ocorria na antiga Grécia, encaminha o homem a intervir na razão de seu par, elaborando verdades distintas, demonstrações, provas e indícios dentro de um vasto campo de possibilidades e por meio de técnicas de argumentação, que persuadem e geram conflitos concomitantemente.

Perelman percebeu que em todos os campos de opiniões e, por consequência, de controvérsias, sejam eles espaços políticos legitimados ou os novos espaços públicos de relacionamento, os interlocutores recorrem sempre a técnicas argumentativas.

A argumentação se torna um meio de construção de consentimentos e dissensos sobre o que é discutido, numa constante e interminável tentativa de propiciar e possibilitar novos sentidos. Para Perelman, apesar de almejada, a adesão à tese enunciada não é necessária ao processo argumentativo, o que importa é a elaboração de um argumento que seja lógico, coerente, pertinente e que, ao mesmo tempo, contenha critérios e objetivos gerais que possam ser aferidos segundo os valores universais existentes, e não relegá-los ao arbítrio e ao juízo individual.

É possível entender, destarte, que a maior contribuição de Perelman é a contraposição complementar de uma razão argumentativa, imersa na história, a uma razão atemporal e universal. Perelman critica o expansionismo indevido da razão dedutiva e demonstrativa – que se impôs como modelo e critério de aferir a verdade – em detrimento de outro modo de pensar, mais dialógico e reflexivo e constituído em uma coletividade, onde a verdade não é nenhuma certeza, mas, é parte de uma tese que está em discussão.

### 2.4.1. Os âmbitos da argumentação

#### 2.4.1.1. Dialética e retórica

Para melhor compreender o que Perelman concebe como teoria da argumentação, é necessário enfatizar que existe uma diferenciação entre ela e a dialética de Platão. O filósofo grego pretendia, através do diálogo, necessariamente conquistar a adesão dos seus interlocutores, uma vez que em sua tese existia uma

suposta correspondência com a verdade. O polonês, por seu turno, seria culturalista como os sofistas, não concebendo uma verdade única e absoluta, mas sim um universo de possíveis verdades humanas. Apesar de não renunciar totalmente à vontade de se dirigir à universalidade dos espíritos, a teoria da argumentação:

pelo fato de não lidar com a linguagem inteiramente formalizada da lógica matemática, construída com base na univocidade de signos convencionais, antes utilizando os recursos da linguagem natural, marcados pela ambigüidade e pela polissemia, não pode contar com a adesão universal, embora em certos casos possa pretendê-la. É que se constrói entre o lógico e o psicológico, jamais se desprendendo das condições e circunstâncias das pessoas que interagem argumentativamente (...). Os pressupostos — freqüentemente implícitos — dos auditórios colocam a teoria da argumentação, inevitavelmente, em estreita conexão com a sociologia do conhecimento e com a análise das ideologias (PESSANHA, 1989, pp. 232-3).

A retórica argumentativa é polissêmica e seu sentido generalizado e difuso faz parte do diálogo. O argumento, sob esta perspectiva, pode ser entendido como qualquer razão que queira, a partir da sua capacidade de persuasão, elaborar meios para captar assentimentos com intuito de induzir e convencer as opiniões do seu auditório. Como informa S. Tomás de Aquino: “*Argumento é o que convence (arguit) a mente a assentir em alguma coisa*” (De ver., q 14, a.2, ob.14). E continua Perelman a esclarecer:

[...] uma discussão não é mais do que um meio que utilizamos para nos esclarecer melhor. O acordo consigo mesmo é apenas um caso particular do acordo com os outros. Por isso, do nosso ponto de vista, é a análise da argumentação dirigida a outrem que nos fará compreender a deliberação consigo mesmo, e não o inverso (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 46).

Perelman defende que o campo do argumentativo deve sempre permitir a abertura de uma nova discussão, propiciando, se for o caso, a mudança de opinião tanto por parte do orador quanto do seu auditório. Destaca que não é necessário o encerramento definitivo de questões, podendo essas serem sempre reabertas e rediscutidas, justamente por compreender a validade do argumento não pelas suas conseqüências, abandonando uma perspectiva utilitarista, mas, ao contrário, se aproximando daquilo que chama de Filosofias neoplatônicas, voltadas a uma ontologia que hierarquiza os diversos aspectos da realidade.

Nesse momento, o teórico da argumentação aproxima de outro filósofo, o grego Aristóteles. Para o antigo pensador, pai da lógica formal, o raciocínio dialético

presente nos diálogos devia ser posto ao lado do raciocínio analítico formal. Aristóteles concebia a dialética como a arte de raciocinar a partir de opiniões verossímeis e aceitas, as quais nunca eram verdadeiras ou falsas.

O esforço para desenvolver a argumentação se iniciava, segundo Aristóteles, no momento em que o orador procurava junto ao seu auditório elaborar um profundo exame na estrutura do pensamento enquanto aquele capaz de apresentar provas e bases conceituais sólidas para o desenvolvimento do raciocínio. É evidente que saber aonde se queria chegar com a argumentação era tão importante quanto saber iniciar seu próprio argumento, ou seja, a escolha de um lugar próprio à argumentação havia de ser estabelecida para que ela pudesse se efetivar.

Sobre isso, Oliveira (2007) orienta:

Sob a ótica de Aristóteles, a noção de argumento está ligada aos lugares [topoi] que constituem o objeto de investigação dos Tópicos [em uma perspectiva mais direta] e da Retórica [de uma maneira transversal]. A importância atribuída por Aristóteles aos “topoi”, por sua vez, indica a influência que a escolha destes possui na obtenção de resultados efetivos no processo argumentativo (OLIVEIRA, 2007, p. 268).

Atualizando as concepções aristotélicas, Perelman acredita que nas disciplinas práticas, como a ética, a argumentação se impõe como uma necessidade, e as escolhas e controvérsias são inevitáveis.

#### 2.4.1.2. Opiniões e verdade

A oposição de “verdade” às diversas “opiniões” faz parte do elaborado da tradição filosófica. A “verdade”, como base do pensamento filosófico, tem como pressuposto distinguir, em um debate, o que é “falso” do “verdadeiro”, a “realidade” da “utopia”, o “devaneio” do “objeto” e, nesse sentido, tem como objetivo ajudar a trilhar caminhos que alertem contra qualquer tipo de divagação.

O instante do discernimento entre “opiniões” e “verdade” acontece quando existem conflitos de pontos de vistas frente a algum objeto em discussão. Nesse momento, estabelece-se o erro, a inexatidão e o caráter ilusório de determinadas opiniões, enquanto outras, para serem aceitas, passam pelo critério da evidência.

Tudo aquilo que contiver dúvidas, torna-se descartável, já o que é tido como evidente se transforma em verdade objetiva.

A evidência não pode sofrer nenhum tipo de variação dada pelo tempo ou espaço, muito menos deve depender das características individuais do pensamento humano. Para fazer o uso correto da razão, o homem deveria eliminar tudo aquilo que servisse de barreira para a percepção das evidências, pois essas não seriam criações individuais, históricas ou sociais, e sim verdades universais e eternas. Foi nessa perspectiva, na aceitação de verdades absolutas, que foram forjados sistemas filosóficos como o da metafísica grega ou os de Santo Agostinho e Descartes, com sua teoria do conhecimento, ontologia e teologia.

Em outro olhar acerca de “opiniões” e “verdade”, as Filosofias nominalistas têm como princípio fundamental os saberes não mais em evidências, mas sim em uma relação de experiência indubitável, a qual procura um ponto de apoio que seja absoluto para o entendimento e o conhecimento. Não são conjuntos de ideias aparentemente claras, baseadas em evidências, que fundamentarão os saberes. Para as Filosofias nominalistas são as sensações, o empirismo, a intuição, que fornecerão as conexões entre as ideias, pois os filósofos dessa linha julgam que todos os homens possuem a mesma experiência sensível.

Seriam os fatos, fundamentos inabaláveis e incólumes a críticas, os “átomos” do saber para os nominalistas. Qualquer afirmação mais geral do que aquela produzida pelos fatos se constituiria em uma opinião, ilegítima sem a confirmação daqueles. O conhecimento, derivado do contato entre sujeito e objeto, deveria estar livre de subjetivismos e informado unicamente pela intuição.

Desse modo, percebo que, apesar de suas diferenças, o racionalismo realista e o empirismo recorrem a soluções semelhantes para dispor sobre os fundamentos do conhecimento. Eles deveriam ser indubitáveis e constituir uma manifestação autêntica do real na mentalidade dos homens.

Em tais doutrinas, as opiniões perdem a importância e passam a ser, necessariamente, equivocadas ou mal explicadas. As opiniões são tidas como algo ligado ao senso comum, à prática, à vida cotidiana, não adquirindo nenhuma expressão no ambiente da ciência.

Quando se reivindica a não imposição das evidências e a rejeição do absolutismo, recobra-se a relevância inegável das opiniões. Essa reabilitação faz com que, para Perelman (2004, p. 365), “todas as opiniões [fiquem] mais ou menos

plausíveis, e os juízos que fundamentam essa plausibilidade não são, por sua vez, estranhos a toda controvérsia”. O conhecimento, dessa forma, torna-se humano, imperfeito, em que a imprecisão e generalização estão sempre presentes.

Finalizo esse tópico com uma significativa ponderação de Perelman (2004)

A razão, que é o apanágio e glória de cada ser humano, não é essa faculdade eternamente invariável e completamente elaborada, cujos produtos seriam evidentes e universalmente aceitos. A racionalidade de nossas opiniões não pode ser uma garantia definitiva. É no esforço, sempre renovado, para fazer que as admitam pelo que consideramos, em cada domínio, como a universalidade dos homens razoáveis, que são elaboradas e purificadas as verdades, que constituem apenas as nossas opiniões mais seguras e provadas (PERELMAN, 2004, p. 367).

Por mais que existam regras que orientem a racionalidade, o conteúdo ao qual se aplicam é resultado de opiniões humanas, que revelam as características de seus autores, sua formação e tradição.

#### 2.4.1.3. O orador e seu auditório

Para melhor compreender os âmbitos em que a argumentação se torna possível, é necessário antes explorar um de seus principais elementos: a relação entre o orador e o auditório. Para tanto, Perelman estabelece, inicialmente, uma distinção entre o conhecimento demonstrativo, por um lado, e a argumentação, por outro.

Em uma demonstração, regras explicitadas em sistemas formalizados são pontos de partida para as inferências. Nesse caso, os axiomas não são postos em discussão e não há qualquer preocupação em saber se são aceitos ou não em seu auditório. Por sua vez, o fim de uma argumentação não é deduzir conclusões, mas sim provocar ou aumentar a adesão de um auditório frente às teses apresentadas. Por isso, pressupõe uma afinidade de espíritos entre o orador e seu auditório.

Para a existência da argumentação é importante haver um entendimento e aceitação prévia daquilo que é discutido. Somente a partir desse pressuposto é possível considerar existir a comunicação entre o orador e seu auditório. Como relatam Perelman e Tyteca (2005) acerca da importância da relação entre o orador e seu auditório:



Esse contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela. Com efeito, como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 21).

Como é possível observar, uma das características do auditório é conter as possibilidades para que os diálogos, conceitos, afirmações, contestações e dúvidas possam trafegar em seu interior. Todo orador procura ter consciência do auditório para o qual seus discursos serão proferidos, pois somente assim poderá persuadi-lo. O auditório seria, desse modo, o conjunto de pessoas a quem se quer influenciar.

Para o filósofo Perelman, a arte da argumentação está na capacidade do orador em persuadir de múltiplos modos um auditório heterogêneo com seus diversos caracteres, perfis e posturas. Logo, para se estabelecer um diálogo com capacidade persuasiva é fundamental saber o que se pretende conquistar. É ao fazê-lo que se torna possível encontrar meios para elaborar um argumento eficaz. O ponto de partida para estabelecer e efetivar um argumento é conhecer o outro, seu contexto e sua realidade, isso é condição prévia de qualquer argumentação eficaz.

Desse modo, é necessário observar que “[...] o importante para quem se propõe a persuadir efetivamente indivíduos concretos é que a construção do auditório não seja inadequada à experiência” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 22). Assim, logo se suporia que, para o orador ser devidamente ouvido e considerado em seu argumento, seja ele da área acadêmica ou não, procuraria nas estratégias argumentativas meios de “convencer” sobre seu discurso. Quanto mais e mais fortes forem os recursos e elementos utilizados para persuadir um auditório, maior a importância do orador.

Para existir uma boa argumentação é importante antes persuadir o ouvinte. Afirma Perelman que “o importante na argumentação não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro ou probatório, mas qual é o parecer daqueles a quem ele se dirige” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 26). Saber o que falar, para quem, como e quando se fala é um modo de garantir a apreciação de uma tese frente ao auditório.

Todavia, é importante mencionar que a retórica do enunciante e sua razão argumentativa não podem ser condicionadas aos valores dos ouvintes, do mesmo modo que o auditório deve ter liberdade para agir como um juiz: escutar, ponderar, julgar e aderir ou não à tese inferida. Desse modo, posso entender que o convencer

e o persuadir são limites imprecisos e que o auditório está sempre suscetível à interpretação equivocada do seu orador, obrigando-o sempre a buscar novos caminhos que possam ajudá-lo a ser compreendido e a compreender.

É importante destacar também que argumentação não tem como finalidade única a adesão intelectual, ela objetiva, igualmente, instigar a ação, ou seja, levar o auditório não apenas a uma posição de concordância ou discordância, como também a uma atitude prática e crítica a partir da adesão ao argumento balizador do discurso.

Aquele que argumenta se dirige ao homem como um todo e utiliza métodos apropriados tanto a objetos do discurso como ao tipo de auditório sobre o qual se dirige. Mas quem é esse auditório? Perelman e Tyteca indicam três tipos de auditórios possíveis para o desenvolvimento da argumentação,

o especializado, o universal e o de elite. O primeiro estaria representado por especialistas de determinada área. Já o auditório universal é típico da Filosofia, pois cada pensador — desde que defenda alguma forma de racionalismo — procura construir uma argumentação capaz de persuadir e conquistar a adesão, em princípio, de todos os espíritos racionais [...]. A pretensão de universalidade pode levar, porém, à afirmação dos auditórios de elite, constituídos segundo critério qualitativo. Esses auditórios comportam apenas os 'normais', os 'sábios', os 'competentes', os 'beneficiados pela graça', os 'eleitos' etc. — enfim, aqueles que, por algum motivo, se destacariam do restante dos homens, mostrando-se aptos a receber a verdade que escapa aos demais [...]. Permitem esses auditórios também repudiar o oponente como incapacitado, anormal ou recalcitrante, num tipo de intolerância autoritária que acompanha frequentemente as concepções monistas — teológicas, filosóficas, políticas etc. — e a noção de verdade única (PERELMAN & TYTECA, 2005, p.37).

Em um auditório especializado, como é a sociedade científica, com suas publicações e artigos apresentados nos cadernos e revistas especializados do universo acadêmico, o autor pode desconsiderar alguns cuidados em suas explicações por entender que a palavra que toma em seu discurso é certamente mais complexa e apurada do que aquelas proferidas em lugares informais ou públicos. Tal entendimento é devedor de uma compreensão prévia do auditório para quem se dirige a retórica, não precisando o enunciante, com isso, buscar esclarecer informações ou conhecimentos considerados básicos para o entendimento do explanado.

Em uma comunidade científica, acredita-se que todos participantes tenham condições suficientes para entender o que está sendo comunicado pelo cientista.

Desse modo, dados científicos, experiências, fatos, certos números que proporcionam sentidos de verdades, estatísticas, conclusões, teorizações e respostas são suficientes para suscitar o devido interesse dos seus ouvintes ou leitores à argumentação proferida na comunicação. Nesse caso, as próprias instituições a que os cientistas e seu público estão vinculados delimitam e/ou aproximam os contatos de determinadas pessoas com os artigos divulgados.

Outro auditório que pode ser mencionado é aquele constituído por um único interlocutor, o auditório particular. Nesse caso, cabe ao orador lançar mão da dialética e testar as atitudes e convicções de seu ouvinte através da técnica de perguntas e respostas. O auditório único permite aos participantes do diálogo se conhecerem, provocando no orador a necessidade de desenvolver sua argumentação, preocupando-se a todo tempo com a reação de seu interlocutor que, por sua vez, passa a ter papel ativo no debate. Porém,

Toda argumentação que visa somente um auditório particular oferece um inconveniente, o de que o orador, precisamente na medida em que se adapta ao modo de ver de seus ouvintes, arrisca-se a apoiar-se em teses que são estranhas, ou mesmo francamente opostas, ao que admitem outras pessoas que não aquelas a que, naquele momento ele se dirige. (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 34).

Já o auditório universal é aquele composto por um agregado, reunido numa praça pública. É a esse auditório que se dirigem os filósofos, fazendo de sua tarefa argumentativa um grande desafio. Ao direcionarem seu discurso para todos aqueles que se dispõem a ouvi-los, eles não contam com um conjunto de teses admitidas por todos os membros de seus auditórios. Todavia, tentam buscar verdades e valores universais que em princípio se impõem a todo ser de razão. Aquele que tentar se opor ao orador, terá a difícil tarefa de mostrar que pode ser sensato questionar a opinião comum e, assim, apresentar sua oposição. Aparece, nesse momento a necessidade do diálogo para esclarecer os pontos controversos. Essa é a razão pela qual a retórica dirigida ao auditório universal se soma à dialética, central na argumentação filosófica.

Perelman, nessa perspectiva, faz a distinção entre o discurso persuasivo e o discurso convincente: aquele seria dirigido a um auditório particular, enquanto o último estaria direcionado a um auditório universal. Entretanto, não é apenas o número de pessoas que caracterizará um tipo de auditório ou outro. Dependendo da

intenção do orador, um único interlocutor pode ser encarado como auditório universal e a ele se dirigem premissas e argumentos aceitáveis por todos os seres de razão, ou seja, universalizáveis.

#### 2.4.1.4. Premissas para a existência da argumentação

Para Perelman, a argumentação está vinculada à capacidade de o homem pensar, elaborar discursos, defender seus “pontos de vistas”, dialogar e de apresentar teses argumentativas bem fundamentadas e consensuais de entendimento. Como revela Perelman, “o mínimo indispensável à argumentação parece ser a existência de uma linguagem em comum, de uma técnica que possibilite a comunicação” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 17).

Desse modo, é possível entender que o ponto de partida e a condição prévia para o surgimento de um argumento é a existência de uma dúvida e uma questão entre os interlocutores. Para todo aquele que argumenta é importante pensar no estado de espírito do outro a quem se pronuncia a palavra.

(...) Cumprir observar, aliás, que querer convencer alguém implica sempre certa modéstia da parte de quem argumenta, o que ele diz não constitui uma “palavra do evangelho”, ele não dispõe dessa autoridade que faz com que o que diz seja indiscutível e obtém imediatamente a convicção. Ele admite que deve persuadir, pensar nos argumentos que podem influenciar seu interlocutor, preocupar-se com ele, interessar-se por seu estado de espírito. (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 18)

Destarte, para que um argumento tenha validade para outrem, ele não pode se constituir como uma imposição, mas somente em meios socialmente participativos e dialógicos, onde pessoas comungam de sentidos coletivos de respeito. O convívio, as relações sociais, as identidades culturais são fundamentais para o estabelecimento de um contato entre os espíritos. Relacionar-se num mesmo meio ajuda na criação de condições prévias para o desenvolvimento do argumento.

Se a argumentação se faz necessária, significa que a tese apresentada não se impõe a todos e nem é incontestável. Por isso, ao orador, é necessário se assegurar de que as premissas mínimas são admitidas pelo auditório. Se for preciso, deve-se reforçar sua presença no espírito dos interlocutores e extrair argumentos que favoreçam sua adesão à tese defendida. Um argumento que não esteja

adaptado ao auditório pode provocar uma reação negativa e enfraquecer a imagem do orador.

Ademais, é importante respeitar a capacidade de atenção do auditor aos argumentos proferidos. Como o interlocutor possui um limite, o qual não deve ser ultrapassado, é necessário ao orador escolher, selecionar seus argumentos, de acordo com sua força – esta entendida em função do auditório, das suas convicções, dos métodos de raciocínio que lhe são próprios. O orador tem uma tendência a supervalorizar os argumentos que ele próprio apresenta, com o intuito de subestimar a força do argumento de seu opositor. Porém, um artifício muitas vezes eficiente para diminuir a força do adversário, é o de elogiá-lo, bem como sua habilidade e seu talento de orador, que acaba provocando desconfiança no auditório, tornando-o mais crítico e menos impressionável. Contudo, o excesso de convergências e afinidades entre opositores deve ser evitado, pois pode levar o auditório à perda de credibilidade em ambos. Assim, algumas divergências são indícios de sinceridade e de seriedade, provando que os argumentos não foram previamente acordados entre as partes.

Para a eficácia da argumentação, tão importante quanto falar é permitir ao outro ter seu direito de dizer sobre o que pensa. Para estabelecer um diálogo, é fundamental ouvir. Não se pode esquecer que “ouvir alguém é mostrar-se disposto a aceitar-lhe eventualmente o ponto de vista” ou, ainda, que, “ com efeito, para argumentar é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento e pela sua participação mental” (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 18-19). Há casos até mesmo em que, além de ouvir o outro, deve-se renunciar a um argumento. Essa concessão é uma prova de boa vontade, da grande gama de argumentos de que se dispõe e da solidez da causa que se defende. É importante, ainda, deixar o outro falar e estar atento ao seu discurso, para poder, posteriormente, retomá-lo e desconstruí-lo ponto a ponto.

Além disso, a finalidade da argumentação não é provar a verdade da conclusão a partir da verdade das premissas, e sim transferir para as conclusões a adesão concedida às premissas. Deve haver uma solidariedade entre as premissas, as quais podem não ser aceitas *a priori* pelo auditório. A tarefa do orador, portanto, deve ser a de escolher pontos de partida admitidos por seus interlocutores. Assim, na relação existente entre o orador e seus ouvintes ou leitores, a argumentação é elaborada a partir do contexto em que estes últimos se encontram.

Por último, é importante ressaltar a significância dos valores e juízos de valor desempenhados na argumentação. Ela se apóia sobre hierarquias e aproximações, tanto concretas quanto abstratas, homogêneas ou heterogêneas. Por exemplo, a superioridade do homem sobre os animais, da causa sobre o efeito, da maioria sobre a minoria, do real sobre o irreal. São esses cotejos e aproximações que norteiam as escolhas discursivas do orador frente ao seu auditório, e das quais derivam as variadas técnicas argumentativas sobre as quais me deterei mais adiante.

#### *2.4.2. A ordem dos argumentos no discurso*

Quando se trata de argumentar, objetivando a adesão de um auditório, é preciso destacar que a ordem de apresentação dos argumentos é importante e modifica as condições de sua aceitação. Podem ser necessários, por exemplo, a apresentação ou o elogio do orador, precedendo o seu discurso, o que se torna prescindível caso ele seja amplamente conhecido por parte do público.

A argumentação pode tanto vir antes quanto depois da tese que se quer defender. Se a intenção for comover o auditório, prepará-lo para a enunciação da tese, deve-se argumentar antecipadamente, caso contrário, se a meta for o convencimento direto do público, a tese deve ser prontamente apresentada pelo orador.

Três ordens possíveis de apresentação dos argumentos foram estabelecidas: a de força crescente, de força decrescente e a ordem nestoriana. Perelman (1999) nos diz que o inconveniente do primeiro tipo é o de que, por começar pelos argumentos mais fracos, desanime o auditório e tire a predisposição de ouvir o orador. Já os argumentos apresentados de forma decrescente, podem deixar uma má impressão nos ouvintes. Por sua vez, na ordem nestoriana, os argumentos fortes são apresentados no início e no fim, ficando os demais no meio do discurso. Apesar disso, a ordem de apresentação dos argumentos deve ser relativizada, já que o próprio auditório muda ao longo do discurso e o orador, portanto, deve moldar seus argumentos a essa atitude.

### 2.4.3. As técnicas argumentativas

Perelman elenca e analisa uma série de técnicas argumentativas utilizadas no processo do discurso persuasivo, ressaltando que um mesmo argumento pode ser analisado de diversas maneiras por diferentes ouvintes. Para tanto, destaca que as ditas técnicas se baseiam em dois grandes processos complementares: o de ligação e o de dissociação. O primeiro se caracteriza pela aproximação de elementos distintos com a intenção de estabelecer entre eles uma solidariedade que visa estruturá-los ou valorizar um em detrimento do outro. A dissociação seria a ruptura dos elementos considerados como um todo, modificando o sistema de pensamento (PERELMAN & TYTECA, 2005). Toda ligação implicaria em uma dissociação, e vice-versa. Mas, apesar disso, é importante a análise do argumento de ambos os tipos.

#### 2.4.3.1. Argumentos “quase lógicos”

O primeiro passo em direção à reflexão sobre as técnicas argumentativas será dado visando entender o conjunto de argumentos chamados por Perelman de “quase lógicos”. Eles se apresentam como comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos, tirando deles sua força persuasiva. No entanto, quando os analiso, percebo que, se realmente seguissem uma lógica formal, deixariam de ser argumentos e passariam a ser demonstrações. Portanto, o que caracteriza o argumento quase-lógico é seu caráter não formal e o esforço para se reduzir ao formal, condicionando sua estrutura a relações matemáticas ou lógicas. Os argumentos de contradição e incompatibilidade, e transitividade, por exemplo, apelam para mecanismos lógicos, enquanto os de frequência ou relação da parte com o todo, para estruturas matemáticas (PERELMAN & TYTECA, 2005).

Apresento, a seguir, uma ideia geral sobre diversas técnicas argumentativas pesquisadas por Perelman, as quais nortearão as análises dos argumentos nos *blogs* no capítulo subsequente. Elenquei aqui as técnicas que considero importantes para a compreensão do modo como os alunos no *blog* persuadem seus pares.

Destaco, inicialmente, o argumento de “incompatibilidade”. No campo da argumentação, as premissas raramente se baseiam na univocidade e em uma

linearidade da tese apresentada pelo orador, sendo, por isso, difícil alegar contradição no discurso do adversário. Portanto, o argumento que deseja combater uma tese quase-lógica deve mostrar não sua contradição, mas uma incompatibilidade nas asserções do orador, obrigando o auditório a escolher entre uma delas ou a renunciar a ambas. Dizem Perelman & Tyteca (2005):

Destarte, um dos meios de defesa que será oposto à argumentação quase-lógica alegando contradições será o de mostrar que se trata não de contradição, mas sim de incompatibilidade, o que quer dizer que se evidenciará a redução, que só ela permitiu a assimilação a um sistema formal do sistema atacado, o qual, de fato, está longe de apresentar a mesma rigidez (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 222).

Assim, a “incompatibilidade” consiste em uma asserção, dentro de um mesmo sistema, que contém tanto uma proposição quanto uma negação, gerando uma incompatibilidade. Quando o orador se propõe a isso, pensa-se que ele não deseja dizer algo absurdo, o que motiva a tentar interpretá-lo de modo a evitar a incoerência.

O sujeito que é levado à incompatibilidade sem perceber, entra em controvérsia e se torna *ridículo*. No diálogo de Sócrates com Meleto na Obra *Apologia de Sócrates*, pode-se extrair um bom exemplo:

Sócrates:

- Mas, por Zeus, assim te parece, que eu creio que não exista nenhum deus?

Meleto:

-Nenhum, por Zeus, nenhum mesmo (...).

Sócrates:

- Mas, ao menos, responde a isto: há quem acredite que há coisas demoníacas, e demônios não?

Meleto:

- Não há.

Sócrates:

- Oh! Como estou contente que tenhas respondido de má vontade, constrangido por outros! Tu dizes, pois, que eu creio e ensino coisas demoníacas, sejam novas, sejam velhas; portanto, segundo o teu raciocínio, eu creio que há coisas demoníacas e o juraste na tua acusação. Ora, se creio que há coisas demoníacas, certo é absolutamente necessário que eu creia também na existência dos demônios. Não é assim? Assim é: estou certo de que o admites, porque não respondes. E não temo em apreço os demônios como deuses ou filho de deuses? Sim, ou não?

Meleto:

- Sim, é certo.

Sócrates:

- Se, pois, creio na existência dos demônios, como dizes, se os demônios são uma espécie de deuses, isso seria propor que não acredito nos deuses, e depois, que, ao contrário, creio nos deuses, porque ao menos creio na existência dos demônios. Se, por outra parte, os demônios são filhos



bastardos dos deuses com as ninfas, ou outras mulheres, das quais somente se dizem nascidos, quem jamais poderia ter a certeza de que são filhos dos deuses se não existem deuses? Seria de fato do mesmo modo absurdo que alguém acreditasse nas mulas, filhas de cavalos e das jumentas, e acreditassem não existirem cavalos e asnos. Mas, Meleto, tua acusação foi feita para me pôr à prova, ou também por não saber a verdadeira culpa que me pudesses atribuir: por que, pois, te arriscas a persuadir um homem, mesmo de mente restrita, de que pode a mesma pessoa acreditar na existência das coisas demoníacas e divinas, e, de outro lado, essa pessoa não admitir demônios, nem deuses, nem heróis? Isso não é possível.

(COLEÇÃO OS PENSADORES, 1999).

Por isso, o orador procura sempre evitar a incompatibilidade, embora possa, argumentativamente, transformar sua aparente incoerência em algo que legitime seu discurso.

Um dos exemplos de incompatibilidade, a retorsão, não se refere exatamente à sobreposição de duas afirmativas opostas, mas sim à afirmação de uma regra ser incompatível com a sua própria aplicação, provocando a própria desconstrução da regra, a autofagia. Epicuro, ao recomendar ao sábio não ter crianças e não as reconhecer se viessem ao mundo, foi ridicularizado por Epicteto. Esse lhe retrucou dizendo que se seus pais seguissem tal conselho, não o teriam gerado ou, se fossem sábios epicuristas, ter-lhe-iam abandonado.

Em alguns casos, o auditório não deseja ter de escolher entre uma proposição ou outra, ignorando a existência de uma incompatibilidade. É a atitude diplomática que, embora se “baseie em uma mentira”, permite aos interlocutores evitar uma escolha desagradável.

Os próximos argumentos dos quais tratarei foram nomeados por Perelman (1999) de “identidade, definição, analiticidade e tautologia”. Segundo o filósofo, uma identidade formal é apresentada como uma evidência ou é estabelecida convencionalmente, escapando, desse modo, à controvérsia e à argumentação. Porém, não é esse o caso de identidade visto nos discursos correntes, posto que elas visariam tanto uma identidade completa como parcial dos elementos confrontados.

As identificações, ou identidades, podem resultar tanto em uma definição quanto em uma análise. As definições podem ser divididas em quatro tipos: a normativa, que prescreve o uso de um termo, como, por exemplo, *justiça*; a descritiva, que estabelece o uso normal do termo ou expressão; a condensação, a

qual indica os elementos essenciais da definição descritiva e, por último, a complexa, que combina elementos das três definições anteriores.

Perelman (1999) destaca que a definição pode ser tida como arbitrária, porém, no uso natural, não formal da linguagem, esse juízo perde o sentido, pois ao menos que se trate de termos técnicos, os signos sempre adquirem outros sentidos do que aquele atribuído convencionalmente ou, ainda, apenas por ter sido convencionado, já passou por um filtro de julgamentos e valores, deixando de ser arbitrário. Diz Perelman (1999):

Se o termo já existe, ele é solidário, na linguagem, de classificações prévias, de juízos de valor que à partida lhe conferem uma coloração afetiva, positiva ou negativa, já não podendo a definição do termo ser considerada arbitrária (PERELMAN, 1999, p. 80).

Sempre que uma definição orientar o raciocínio, ela deverá ser justificada, não imposta, e pelo contrário, quando uma noção puder ser definida de várias maneiras, deverá ser feita uma escolha.

É nesse momento que se enquadra a análise, a qual consistiria, do ponto de vista da argumentação, em tornar certas expressões intermutáveis, levando o auditório a aceitar concepções em conformidade com aquelas aceitas pelo orador e em afastar todas as interpretações diferentes que se possa fazer do enunciado a ser analisado. Assim, a análise

Serve-se de uma argumentação quase-lógica para reduzir uma expressão complexa exclusivamente aos elementos ontológicos de que o orador se sente seguro, considerando como negligenciáveis todos os aspectos pelos quais o enunciado poderia diferir dos elementos últimos aos quais se reduz a análise (PERELMAN, 1999, p. 80).

Tanto a definição quanto a análise podem aspirar a um estatuto que não o de argumento quase-lógico: a primeira, tentando escapar da controvérsia e, a outra, apresentando-se como evidente e necessária, adotando um caráter tautológico. Por exemplo, as identificações analíticas “trato é trato” ou “negócios são negócios” se apresentam como tautologias e, na realidade, são apenas tautologias aparentes, já que permitem aos interlocutores tornar os elementos identificados suficientemente interessantes para serem comunicados. Do mesmo modo que a contradição, mencionada anteriormente, transforma-se em contradição aparente pela

interpretação, a tautologia se transforma em tautologia aparente, dando aos termos identificados um sentido diverso.

Assim, é àquele que lê ou interpreta o enunciado que cabe, em cada caso, interpretá-lo da forma mais apropriada. Tanto a identidade, especialmente a tautologia, quanto a contradição aparentes, são frequentemente utilizadas na argumentação para levar o auditório a atribuir sentidos diversificados a um mesmo termo.

Outra técnica argumentativa que necessita ser mencionada é a “regra de justiça”. Ela requer a aplicação de um mesmo tratamento a situações integradas numa mesma categoria. É claro que os objetos cotejados nunca são idênticos: o que ocorre é a escolha de elementos considerados importantes para o estabelecimento de uma semelhança e o negligenciamento de outros tipos como não essenciais. Como exemplo, temos como fundamento de nossa constituição a prerrogativa de que todos os seres humanos devem ser tratados com igualdade, numa clara aplicação da regra de justiça.

Vinculado à técnica supramencionada está o argumento de “reciprocidade”. Ele visa aplicar o mesmo tratamento a duas situações correspondentes, dentro de uma noção de simetria. O argumento de reciprocidade supõe que o indivíduo e suas regras de ação não podem pretender uma situação privilegiada, pois eles são regidos pelo princípio lógico da simetria. Como exemplo, posso citar o pensamento do filósofo Descartes (2008), “Penso, logo existo”, e os ditados populares “Quem não vive para servir, não serve para viver”, “quem com ferro fere, com ferro será ferido”.

A transitividade, por sua vez, é uma técnica que permite estabelecer relações de igualdade, superioridade, inclusão e ascendência. O uso das relações transitivas é imprescindível na ordenação de seres e de acontecimentos que não podem ser confrontados diretamente. Desse modo, através de expressões como *maior do que*, *melhor do que*, entre outras, estabelece-se, por exemplo, que se A vence B e C vence A, então C vence B. Essa premissa pode ser invalidada se, por um acaso, B vencesse ou empatasse com C, o que torna o argumento quase-lógico.

Mais uma técnica argumentativa empregada nos discursos é a “inclusão da parte no todo” e a “divisão do todo em suas partes”. Aquela representa a confrontação do todo com uma de suas partes, tratando-os como iguais. É uma argumentação no esquema “o que vale para o todo vale para a parte” e o todo, por

englobar a parte, é mais importante que ela. Porém, quando não é possível considerar as partes constituintes de um todo como homogêneas, torna-se necessário ao argumento dividir o todo e, tomando por princípio o raciocínio sobre as partes, tirar conclusões sobre ele.

Perelman destaca que o argumento por divisão está na base do dilema, no qual o exame de duas eventualidades é suficiente para concluir que ambas culminam em uma consequência desagradável (PERELMAN, 1999). O dilema reduz a escolha dos interlocutores à alternativa que representa o mal menor e, por isso, afasta-se de uma demonstração formal e evidencia seu caráter quase-lógico.

Merece destaque no trabalho as técnicas argumentativas denominadas por Perelman (1999) como “pesos e medidas, e as probabilidades” ou, simplesmente, a “comparação”. O filósofo enfatiza que a comparação é um argumento quase-lógico, pois, apesar de não usar efetivamente “pesos e medidas” exatos, extrai sua força persuasiva da tentativa de se escorar em mecanismos de controle. Na argumentação quase-lógica, o termo de comparação quase nunca é determinado de forma rígida e, por querer impressionar o auditório, deverá ser bem escolhido.

O teórico da argumentação destaca ainda que o termo de comparação pode servir tanto para valorizar quanto para inferiorizar. No último caso, dá-se o nome de “argumentação pelo sacrifício”, já que um elemento será desqualificado em relação ao outro.

No que se refere aos argumentos de probabilidade não calculável, podemos inferir que visam conduzir o auditório a optar pelas medidas que fornecem um número maior de possibilidades, segundo os critérios do orador. A escolha dos ouvintes se reduz a um critério que objetiva alcançar o meio mais provável de obter os resultados pretendidos.

#### 2.4.3.2. Argumentos baseados na estrutura do real

Encerro, nesse momento, a apreciação das técnicas argumentativas baseadas na tentativa de redução ao formal e ao quantitativo, ou seja, quase lógicas, para adentrarmos em outro conjunto necessário para implicar ao discurso uma ideia de convicção, insuficientemente fornecida pelo grupo antes estudado: os argumentos baseados na estrutura do real.

Esse tipo de argumento associa elementos do real entre si, fundando uma ideia que permite “passar daquilo que é admitido ao que se quer fazer admitir” (PERELMAN, 1999, p. 97). A maior parte dos argumentos embasados na estrutura do real recorre às ligações de sucessão – como a relação de causa e efeito – ou para ligações de coexistência – por exemplo, a ligação da pessoa com os seus atos.

A ligação de sucessão parte de um nexos causal entre fenômenos, buscando a causa, os efeitos ou a apreciação dos fatos pelas suas consequências (argumento pragmático), objetivando uma investigação. O argumento baseado na sucessão só terá eficácia se houver, entre os interlocutores, um consenso em relação aos possíveis motivos que encadearam a ação dentro de um determinado contexto.

O argumento pragmático, que orienta seu raciocínio a partir das consequências, apresenta-se como previsto, assegurado, presumido. A verdade de uma ideia somente poderá ser julgada pelos seus efeitos. A crítica que se faz a esse argumento sustenta-se na inaplicabilidade dele para todas as situações, posto ser impossível imputar a uma única causa às diversas consequências derivadas de um fato. O fato de um mesmo acontecimento poder ser interpretado de várias formas pode abrir espaço para efeitos de estilo linguísticos, como a antítese, os quais opõem fins e consequências, ainda que diametralmente opostos.

Outra consideração deve ser feita sobre os argumentos de sucessão. Quando, entre as teses proferidas pelo orador e as admitidas pelo auditório, houver uma grande distância, o enunciador pode optar por apresentar seu argumento dividido em etapas. Assim, se o locutor deseja persuadir seus pares levando-os de A a D, escolhe proceder diante de uma sequência facilitada que parte de A para B, B para C e, finalmente, de C para D.

A crítica a esse tipo de argumento pode se dar pelo adversário, no momento em que este se opõe aos passos elucidativos, tratando a questão como impossível de ser dividida em sucessões. Do mesmo modo, é possível questionar um orador que vai diretamente de A para D, apresentando a passagem em níveis como uma medida necessária para a compreensão do argumento.

Assim, as ligações de sucessão concatenam elementos da mesma natureza. Enquanto isso, outra técnica argumentativa, as “ligações de coexistência”, estabelecem vínculos entre realidades de níveis desiguais, como pessoas e suas ações, seus juízos e suas obras. Nesse padrão, encontram-se os argumentos de

autoridade, os quais recorrem ao prestígio de uma pessoa ou grupo para referendar uma tese em situações de ausência de provas demonstrativas.

As autoridades, quando evocadas em um discurso, se apresentam de diversas formas, tanto pessoais quanto impessoais. A lei, a Bíblia, a tradição, a ciência, um determinado intelectual, entre muitos outros, são frequentemente considerados como autoridades para validarem argumentos. Para sustentar um argumento, é comum ao orador recorrer àquilo que considera como um valorizador de seu enunciado, ao mesmo tempo em que cabe a ele desqualificar a autoridade invocada pelo seu adversário, obrigando o auditório a escolher entre uma das autoridades. Por exemplo, um aluno pode se utilizar do argumento do professor para combater o argumento de um colega que sustenta seu discurso em uma autoridade religiosa.

Inversas ao argumento de autoridade são as técnicas de travagem, que restringem o alcance de uma tese pela vinculação de um preconceito ou de uma prevenção à imagem da pessoa. Considera-se contraditória a relação entre o agente e a ação praticada por ele, interpretando-a de maneira preconceituosa. Por exemplo: o político considerado corrupto, ao tentar elaborar uma lei ou realizar um projeto que beneficie uma parcela da população, sempre será observado como alguém que procura satisfazer somente seus interesses, nunca por realmente ter obtido boas ideias.

Sobre o modelo de ligação das pessoas com seus atos, há ainda outras ligações de coexistência, como o deslocamento do foco do indivíduo para o grupo a que pertence ou o qual representa. Assim, o argumento proferido por um membro de um grupo ou o argumento contrário ou partidário que se enuncia sobre ele pode ser recebido de acordo com o preconceito, favorável ou desfavorável, que o auditório possui daquele determinado coletivo. O problema disso está no fato de que uma mesma pessoa participa de diversos grupos sociais, sendo muito difícil saber com qual deles está sendo solidário no momento da comunicação. Um aluno em situação de vulnerabilidade social, por exemplo, que argumenta em sala de aula sobre a venda e consumo de drogas, pode se mostrar adepto das ideias de seu professor, ou de seus colegas, ou de sua família, ou de sua religião, ou de seus amigos do bairro, ou até mesmo do grupo de traficantes com o qual porventura conviva.

Essa relação grupo-indivíduo também enseja argumentos de travagem. Certos indivíduos, por suas posições, são considerados representativos de um

grupo, como por exemplo, lideranças sociais, embaixadores, dirigentes partidários e sindicais, entre outros. Porém, o auditório pode se perguntar: até quando as verdades admitidas por aqueles representantes são válidas para os demais componentes do grupo? É nesse momento que ocorre a ruptura, a travagem. Os indivíduos são dissociados do coletivo a que pertencem, de modo a romper a teia de solidariedade argumentativa.

As ligações de coexistência servem ainda para estabelecer conexões entre os homens, os acontecimentos e o tempo de que fazem parte. Assim, por exemplo, um argumento pode fazer referência às “ideias do mundo antigo”, à “época de meus avós”, à “geração de nossos pais”, o que estabelece uma homogeneidade para o tipo caracterizado, permitindo exceções como a dos “precursores” ou a dos “atrasados”. As correntes e movimentos presentes na história também podem constituir esses “tipos ideais” – para fazer uso da expressão weberiana -, como por exemplo, o argumento que invoca a “sociedade de consumo” ou a “economia capitalista”.

Um próximo grupo de técnicas argumentativas baseadas na estrutura do real que merece destaque é o de “ligações simbólicas”. Ele existe quando há a invocação de um símbolo relacionado ao que ele representa, em uma relação de participação. Os símbolos podem aproximar espaços, tempos, categorias distintas, impingindo-os uma ligação de coexistência. Como afirma Perelman (1999, p. 116), “é na medida em que dá uma presença ao que simboliza, que o símbolo poderá servir para uma figura de retórica”, por exemplo, a metonímia.

Também o argumento de dupla hierarquia, fundado tanto sobre as ligações de sucessão quanto de coexistência, são frequentemente utilizados no discurso. A partir da aceitação de duas hierarquizações, aproximam-se os objetos comparados, extraindo-se uma conclusão. Por exemplo: Graciliano Ramos, em sua obra “Vidas Secas”, hierarquiza o sistema de fala dos “homens da cidade”, complexo e “perigoso”, em relação ao vocabulário escasso do homem sertanejo. Ao mesmo tempo, hierarquiza a capacidade comunicativa dos homens com a dos animais. Por fim, aproxima ambas as hierarquias, colocando no mesmo patamar a linguagem do homem do sertão, o personagem Fabiano, com a “linguagem” dos bichos, no caso, um cavalo. Dizem as passagens do livro:

[...] berro de rês perdida na caatinga [...] Despertara-a [sinhá Vitória] um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio que andava furioso, [...] ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco [...]. [Fabiano] sentiu desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força [...] E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro (o cavalo) entendia [...]. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas (RAMOS, 1970, p. 10-12; 20).

#### 2.4.3.3. A argumentação pelo Exemplo, a Ilustração e o Modelo

A argumentação pelo exemplo é aquela que pressupõe a existência de regularidades, cujos exemplos fornecerão uma concretude para o discurso. Esse tipo de argumento, muito comum em construções retóricas, busca, a partir do caso particular, evocar a lei ou a estrutura que esta revela, refutando a idéia de que algo pode ser único e indissociável de seu contexto. Muitas vezes, a argumentação pelo exemplo é combinada com um argumento de autoridade, para tornar o exemplo incontestável. João Cabral de Melo Neto (1994), em seu “Morte e vida severina”, nos oferece um belo caso de uma argumentação pelo exemplo, que enuncia a generalidade e a sina de todo homem do sertão nordestino:

Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra,  
no mesmo ventre crescido  
sobre as mesmas pernas finas  
e iguais também porque o sangue,  
que usamos tem pouca tinta.

E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida).

Somos muitos Severinos  
iguais em tudo e na sina:  
a de abrandar estas pedras  
suando-se muito em cima,



a de tentar despertar  
terra sempre mais extinta,

a de querer arrancar  
alguns roçado da cinza.  
Mas, para que me conheçam  
melhor Vossas Senhorias  
e melhor possam seguir  
a história de minha vida,  
passo a ser o Severino  
que em vossa presença emigra.

Por sua vez, o argumento pela ilustração implica que uma regra esteja previamente admitida, quer pelo exemplo ou por outro recurso argumentativo, atuando, essencialmente, na tentativa de ilustrar, de dar presença na consciência, de impressionar a imaginação. Como exemplo dessa modalidade argumentativa, podemos destacar o seguinte trecho da canção “Pedro Pedreiro”, de Chico Buarque (1966):

Pedro pedreiro penseiro esperando o trem  
Manhã parece, carece de esperar também  
Para o bem de quem tem bem de quem não tem vintém  
Pedro pedreiro espera o carnaval  
E a sorte grande do bilhete pela federal, todo mês  
Esperando, esperando, esperando, esperando o sol  
Esperando o trem, esperando aumento para o mês que vem  
Esperando a festa, esperando a sorte  
E a mulher de Pedro tá esperando um filho prá esperar também  
(HOLLANDA, 1966)

A letra apresenta um argumento que ilustra uma idéia de exemplo: primeiro, através do próprio “Pedro”, um homem “genérico” que alude à situação de muitos trabalhadores brasileiros, e, mais, quando a letra diz “a mulher do Pedro tá esperando um filho pra esperar também”, a condição de Pedro é tida como uma ilustração para uma regra, a de que, a exemplo do seu pai, as futuras gerações do pedreiro “esperarão” como ele.

Em contrapartida à argumentação pelo exemplo e pela ilustração, o argumento pelo modelo toma o particular como um modelo a ser imitado. Essa técnica dialoga também com a questão da autoridade, pois, comumente, o elemento tido por modelo é digno de prestígio e admiração. O modelo perfeito prescinde do discernimento, devendo ser reproduzido sem questionamentos ou críticas. Isso não quer dizer, contudo, que não possa ser adaptado para servir de modos distintos a diferentes ocasiões. Muito frequente nos argumentos religiosos, o recurso ao

modelo, representado por santos, santas, Jesus Cristo, Maria e, até mesmo Deus, possui forte efeito persuasivo e, por diversas vezes, impede a contestação por parte dos fiéis. A passagem a seguir exemplifica essa técnica argumentativa:

A verdadeira beleza de caráter; a verdadeira paz, alegria e felicidade; o verdadeiro propósito e significado na vida encontram-se somente em ser um discípulo voluntário e que ama o Senhor Jesus Cristo. Isso requer um compromisso diário da sua parte. Cada dia você precisa colocar no seu coração o propósito de seguir fielmente o exemplo de Cristo e permitir que o "fruto do Espírito" [Gálatas 5:22, 23] encha sua vida. Se seguir com fidelidade diariamente, tornar-se-á cada vez mais parecido com seu Mestre e Senhor. Certamente, o objetivo de todo cristão é ser conformado com a imagem de Cristo [veja 2 Coríntios 3:18].

Ligada à argumentação pelo modelo, está aquela pelo anti-modelo. Essa se origina quando o inferior começa a se portar de acordo com o modelo, assemelhando-se a ele. Nesse momento, o superior deseja modificar suas referências e se afastar do seu inferior. Montaigne, na passagem a seguir citada, demonstra a permeabilidade à argumentação pelo anti-modelo: “Alguns há, do meu temperamento, que me instruem mais por contrariedade que por exemplo, e mais por falência que por sequência” (MONTAIGNE, 1987, p. 893). O famoso provérbio “faça o que eu digo, não faça o que eu faço”, representa também um argumento pelo anti-modelo.

#### 2.4.3.4. Analogia e metáfora

Lemgruber (1999) destaca duas das mais importantes técnicas de argumentação: a analogia e a metáfora. A primeira representa uma ponte entre duas realidades distintas que, embora se relacione com a matemática ao apresentar relações entre dois elementos, permite uma recusa e uma contestação por parte do interlocutor, já que não visa uma certeza. Os versos da canção “Lábia”, de Edu Lobo e Chico Buarque (2001), demonstra uma analogia, com finalidade poética:

Mas nem cantor incendiário  
 ataca à queima-roupa a canção  
 Há sempre um tempo, um batimento  
 um clima que a introduz  
 Que nem abelha ronda a flor  
 que nem dá voltas ao redor  
 da lâmpada, ao redor da lâmpada  
 o bicho-da-luz.

(LOBO & HOLLANDA, 2001)

A especificidade da analogia é o seu sentido de proporção, embora não apenas matemática, mas que afirma uma similitude de correspondências. Ao alcançar o objetivo de orientar sua argumentação, o orador pode e deve abandonar e desconstruir sua analogia.

Contudo, ela possui limitações, pois, ao aproximar uma realidade conhecida de outra que se pretende conhecer ou que seja desconhecida, a analogia pode cristalizar comparações e criar dificuldades para sua desconstrução, sendo essa um exercício necessário ao sucesso de sua utilização. Apesar desses obstáculos, a analogia é um forte recurso para a filiação de saberes novos ao conhecimento prévio dos alunos, tornando-se expressivo instrumento para a prática educacional.

Por seu turno, as metáforas também se constituem como orientadoras de um pensamento e um recurso eficaz para comunicá-lo a outrem, não sendo “apenas” uma figura poética de linguagem, da qual está permeada toda a canção de Cartola, “O mundo é um moinho” (1976):

Ainda é cedo amor  
 Mal começaste a conhecer a vida  
 Já anuncias a hora da partida  
 Sem saber mesmo o rumo que irás tomar

Preste atenção querida  
 Embora saiba que estás resolvida  
 Em cada esquina cai um pouco a tua vida  
 Em pouco tempo não serás mais o que és

Ouça-me bem amor  
 Preste atenção, o mundo é um moinho  
 Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos  
 Vai reduzir as ilusões à pó.

Preste atenção querida  
 De cada amor tu herdarás só o cinismo  
 Quando notares estás a beira do abismo  
 Abismo que cavaste com teus pés  
 (OLIVEIRA, 1976)

A metáfora é uma analogia condensada que, apesar de mais econômica, é mais impactante. Podemos perceber que “os campos do saber habitados pela racionalidade argumentativa, como a educação, são muito férteis no uso de metáforas fundantes”. Caberia a menção de vários exemplos, tais como “o aluno é uma folha em branco”, ou “o estudante é um copo vazio”.

As metáforas e analogias querem levar o interlocutor a uma compreensão a partir da aproximação entre o que se pretende enunciar e algum aspecto partilhado pelo ouvinte. Para o pensamento filosófico, elas são imprescindíveis, posto que, por ele não ser verificado empiricamente, desenvolve-se aceitando metáforas e analogias como elementos centrais de uma visão sobre o mundo. Ambas as técnicas possuem claro sentido argumentativo e reforçam pontos de vista, sendo sua escolha intencional pelo locutor.

Lemgruber (1999) concebe diversas representações da metáfora do labirinto. O labirinto clássico, da mitologia grega, de Teseu, o Minotauro e o fio de Ariadne, nos parece ser o ponto de partida para as outras construções. Umberto Eco, por exemplo, em “O Nome da Rosa”, representa a biblioteca nos modelos da estória grega, como um lugar perigoso, confuso, do qual se deve tentar sair.

A metáfora do labirinto empregada para definir os processos de educação nos ambientes virtuais não é mais a de um lugar fechado e de saída única, mas ao contrário, representa um espaço infinitamente aberto, amplo, dinâmico, com inúmeras possibilidades. Essa é a explicação para outra metáfora, o “navegar na internet”, que faz uma alusão ao caráter de imensidão do mar.

O sentido de “labirinto” que adotei, aproxima-se da metáfora do argentino Jorge Luis Borges. No conto “A Biblioteca de Babel”, a biblioteca infinita expandia-se sem cessar com suas letras, pontos, vírgulas e espaços, tal como podemos vislumbrar na internet. O sentido que Borges traz para o labirinto é o de que sua melhor representação é o próprio universo e a vida cotidiana, com suas múltiplas escolhas.

É devido à capacidade de o homem se relacionar e elaborar tramas com o outro que se torna possível reestabelecer a ordem das coisas no mundo, bem como criar novos modos de socializar conhecimentos, questões, dúvidas, escolhas, reflexões e sentimentos.

São nas tramas sociais que as relações humanas são amarradas e constituídas como um tecido, que as pessoas se encontram criando e percorrendo um emaranhado de caminhos. Para achar a saída deste complexo e, ao mesmo tempo, orgânico labirinto estabelecido pela relação humana cotidiana, é necessário, antes, entender de perto o nó que amarra essas relações e, para tanto, torna-se fundamental ter um amplo olhar do contexto da globalidade do sistema em que esses homens se inserem.

O computador/internet é um dos novos espaços integrantes do complexo contexto humano, e, por isso, encorajo-me a percorrer esse tortuoso e indefinido caminho, me aventurando pelos labirintos abertos (sem paredes) das redes sociais do mundo virtual, conduzido pelo fio de Ariadne da navegação atenta, interessada e reflexiva.

Para melhor entender os suportes tecnológicos do computador/internet e, conseqüentemente, navegar com a “tranqüilidade” necessária, o homem deve dominar seus instrumentos de navegação. Para tanto, foram realizados alguns estudos nessa pesquisa, para que houvesse suficiente apoio para o desenvolvimento do trabalho.

O capítulo que segue tem a finalidade de entender quais contribuições esse recurso tecnológico traria para a escola e de que forma poderia ser utilizado como auxílio para o ensino/aprendizagem, bem como, quais transformações ocorreram com seu surgimento no ambiente escolar.

### 3. O computador/internet nos processos de ensino/aprendizagem

#### 3.1. O que é o virtual

Antes de imbricar no estudo sobre o papel do computador/internet na educação e os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), é necessário me deter brevemente em uma questão geradora: “o que é o virtual?”.

Derivada do latim *virtùs*, cujo sentido é força, própria do *vir*, (de onde deriva “virilidade”), a palavra *virtualis* surge na Idade Média, na acepção de potência [...]. Em 1789, encontra-se utilizada como “equivalente a outro” [...], no século XIX, a virtualidade comporta uma ambigüidade que, acredito, veio a se consolidar no final do século XX, quando, principalmente através da popularização da informática, toma ares de simulacro (PARAIZO, 2005, p. 43).

Muitos consideram ou avaliam o “virtual” como sendo um antônimo do real; porém, para Pierre Lévy (1996), virtual e real não são dimensões que se opõem, sendo a virtualidade parte integrante da realidade. Virtual, assim, significaria “existir em potência”. Segundo Lévy (1996), a semente de uma árvore, por exemplo, seria virtual, pois conteria a possibilidade de florescer e frutificar. O par antagônico da palavra “virtual” seria o termo “atual”: atualizar é resolver problemas, virtualizar é problematizar soluções.

A apropriação das idéias de Deleuze (1988, p. 17) nos faz pensar ser “essencial que concebamos [...] uma relação entre o virtual e o atual, ao invés de como uma relação entre o possível e o real”. Para Santos (2009, p. 6), o “possível nunca é real, embora possa ser atual; contudo, enquanto o virtual pode não ser atual, é, não obstante, real”. De acordo com tal concepção, o que é virtual pode não existir na forma física, mas nem por isso é irreal.

Contudo, outros autores defendem que a idéia de potência e o enfrentamento de premissas como o virtual, atual, possível e real “são atravessadas por ações instituídas na cotidianidade do devir de uma cultura do virtual como parte da singularidade do ser e da possibilidade de grupos-sujeito” (MEDEIROS *et. al.*, 2001).

Assim, percebo que o processo de entrada na cultura virtual é, por natureza, flexível e instigante, aberto a contínuas transformações que se constroem no fazer. É nesse ponto que se interliga nossa concepção de ensino-aprendizagem com a

ideia de cultura virtual, ou mais: segundo Santos (2010), o próprio paradigma educacional, no sentido de fundamento, existe enquanto virtualidade, em estado de potência, e que ao atualizar-se, na dimensão que Deleuze propõe, configura uma ação educativa.

A construção da noção de hipertexto, além de colocar o aluno como centro do processo de aprendizagem, provoca concomitantemente a reflexão sobre sua forma e conteúdo. Cada sujeito da aprendizagem reconstrói seu caminho ou seus múltiplos caminhos, gerando multiplicidades. Nesse caso, o virtual passa, assim, de uma região a outra, sem jamais se esgotar, criando, em cada lugar, não apenas novidades de contexto, mas também novidades que se repetem ou variam segundo sua relevância em outros contextos ou com outros objetos (RAJCHMANN, 2000, p.24).

Dessa forma, o vasto campo de possibilidades que se “apresenta ao navegador/aluno não pressupõe um único caminho, nem uma hierarquia na navegação, mas, ao contrário, se vale e se potencializa pela imagem e sentido, da multiplicidade” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 06). O aprendiz é levado a partilhar conhecimentos e a entrar em um movimento de interação com diferentes meios e sujeitos, de modo a forjar novas teias relacionais e significar os objetos de aprendizagem. O que importa é que haja uma afetação de si e do outro.

Como afirma Santos (2009, p. 11), “isto implica criar condições propícias ao cultivo de uma cultura virtual, buscando a superação da matriz identitária individualista por meio de ações não isoladas”. Envolve, ainda, acreditar na construção, mediada pela virtualidade, de uma relação nova e interativa entre sujeitos, em um espaço coletivo e plural. E, é esse novo espaço, mais interativo, criativo, de relacionamento com o outro, criado pelo ambiente virtual, que surgiu o ciberespaço, que pode ser entendido como um lugar outro de relacionamento do homem.

### 3.2. O ciberespaço: um outro olhar para o mundo

O termo ciberespaço foi cunhado em 1984, no livro de ficção científica, intitulado de *Neuromante*, por William Gibson. Tal termo está relacionado com o universo das redes sociais e digitais que são espaços de comunicação abertos e de interconexão.

Esse novo meio de comunicação e informação do ciberespaço, disponibilizado pelo computador/internet, tem a vocação de colocar em sinergia e interfaces, informações geradas de diversas fontes. Por conta da diversidade e pluralidade contida em seu interior, o homem conectado nessa nova rede social é obrigado a se deparar com diferenças sociais, ideológicas e críticas, transformando assim, o ambiente virtual de relacionamento do ciberespaço num profícuo canal de comunicação e suporte de memória da sociedade contemporânea.

O computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento do tecno-cosmos. No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si. (LÉVY, 2008, p.44)

Ao pensar em ciberespaço, logo, destaca-se a importância da interatividade enquanto um lugar de encontro e aberto a aceitar a interferência do outro na construção do seu processo de criação. O resultado daquilo que foi criado, pertence ao processo coletivo e participativo das pessoas que interagem. O espaço comum no ambiente digital somente tem sentido se este for compartilhado. A comunicação é realizada por “todos-todos”, característica típica da cibercultura.

A informação, que antes parecia ser sistema fixo, inflexível e duradouro, atualmente é movimento, “fluido”, móvel e de intensa interferência. Nesse sentido, o modo de ser e pensar do homem contemporâneo mudou radicalmente. O que importa atualmente é a capacidade do homem se “atualizar”, transformar, interferir e de participar ativamente da construção e difusão dos saberes.

Assim, as formas de comunicação, as informações, as possibilidades de criação, pluralidade de opiniões e interesses sociais, formam uma enorme rede, sempre tecida em direção ao outro. Com o ciberespaço e a cibercultura, descobrir



com o outro é fundamental e imprescindível para conhecer mais e melhor. Segundo Lévy (2008)

O ciberespaço se constrói em sistemas de sistemas, mas, por esse mesmo fato, é também o *sistema do caos*. Encarnação máxima da transparência técnica, acolhe, por seu crescimento incontido, todas as opacidades do sentido. Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal, um labirinto com o qual o próprio Dédalo não teria sonhado. Essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da desordem, essa transparência labiríntica, chamo-a de “universal sem totalidade”. Constitui a essência paradoxal da cibercultura (LÉVY, 2008, p. 111).

O ciberespaço se tornou um suporte em que a participação de inteligências de modo coletivo é a principal condição para seu próprio desenvolvimento. Contudo, isso não quer dizer que pelo fato do ciberespaço crescer, o mundo virtual se expande de modo organizado e harmônico.

É por ser caótico, não organizado, um verdadeiro labirinto sem paredes e aberto em todas as direções, onde escolher se torna um ato de responsabilização, e, a não interferência de um sistema central, ordenando e organizando o próprio sistema, que o ciberespaço faz os espaços coletivos do computador/internet, e seus ambientes virtuais de relacionamentos, serem significativos.

O princípio primeiro, contido nos valores da cibercultura é a universalização dos conteúdos, das ideias, da produção coletiva e da interferência mútua dos seus participantes. O registro da escrita se coloca como uma fonte de memória, saber e de ampliação de horizontes reflexivos.

O ciberespaço, com todas suas possibilidades de expressão da linguagem, permite ao homem experimentar o diferente, acessar o que aparentemente era inacessível, compreender e buscar o que antes parecia distante. Acerca da importância do ciberespaço para a modernidade, Lévy (2008) cita:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (Lévy, 2008, p. 17).

O ciberespaço aparece como um novo espaço de comunicação, organização e sociabilidade, onde é possível a criação de ambientes em que atitudes, modos de

pensamentos, valores, argumentos e reflexões se desenvolvam. O ciberespaço é a possibilidade de exploração do mundo de linguagens.

### 3.3 Dois mundos, duas realidades: a escola tradicional e o aluno da cibercultura

Como conciliar dois mundos tão distantes em um mesmo espaço geográfico de conhecimento? Como trabalhar e conciliar o conceito de uma escola arraigada em preceitos educacionais tradicionais e com o aluno imerso na cultura digital?

Os avanços tecnológicos vêm modificando a forma de reflexão do homem. O papel intelectual e crítico do aluno mudou com a assimilação do computador/internet no cotidiano da vida escolar. Antes, a aquisição do conhecimento escolar parecia somente acontecer via “decobertas” de textos e conteúdos para as avaliações que seriam cobradas. A escola ainda se fundamenta na cultura oral da aula expositiva e no texto informativo impresso.

A hegemonia do modelo tradicional de ensinar é considerada por muitos, como um processo mecânico de memorização e de treinamento. A educação está centrada na figura do professor.

Após o advento do computador/internet no cotidiano escolar, o aluno aprende e ensina independentemente do conteúdo disponibilizado na escola e, agora também, compartilha com seus pares o que sabe.

O aprender coletivo e a troca de conhecimento se tornam processos significativos para o novo aluno que quer aprender. E, certamente, o aluno criado nessa cultura, os chamados nativos digitais<sup>8</sup>, exigem do ambiente escolar, novos recursos colaborativos de ensino/aprendizagem. Desse modo, a incorporação do computador/internet no ambiente escolar se torna imprescindível e irreversível. De acordo com Lévy:

Computadores e redes de computadores surgem, então, como a infraestrutura física do novo universo informacional da virtualidade. Quanto mais se disseminam, quanto maior sua potência de cálculo, capacidade de memória e de transmissão, mais os mundos virtuais irão multiplicar-se em quantidade e desenvolver-se em variedade (Lévy, 2008, p.75).

A inserção da tecnologia na escola, caso seja trabalhada de modo a instigar o aluno a pensar nos processos de aquisição do conhecimento que adquire na escola, poderá ajudá-lo no desenvolvimento da capacidade crítico/criativa e

---

<sup>8</sup> O termo *nativo* digital é utilizado pela professora Maria Teresa Assunção Freitas (2009) para indicar que são aquelas pessoas que nasceram após o surgimento do computador/internet e *estrangeiro* digital, para aqueles que nasceram antes do surgimento do mesmo.

argumentativa do aluno, ampliando seu universo de linguagens e de produção de novos significados e sentidos para o estudo.

O ciberespaço e toda sua possibilidade de relacionamento e de pesquisa coletiva, modifica o modo de pensar, refletir, produzir, escrever e reescrever o texto. Na atualidade o texto adquire outros sentidos. O que antes era o ponto de partida de um texto, pode não ser na atualidade. O fim pode ser um começo; o início, a chave para o encerramento de idéias; o meio, o reinício de um novo texto, um recomeço.

Os instrumentos possibilitados pelo computador/internet, quando bem utilizados pela escola, devem promover e instigar o aluno a “profanar” valores constituídos pelas tradições e hierarquias e, sobretudo, a reescrever conceitos definidos historicamente e simbolicamente pela sociedade.

### 3.4. A importância da tecnologia na escola

O advento das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), a partir do final do século XX, tem modificado significativamente os processos de relacionamento humano. Arrisco-me a dizer, inclusive, parecer vivermos um “mal-estar” social, tamanha é a velocidade da mudança de paradigmas, conceitos e informações, lançados e gerados na sociedade diariamente.

A busca constante e interminável de informação proporcionada pelas TIC, como a velocidade de acessos veiculados por jornais, revistas, tv’s, rádio, telefonia fixa e móvel, *sites* e noticiários virtuais, bem como as possibilidades de pesquisas, ensino, aprendizagem e formação de conhecimento reflexivo disponibilizados na rede, como programas de busca, bibliotecas, artigos acadêmicos, cursos de ensino à distância ou mesmo *sites* de relacionamento, como *MSN*, *Blogs*, *chats*, entre outros, são apenas alguns dos diversos fatores que tornam estes instrumentos tecnológicos, principalmente o computador/internet e seus diversos ambientes virtuais, os grandes facilitadores da construção, busca e criação de novas teias relacionais.

É inegável considerar o quanto são importantes as tecnologias e seus diversos instrumentos e recursos para aproximar distâncias entre indivíduos, acessar informação e produzir conhecimento. A exigência em direção ao desenvolvimento de habilidades e de competências como a autogestão, adaptabilidade, cooperação, relacionamento e flexibilização são apenas algumas, dentre várias, que o indivíduo, na atualidade, tem que desenvolver para conseguir se adaptar ao novo mundo.

É evidente que essas mudanças somente são possíveis porque existe um movimento mundial caminhando em direção ao desenvolvimento tecnológico, ao projeto de globalização econômica do mercado financeiro, à mudança e ampliação da perspectiva de espaço-tempo criado pelo homem e ao consumo de informação.

Contudo, por mais que essas transformações sócio-econômicas sejam inegáveis, jamais se poderá afirmar que são as únicas ocorridas. Pelo contrário, talvez o grande passo possibilitado ao homem contemporâneo pela tecnologia foi a multiplicação dos espaços culturais, bem como a diversificações de opiniões, acelerando uma sociedade mais plural. Na sociedade da informação e da comunicação, os valores, ao contrário de outras épocas, em que eram passados

como uma verdade absoluta e inquestionável, são construídos de modo coletivo e democrático.

Em meio a esse processo de mudança na estrutura social e de valor humano, surge também com a criação das tecnologias das informações, a necessidade de despertar novas habilidades e competências no homem para o trabalho e, conseqüentemente, para a educação. O advento da tecnologia e sua popularização exigiu de algumas instituições, dentre elas as de ensino, modificações no seu modo de agir e pensar. Um dos primeiros passos dados foi a incorporação de computadores/internet no ambiente escolar.

Contudo, sua utilização é feita, ainda, por muitos educadores e escolas, com a concepção de serem as tecnologias meros auxiliares de pesquisa (como se o computador/internet fosse um “tira-dúvidas”), reproduzindo os processos de educação tradicional e transmissão de conteúdos.

É justamente por pensarmos e acreditarmos nas tecnologias de informação e comunicação como um novo instrumento para o ensino/aprendizagem, o conhecimento, a reflexão crítica e o desenvolvimento criativo, que entendo o computador/internet e todo seu potencial dialógico como um espaço de participação coletiva em que os pares articulam ideias, trocam experiências e enriquecem convivências.

O computador/internet é um espaço em que os indivíduos potencializam a derrubada de fronteiras culturais, sociais e históricas, bem como constroem e reafirmam subjetividades, integrando-se por meio da grande rede mundial. Os avanços tecnológicos certamente podem conduzir a uma maior democratização do saber, da informação e do conhecimento.

Mediante essa concepção, não me resta dúvida de que, atualmente, a utilização de tecnologias e suas formas de interação *online*, poderão se transformar num motivador à aprendizagem ativa e significativa do aluno. Ademais, a relevância do uso das TIC na formação dos professores é clara, posto que eles convivem e partilham práticas educacionais que envolvem alunos nativos digitais. É importante ter em mente que novos espaços de formação podem configurar novas práticas pedagógicas.

Destaco ainda que o computador/internet deve ser observado não como uma máquina de reprodução de imagens ou textos ou como uma grande enciclopédia, sem gerar ou provocar reflexões, mas, ao contrário, o objetivo da

inserção do computador/internet na educação, em especial o *blog*, deve ser o de usufruir de um espaço que desperte a autonomia no pensar discente, que instigue a pesquisa interessada e que seja, ao mesmo tempo, espontâneo, criativo e crítico.

O computador/internet e os espaços cibernéticos, além de introduzirem uma maior descentralização e pluralidade nos relacionamentos humanos, têm a potencialidade de serem constituídos como lugares próprios de manifestação cultural, permitindo a interferência imediata de todos os que deles compartilham.

As tecnologias na educação visam ampliar, por meio do ciberespaço, a aquisição de novas teias de conhecimentos, justamente por permitirem àqueles que por elas navegam interagirem, compreendendo, assim, que conhecer é mais que trocar informações, é se relacionar e movimentar-se constantemente em direção ao outro.

### 3.5. O aluno/autor no processo de interatividade

É indiscutível que a inserção das tecnologias na sociedade provocou uma radical mudança no cenário mundial da sociedade e da vida humana. Essa nova postura fica latente quando penso na escola e nos seus clássicos conceitos de ensino/aprendizagem, com ênfase na aula expositiva e no docente como centro do saber.

O uso das tecnologias, em especial do computador/internet, tem provocado uma reflexão sobre tal perspectiva e privilegiado os processos de interação coletiva. Segundo o filósofo Pierre Lévy, em sua obra “O que é o virtual?” (1996), isso fica ainda mais evidente quando estabelecemos algumas tipologias para definir o nível de interatividade de diferentes meios de comunicação.

O primeiro tipo seria o “um e todos”, que é representado pelos modernos modelos de comunicação de massa, como a televisão, em que basta um emissor para atingir múltiplos receptores e no qual é prescindida a interatividade entre as partes. Outro dispositivo é o “um e um”, que embora apresente interação entre os sujeitos comunicantes, essa é dada apenas entre dois interlocutores, não atingindo a coletividade. O último é o que o autor chama de “todos e todos”. Para ele, esse sim é o verdadeiro modo de comunicação interativa, pois, além da informação chegar a todos, ela também pode ser modificada e repassada a terceiros, e estes, por sua vez, podem dar sequência às modificações e transmissões.

O melhor exemplo dessa tipologia são os espaços cibernéticos, os quais permitem, em um mesmo lugar, a manifestação de opiniões e idéias convergentes ou mesmo divergentes. Aliada a essa multiplicidade comunicativa, encontro também uma gama diversificada de temáticas que fomentam a abertura do homem para o outro, estreitando contatos, evidenciando alteridades e configurando identidades.

Além disso, para Pierre Lévy (1996), o computador/internet permite ao homem ampliar sua relação com a leitura, na medida em que os textos disponíveis nos ambientes virtuais podem ser conectados a uma grande trama hipertextual, possibilitando ao leitor, além do acesso ao conhecimento, a construção de novos sentidos para o processo de leitura e escrita.

Toda educação comprometida com o desenvolvimento de habilidades reflexivas e de autonomia no pensar dos alunos necessita criar condições para que eles, enquanto pesquisadores, possam, a partir das suas experiências conceituais,



trilhar caminhos que os ajudem a desenvolver competências discursivas, utilizando a língua e a escrita de modo significativo, interativo, dialógico e de interlocução.

Escrever não é um processo rápido, necessita de maturação, reflexão e capacidade autoral de assumir de modo bem argumentado sua opinião frente às contestações do outro. Construir um texto não é simples, pois exige daquele que escreve uma responsabilidade na produção de sentidos. Ao escrever, o aluno/autor se compromete com o que é dito.

O computador/internet, se trabalhado na escola como um espaço plural de diálogo, possibilita aos alunos se posicionarem de modo a poder dizer/escrever de acordo com seus porquês, segundo seus interesses e pensamentos. E, assim, estabelecer entre os interlocutores e debatedores do ambiente virtual uma troca de experiências e valores, além de fomentar a imaginação, a crítica e a criatividade.

O aluno autor deixa de ser um assimilador de conteúdos para ser um transmissor reflexivo e um elaborador e colaborador de sentidos, declarando o que pensa, discutindo opiniões contrárias às suas e despertando no outro um constante movimento de diálogo.

Além disso, o aluno/autor procura no outro o diálogo reflexivo e, na diferença, a emergência de elaborar e reelaborar. A escrita desenvolvida não é somente para si, mas caminha necessariamente para a alteridade. Como informa Lévy (2000, p. 13), “todas as mensagens se tornam interativas, ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata”.

### 3.6. Ambientes virtuais de aprendizagem (AVA)

Com advento das tecnologias no século XXI - as TIC (Tecnologia de Informação e Conhecimento) -, como já mencionado, estão alterando profundamente o comportamento do homem e suas relações sociais. Nesse sentido, direcionarei as observações para as transformações derivadas da utilização da tecnologia na educação: os *ambientes virtuais de aprendizagem (AVA)*. Atribuí ao AVA significativa importância, justamente por acreditar na sua possibilidade de instigar um movimento em direção ao outro e, graças a isso, levar o homem a explorar e experienciar de modo compartilhado e dialógico as vivências coletivas, como um espaço para a produção de conhecimento e reflexão crítica.

O educador Pedro Demo (2008), em sua obra intitulada “Metodologia Científica – Para quem quer aprender”, acerca da mudança ocasionada pela interferência das tecnologias no aprender, informa que:

O mundo virtual está mexendo profundamente com os desafios de estudar. Para muitos, a vida se tornou mais fácil, porque tudo se acha na internet. Em vez de ir para a biblioteca, vamos para internet, sem sair de casa. Com o advento da Wikipédia e programas similares, a Internet tornou-se a nova biblioteca global, onde se podem encontrar textos de reconhecida qualidade acadêmica, ao lado de outros nem tanto (DEMO, 2008, p. 43).

O ciberespaço e a virtualização se tornam, atualmente, ambiente e meio de transformação social, de partilha da cultura e busca de conhecimento. Isso se deve à potência desses espaços, que permitem ao homem sair da condição de receptor de informação para se colocar como aquele que produz e transforma essa informação em conhecimento. Nesse sentido, posso observar que determinado uso das novas tecnologias faz com que a relação em direção ao indivíduo, ao outro e ao grupo se torne irreversível, movimento consoante ao próprio conceito de aprendizagem estabelecido por Vygotsky (2007): um processo no qual o sujeito, em relação com seus pares e mediado pela linguagem, cria um conhecimento novo.

A interação nos AVA possibilita uma expansão do potencial relacional do homem, que se revela no ato criativo, dialógico, intersubjetivo, múltiplo e diversificado. A educação, lado a lado com a virtualidade, adquire e assume um outro “papel”, o da interatividade. E, graças a esse novo modo de o homem se

relacionar, é possível alargar a compreensão dos problemas considerados “chaves” para a estruturação de uma forma de pensar coletiva.

A relevância da interatividade por meios de instrumentos virtuais ocorre pela capacidade de modificarem os sujeitos envolvidos e articularem saberes múltiplos segundo a vivência individual e as experiências compartilhadas no ambiente virtual. Essa é a grande diferenciação do computador/internet nos processos educacionais, pois o uso que se pode fazer dele leva à capacidade de romper com antigos preceitos instituídos pelas comunicações de massa, dados por um sistema comunicacional unidirecional.

Os AVA possibilitam o exercício da autonomia do pensar, da habilidade argumentativa e da produção coletiva de conhecimento. O professor, ao contrário de perder sua importância, assume o papel de gerador de tensões, transformando os ambientes virtuais de aprendizagem em espaços comuns para a reflexão argumentativa. Para Nardi (1999) e Almeida (2006),

Cada pessoa tem a oportunidade de buscar e representar por si mesma, escolher caminhos, deixar marcas e participar da criação de uma trama de relações entre pessoas, práticas, valores, crenças e tecnologias em um contexto que caracteriza uma *ecologia da informação* (NARDI, 1999). A tecnologia não é neutra e sim um elemento de um sistema complexo, em constante evolução, caracterizado pela diversidade e interdependência entre todos os seus componentes (ALMEIDA, 2006, p. 204).

Esse modo outro de pensar e utilizar o computador/internet, em que o foco não é a tecnologia em si, mas a capacidade que os envolvidos no processo educacional têm de usufruir de seu potencial interativo, nos fazem considerar a relevância dessa tecnologia no ensino/aprendizagem.

### 3.7. Hipertexto

#### 3.7.1. Do texto ao hipertexto: sua origem e seu significado

O hipertexto tem origem nos idos da década de 60, e foi Theodore Nelson, o primeiro a exprimir de forma sistemática o que significava este conceito. Para ele, a principal idéia de hipertexto era de ser uma leitura/escrita não linear e que ligava os dados entre si e por conexão.

Assim, todas às vezes que é acessado um *site*, que uma palavra ou frase em destaque é clicada na página, outros textos se apresentam como complementação e, ao mesmo tempo, de aprofundamento daquilo que se predispôs a ler. A estrutura do hipertexto possibilita àquele que a utiliza, escolher os caminhos reflexivos que quer seguir, as sequências de leituras ou de conteúdos que quer adquirir e, sobretudo, possibilita que o leitor seja também um co-autor do próprio texto que lê. De acordo com Arbusti (2005):

O que podemos constatar é que o hipertexto modifica as práticas de leitura. Subverte as formas de apresentação, usabilidade, contato físico, linearidade, e conseqüentemente de leitura. O texto não é mais em papel, mas em *bites*, armazenado em um dispositivo de memória, somente legível ao computador. (Arbusti, 2005, p. 18)

O hipertexto é um recurso horizontalizado, em que não há estabelecida uma ordem sistemática e metódica de valores e de aprendizados. Isso significa que o hipertextual não é hierárquico, pré-concebido ou pré-determinado, mas, ao contrário, é flexível.

O hipertexto, e toda sua possibilidade de leitura e de interferência escrita em seu conteúdo, provocou profunda modificação nos valores sociais, justamente, por permitir ao leitor interferir e participar ativamente do conteúdo lido. O leitor no hipertexto também é escritor, pois critica, modifica, acrescenta, ou mesmo reinterpreta o texto.

Uma das suas principais características é a livre escolha do caminho a ser percorrido pelo usuário, agregando-se recursos como sons, imagens, animação, entre outros, tornando a leitura mais atraente e interessante para o leitor. A simultaneidade, tanto de produção, quanto de circulação textual, a ausência de limites definidos, pois é passível de sofrer interferências distintas de outros leitores,

abrindo novos contornos, a multilinearidade, o descentramento e a interatividade, são outras importantes características que dão perfil e entendimento ao hipertexto. Como informa Marcuschi (2001):

O hipertexto se caracteriza, pois, como um processo de escritura/ leitura eletrônica multilinearizado, multiseqüencial e indeterminado, realizado em um *novo espaço de escrita*.

Em certo sentido, o hipertexto perturba nossa noção linear de texto rompendo a estrutura convencional e as expectativas a ela associadas (v. Snyder, 1997, p. 17). A ordem das informações não está dada na própria estrutura da escrita. Diferentemente do que o texto de um livro convencional, o hipertexto não tem uma única ordem de ser lido.

A leitura pode dar-se em muitas ordens. Tem múltiplas entradas e múltiplas formas de prosseguir. Há maior liberdade de navegação pelas informações como se estivéssemos imersos num *continuum* de discursos espalhados por imensas redes digitais (MARCUSCHI, 2001, p.86).

Desse modo, o computador/internet e os recursos hipertextuais possibilitam não somente a liberdade de escolha dos caminhos a serem percorridos pelos usuários, como também a simultaneidade de produção, a fácil circulação daquilo que é produzido, a ausência de limites, a possibilidade de construção de múltiplos significados e de sentidos. Possibilitam ao seu usuário a interferência na construção, desconstrução e reconstrução de seus próprios sentidos.

O hipertexto tem como característica transgredir a forma linear e sequencial lógica de leitura, como formalmente é realizado por leitores de livros. No seu cerne é possível a alteração, inserção e um mergulho no contexto daquilo que se pesquisa sem perder de vista o texto de origem. Recursos como sons, vídeos, textos, fotos, entre outros, se tornam, além de motivadores para abertura reflexiva daquilo que é pesquisado, possibilidades de configuração de um espaço de criação e aprendizado coletivo.

Assim, logo se percebe, num primeiro instante, que parte da importância do hipertexto se deve pela modificação do papel do aluno enquanto leitor e autor. O aluno não é mais somente um receptor de conteúdos emitidos pelos professores na sala de aula, ele é agora também alguém que infere questões, sugere e escreve a respeito do que pensa sobre o texto.

Com o hipertexto, mudou a idéia de posse e de autoria de um texto. Os comentários, notas e *posts* que são feitos pelos alunos, por exemplo, em um *blog*, mais do que ter a intenção de modificação do conteúdo do texto, se tornam

agregadores de outras visões sobre o assunto, ampliando o entendimento do exposto.

A autoria de um texto com único significado, fisicamente ilhado e hierárquico, perde sentido no hipertexto. Esse novo modo textual pode afetar tanto a forma de aprendizado como também de atuação do professor e do aluno em relação à questão em discussão.

O professor não é mais o “dono da verdade” em sala de aula e os clássicos conteúdos ensinados não são mais o único referencial. O hipertexto, aos poucos, vem abolindo as fronteiras que isolam o conhecimento. A capacidade de ensinar/aprender não está mais delegada ao professor, mas sim dividida com o aluno, que se torna mais um colaborador no processo de ensino/aprendizagem.

Graças à possibilidade de criação e interferência colaborativa em relação aos processos de aquisição de conhecimento, autonomia na elaboração dos percursos para os processos de aprendizagem, busca por sentidos, mudança na relação com o outro e respeito às diferenças de posicionamento em sala de aula, bem como, à responsabilidade das escolhas e das opiniões que são defendidas, o aluno se torna um sujeito reflexivo e crítico.

Contudo, deve-se preocupar com a boa articulação do hipertexto. A não linearidade exige maior atenção para que o foco da pesquisa ou da discussão não seja prejudicado e para que assuntos periféricos aos problemas centrais postos em discussão não tomem o lugar de autoridade da pesquisa e do debate que se quer empreender.

O hipertexto se apresenta não somente como uma nova forma de produção textual e transmissão de conteúdo, mas também instiga outras habilidades como a escrita, leitura, reflexão crítica, e, sobretudo, autoria e autonomia no processo de ensino/aprendizagem, provocando tanto em professores como nos alunos outros modos de pensar os aspectos da educação.

### *3.7.2. O hipertexto como espaço reflexivo e de construção de subjetividade*

Pensar em espaço reflexivo, na construção de subjetividade e em educação, é tentar, de alguma forma, compreender a contribuição do hipertexto como um outro modo de aprender e ensinar, sobretudo, porque pensar, questionar, problematizar e refletir acerca do conteúdo estudado, não é mais algo possível somente para o aluno

que domina um conteúdo de uma determinada disciplina, mas, ao contrário, pertence a todos que se interessam em aprender e a dividir com o outro o que sabe e pensa.

Atualmente, as práticas pedagógicas, ainda se encontram muito fragmentadas. De modo geral, as instituições educacionais não conseguem aproximar os conteúdos aplicados em sala de aula pelas diferentes áreas de interesse, o que dificulta, e muito, uma leitura mais horizontal do aluno para entender o conteúdo e seus diversos contextos.

Todavia, o computador/internet e toda sua possibilidade hipertextual, apresenta-se e se constitui como um novo espaço de sociabilidade, de relação e de diálogo com o outro, não apenas porque possibilita encontros em páginas de relacionamentos ou diminui distâncias, ou por ser uma mensageiro rápido de notícias e um captador e retransmissor de informações, mas, sim por formar um espaço de linguagens e de reflexões. No hipertexto, as diferenças são entrelaçadas e interagem para a construção de um conhecimento reflexivo coletivo. Como cita Carlotto (2004), acerca da educação e da hipertextualidade:

Pensamos que a hipertextualidade (modo de conhecer, pensar, ser e fazer educação, calcado na diversidade, multiplicidade, incerteza, não-linearidade, abertura às diferentes possibilidades, flexibilidade, contínua construção ↔ desconstrução ↔ reconstrução, articulação e contextualização, buscando as relações e conexões entre as partes de um todo) desafia os professores a repensarem sua prática pedagógica, fundamentada em um paradigma de complexidade, em que sujeito, objeto e meio não existem independentemente um do outro: coexistem e se constroem/desconstroem/reconstroem e se organizam a partir das interações e das relações que estabelecem. Conhecer implica desvelar a rede de relações que constitui um fenômeno. (Carlotto, 2004, p. 489)

A hipertextualidade permite novos modos de interação e possibilidades de constituição de subjetividade. Com isso, o espaço cibernético se tornou um ambiente coletivo, onde pessoas, ao mesmo tempo em que se tornam leitoras, são produtoras e emissores de informações, participando todos do mesmo processo de construção colaborativa.

O hipertexto possibilita a construção de uma consciência social coletiva, pois se forma na interação e no diálogo com o outro, sendo o meio virtual um ambiente de relacionamento interpessoal e, com isso, conseqüentemente, um formador de subjetividades.

Nesse sentido, é possível entender, na atualidade, o computador/internet e o hipertexto como constituições culturais do homem. É devido à sua grande capacidade de circulação de informação, de produção, crítica e criação que se pode considerar o espaço virtual como gerador de novas formas de sensibilização, pois se tornou parte integrante do cotidiano das pessoas.

O hipertexto é um espaço em que a incerteza, a imprevisibilidade, o aleatório, a interatividade são condições fundamentais para os processos de navegação no ambiente. O leitor/autor que navega, não apenas se encontra mergulhado e, por vezes, perdido nas diversas encruzilhadas do labirinto hipertextual que transita, como também constrói, ao mesmo tempo, seu próprio labirinto. Como cita Saldanha (2008):

O modelo ou sistema hipertextual eletrônico encontraria na metáfora do labirinto uma analogia não apenas com os processos de desorientação e de certa “perdição” na rede, mas, também, remeteria às experiências de construção do conhecimento valendo-se de percursos e processos inéditos e imprevisíveis no contexto das navegações no ciberespaço (SALDANHA, 2008, p.2) .

O hipertexto é um espaço heterogêneo composto de uma rede de conexões que se unem de forma indefinida e constante, onde a alimentação de elementos que as compõem dependem diretamente das conexões com as outras redes. É essa capacidade de flexibilizar sentidos e interagir com o outro que faz do hipertexto uma possibilidade de construção de subjetividade.

A rede hipertextual é uma construção constante em direção ao outro e que busca a todo instante renegociar significados, conteúdos, formas, composições, desenhos, interpretações e sentidos. A sua mutação é constante e varia de acordo com o desenvolvimento do trabalho dos atores envolvidos nos processos de criação e produção.



### 3.8. Os blogs

*Weblog*, ou simplesmente *blog*, são palavras que já entraram no cotidiano das pessoas e nas escolas, senão através dos professores, pelo menos através de alguns alunos mais entusiastas e mais familiarizados com o uso da internet. Surgido no final da década de 90, o *blog*, cujo nome deriva de *web* (rede, teia) / *log* (diário), popularizou-se bastante no século XXI. A facilidade de criação, acesso e participação, tornou-o um significativo instrumento de expressão pública, permitindo aos seus usuários o papel de leitores, autores ou co-autores. O *blog* foi criado como um diário íntimo e não como um AVA. Essa minha apropriação do *blog* como espaço de ensino aprendizagem, foi por ter observado nessa tecnologia, a possibilidade de um significativo espaço argumentativo e de reflexão filosófica.

A “blogosfera” abriga um conjunto de práticas educativas que abarcam uma grande diversidade de abordagens. Há *blogs* criados e dinamizados por professores ou alunos, outros de autoria coletiva, de professores e alunos, e ainda alguns focalizados em temáticas de disciplinas específicas ou que procuram alcançar uma dimensão transdisciplinar.

Existem também *blogs* que se constituem como portfólios digitais do trabalho escolar realizado ou que funcionam como espaço de representação e presença na *Web* de escolas, departamentos ou associações de estudantes. O leque de explorações e o número de professores e alunos envolvidos não pára de aumentar.

Os *blogs* são definidos como *sites* que permitem publicações de postagens diretamente na internet, as quais ficam expostas a comentários de seus seguidores ou mesmo de eventuais leitores da página. Contudo, esse espaço extrapola qualquer tentativa de conceituação, posto que representa um meio cada vez mais utilizado para a exposição de opiniões, debates e argumentação, suplantando a mera apropriação do ambiente como um registro virtual diário. O texto produzido no *blog* assume um caráter dialógico e interativo:

O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientemos que esse é um contato dialógico entre textos (enunciados), e não de um contato mecânico de “oposição”, só possível no âmbito de um texto (mas não do texto e dos contextos), entre os elementos abstratos (os *signos* no interior do texto), e necessário apenas na primeira etapa da interpretação (interpretação do significado e não do sentido). Por trás desse contato está

o contato entre indivíduos e não entre coisas (no limite) (BAKHTIN, 2003, p. 401).

Os primeiros relatos da existência de *blogs* aconteceram nos idos da década de 90 do século XX, quando os ditos instrumentos funcionaram somente como hospedeiros de outros *links*. Com o surgimento de programas como o *Blogger*, qualquer utilizador da internet pôde ter a possibilidade de criar seu próprio *blog* ou participar de inúmeros outros, sem precisar dominar a linguagem técnica da programação, o que possibilitou o rápido crescimento de tal ferramenta. Segundo Baltazar:

Um dos aspectos mais interessantes dos weblogues é o facto de reunirem indivíduos em torno dos mesmos interesses. Os blogues afirmam-se especialmente como ferramentas de comunicação e é aí que encontramos as suas maiores potencialidades (BALTAZAR, p. 04).

Os *blogs*, tendo em vista sua capacidade de utilização como um instrumento de relacionamento, têm um grande potencial de comunicação a ser desenvolvido, pois todos os seus participantes, sejam como leitores ou seguidores, têm na palavra uma “ferramenta”, justamente por poderem publicar sua opinião, elaborar reflexões, tecer comentários, “trocar ideias”, debater, intervir no argumento do outro, aprender e, sobretudo, conhecer, através do diálogo escrito.

A principal forma de expressão nos *blogs* é a postagem de curtos textos escritos. É necessário ressaltar que, quando publica suas ponderações no *blog*, o gerenciador ou comentador se transforma em autor, preocupa-se em obter a adesão de seu público e busca tomar um cuidado maior com a própria escrita, escolhendo as palavras “certas” para expor seus argumentos. Dessa forma, os interlocutores/autores, ao dominarem seu espaço de escrita argumentativa, tornam-se autônomos no processo de pensamento e reflexão, assim como provocam a autonomia de seu auditório, o qual estará livre para aderir ou rebater a tese apresentada. A linguagem utilizada no *blog*, embora não apresente as regras formais do português, cumpre bem seu papel de comunicação e aproxima a escrita da oralidade, o que permite compreendê-la como um processo, um movimento.

Acerca do *blog* como um novo espaço de relações, *Quigley & Blashki* (2003) afirmam que a internet é essencial para a socialização e diálogo dos jovens e eles, como tal, têm de ser reconhecidos como participantes interativos, criativos e

autônomos, em vez de meros receptores passivos de mensagens e imagens multimídias.

É graças a essa forma de aprender coletiva, participativa e interativa, em que todos dividem os mesmos espaços, que pensamos metaforicamente no *blog* como aquilo que nos aproxima da *Ágora* grega. Como referencia Rodrigues (2004), os *blogs* são comparados à antiga praça pública, onde cada pessoa podia ativamente compartilhar das discussões da *pólis* e realizar assembleias, praticar o comércio, desenvolver o caráter cívico, moral, político e religioso.

Conforme referido anteriormente, a utilização das tecnologias, em especial do computador/internet, tornou-se um recurso precioso para o desenvolvimento argumentativo e de ensino/aprendizagem em Filosofia. Apesar de o *blog* poder se constituir como espaço de escrita individual, registro de informações, publicação de notícias e textos, entre outros, é o tipo de *blog* constituído em conjunto, no qual a todo o momento figura a presença do “outro”, que mais interessa para a presente pesquisa. Visando analisar e refletir sobre a contribuição dos *blogs* para o debate filosófico e o processo de argumentação dos alunos no Ensino Fundamental, utilizei como campo de pesquisa os *blogs* de Filosofia “*Ágora Virtual 1, 3 e 4*”, espaços partilhados por alunos do 6º ao 9º ano do dito segmento.

É necessário destacar a advertência feita pela professora Freitas (2008), que chama a atenção para a importância de não tornar o *blog* um objeto escolar com objetivos pedagógicos específicos. Minha intenção está longe de querer exercer um conceito pedagógico no uso do *blog* e transmitir por ele um conteúdo específico da disciplina de Filosofia, pois, de certa forma, estaria arruinando algumas de suas principais potências: a espontaneidade, a liberdade de expressão, a possibilidade de aderir ou não a ele e o prazer de encontrar um interlocutor.

Além disso, a concepção “escolarizada” da utilização do *blog* vai de encontro ao entendimento que trago sobre o ensino de Filosofia, o qual está alicerçado na interação, reflexão e diálogo. Contudo, é necessário destacar que o *blog* pode suscitar várias situações de ensino-aprendizagem, consoantes com nosso projeto de Filosofia para crianças, ao se constituir como forma de contato virtual para o desenvolvimento de uma escrita dialógica, crítica e argumentativa.

### 3.8.1 – *Blog na escola: do texto à escrita dialógica*<sup>9</sup>

Pensar na presença de um *blog* na escola é ampliar os horizontes sociais dos alunos, incentivar a escrita e transgredir todo o saber calculado dos conteúdos escolares.

Desse modo, uma das primeiras perguntas que surgem para os professores que tentam utilizar o *blog* em sua prática docente é se o mesmo é um ambiente textual, utilizado como um espaço de suporte para a compreensão dos mais diversos propósitos comunicativos, ou se deve ser compreendido como uma ferramenta de ampliação da escrita reflexiva e dialógica.

O *blog*, ao ser utilizado somente como um espaço de captação de textos, com princípio, meio e fim, não permite às práticas escolares o desenvolvimento do aluno em direção ao saber plural e de aprendizagem cooperativa. Por outro lado, ao se transformar em um ambiente de reflexão e dialogicidade, que permite aos alunos se aproximarem e, ao mesmo tempo, aprofundarem as discussões propostas em sala de aula com o professor, permite aos seus participantes uma maior possibilidade de alargamento e significação de sentidos, de pluralidade de opiniões, pontos de vista e reflexões por meio de argumentos escritos.

Caracterizar o ambiente virtual do *blog* como um gênero discursivo na escola, voltado a atingir objetivos formais de conteúdos e temáticas com a intenção de enriquecer a construção e a composição textual do aluno é, simplesmente, transformá-lo num espaço comunicativo específico e restrito aos seus participantes. Um *blog*, em especial de filosofia, na escola, deve convergir para ir ao encontro dos alunos e das suas vivências histórico-culturais, emancipando-os em seu modo de pensar.

Um *blog* deve conter marcas que revelam atitude do aluno/autor, propiciando sua autonomia nas atitudes reflexivas e na postura da escrita argumentativa.

O aluno ao se posicionar de modo autoral, convida os demais interlocutores a descobrirem conjuntamente um espaço coletivo de sentidos e percepções. A palavra, no ambiente virtual de aprendizagem, é flexível, mutável e

---

<sup>9</sup> O termo dialógico citado não tem haver com o conceito de dialogicidade utilizado por Mikhail Bahkthin. O sentido utilizado nessa dissertação é com a intenção de mostrar a importância do diálogo, o embate crítico e reflexivo da leitura/escrita do aluno no *blog*.

recontextualizada, ou seja, aceita interferir e ser alterada de acordo com o contexto dos alunos/autores que participam da reflexão.

### *3.8.2 – Do interior ao exterior escolar: a leitura/escrita argumentativa do aluno no computador/internet*

Os novos ambientes de leitura e de escrita da *web* possibilitaram a criação de um novo ambiente de relacionamento, em que o aluno, além de interagir com o texto que lê, participa ativamente da criação de outros, com a possibilidade de interferir no texto lido.

O ensino que pretende ampliar os horizontes do aluno, no interior/exterior escolar, deveria pensar no computador/internet não somente como um meio de pesquisa, mas como um possibilitador de novos espaços de relacionamentos e de educação, voltados ao dialogismo e ao relacionamento reflexivo.

O computador/internet é um espaço que possibilita aos alunos argumentar e contra-argumentar sobre as leituras realizadas, desenvolvendo autonomia no seu modo de pensar, de confrontar valores morais e sociais e de se posicionar frente ao problema colocado de modo reflexivo e autônomo.

A maturidade reflexiva do aluno frente ao aprendizado por meio do computador/internet, acontece no instante em que ele consegue perceber e transformar a informação e conteúdos disponíveis na internet em capacidade reflexiva, em maturidade de olhar para a informação não apenas como ela se apresenta, mas, como algo a ser discutido e repensado. A maturidade reflexiva acontece no instante em que o aluno percebe que informação não é conhecimento, mas que pode ser um gerador de debates reflexivos e, isso não está “aprisionado” no saber promovido no interior escolar e muito menos ao seu professor, mas, sim, a qualquer um que se predisponha a pensar de modo crítico.

O espaço do computador/internet abre a possibilidade no interior/exterior escolar de autoria e de co-autorias coletivas. Nesse sentido, uma discussão que necessariamente deve se fazer presente é a relação do aluno autor e autônomo no modo de pensar.

A informática permite adentrar, através de suas páginas, num labirinto aberto, horizontal e sem paredes, onde para cada lado que se olha, a cada página

que se entra, inaugura-se uma nova noção de espaço e tempo. A leitura e a escrita se entrecruzam, relacionam e dialogam de forma efêmera. Como cita Freitas (2002),

O leitor em tela é mais ativo e experimenta, ele próprio, o papel de ser autor de seu próprio caminho para leitura. A navegação tanto permite ao leitor conhecer a obra de um autor como, ele mesmo, se aventurar pelos caminhos literários e produzir suas próprias obras Freitas (2002, p. 35).

Nesse aspecto, o fator democrático da internet, contribui muito para o surgimento do pensar crítico e criativo. A escola tanto no seu interior quanto no seu exterior tem que possibilitar ao aluno espaços de expor seus pensamentos, argumentos e reflexões.

A partir dessa concepção, torna-se imprescindível construir e constituir propostas educacionais que realmente atendam e incentivem a iniciativa do aluno de pensar coletivamente. O computador/internet, com a construção de espaços plurais permite a constituição de raciocínios coletivos no interior da escola ou fora dela.

Nesse aspecto, a meu ver, os *blogs* de Filosofia podem representar uma interessante alternativa para a formação do aluno leitor/autor no interior/exterior escolar, por permitir em seus espaços a produção de pensamentos coletivos, de produção mútua, difusão da leitura e da escrita, bem como da argumentação reflexiva.

### 3.8.3 – *Blog: da leitura/escrita de opinião à leitura/escrita dialógica*

O olhar lançado na análise do *blog* é de um espaço em que é possível a construção de sentidos, onde os alunos de modo dialógico consigam subtrair elementos que agreguem às reflexões realizadas em sala de aula.

A concepção abordada não é de uma análise dos diversos gêneros discursivos, estilísticos em que somente conseguem servir a propósitos comunicativos específicos, mas, ao contrário, a pretensão é de provocar por meio da leitura/escrita habilidades de argumentar e refletir criticamente.

O *blog* de Filosofia, por ser um ambiente trabalhado dentro de uma concepção plural e de embates reflexivos, provoca no aluno que participa das discussões, a ampliação de seus horizontes de escrita argumentativa, que escapa ao mesmo tempo a rigidez do texto escolar e da permissividade da mera opinião,

para se aproximar de um diálogo reflexivo, que possibilite a construção de sentidos e a ampliação de linguagem, quer seja verbal, quer seja não-verbal.

Desse modo, os textos e suas fontes, cores, sons, as formas das letras, o modo da formatação, as imagens utilizadas, durante uma postagem podem significar muito mais que um sentido estético, mas um meio de atingir sensivelmente o outro.

As palavras no processo argumentativo e de embate crítico, como é o *blog* de Filosofia, adquirem entonações, representações, significados, que por vezes, ultrapassam a expectativa que os autores apresentam em suas postagens. Graças ao advento das tecnologias as formas de produzir e processar conhecimentos, ganharam uma nova configuração, onde a palavra, a imagem, a forma estão cada vez mais integradas no processo da construção de sentidos.

Ao procurar compreender o que embasa a construção dos sentidos de leitura/escrita argumentativa no *blog* de Filosofia, percebi a importância de se repensar e de considerar o processo de ensino/aprendizagem. O que é importante nesse espaço virtual de argumentação não é o produto final do mesmo, em outras palavras, a construção formal de um texto, mas, todo o processo sensível que se constrói a partir da dialogia existente entre os interlocutores.

Ao construir sentidos, os alunos, enquanto autores, interagem com o texto, objetivando uma compreensão e um conhecimento reflexivo ao mesmo tempo individual, por poder sozinho inferir racionalmente acerca do argumento do outro, ou de modo coletivo, por ter a possibilidade de interferir no argumento do colega como também de sofrer interferências em seu próprio argumento.

A relação de diálogo existente no espaço virtual do *blog* e as experiências trazidas de outros textos e contextos, permite entre os *posts* dos alunos, uma leitura/escrita argumentativa e interativa. Ao mesmo tempo, torna-se um pretexto de relação, democracia, respeito às diferenças de pensamentos e posicionamentos sociais.

Portanto, o *blog*, como um espaço de diálogo, não deve se limitar em ser um instrumento de transmissão de conhecimentos e informações. As postagens não são feitas de modo direcionado e unilateral, mas, ao contrário, devem ser heterogêneas e buscar extrapolar sentidos e percepções em que o ensinar/aprender com o outro se torna algo fundamental para o amadurecimento reflexivo do aluno.

Assim sendo, fica evidente que o professor deve utilizar o *blog* como um espaço de encorajamento da escrita autoral, reflexiva e autônoma do aluno,

ajudando-os a entender parte do difícil e complexo processo de construção de sentidos.

No capítulo subsequente, “Filosofando e argumentando nos *blogs*”, serão abordadas e elaboradas algumas reflexões pertinentes ao ensino/aprendizagem de filosofia na escola e também analisados alguns dos diversos argumentos dos alunos. A intenção é de entender ao menos parte desse complexo processo de construção de sentidos e argumentação.



## 4. Filosofando e argumentando nos *blogs*

### 4.1. Algumas reflexões sobre o ensino/aprendizagem de Filosofia

Sócrates, há mais de vinte séculos, já concebia a Filosofia não como um saber, mas sim como um modo de se relacionar com ele, alicerce para o desenvolvimento de uma série de práticas. Nessa perspectiva, colocar-se, hoje, no papel de ensinar Filosofia, é pensar e refazer a cada dia a prática pedagógica.

Inicialmente, é preciso pensar na posição do professor em relação aos aprendizes: se aquele ocupar o lugar do saber e estes, por sua vez, o da ignorância, já está estabelecida a inversão de um dos princípios básicos da Filosofia, o de admitir nossa ignorância, para, e somente assim, buscar o conhecimento. Então, o primeiro ponto que coloca para nossa reflexão é repensar o papel designado para o professor, encarando seu trabalho profissional não mais como o de um porta-voz da verdade, mas, em troca, como também o de um aprendiz.

Kohan (2009, p. 9) afirma que, “pôr em prática a Filosofia com pretensões educativas, isto é, o encontro sob o nome de Filosofia entre dois pensamentos – um de quem ocupa a posição de ensinante e outro do que habita o espaço do aprendiz”, é tarefa paradoxal e necessariamente impossível. Isso porque é inegável considerar a existência de tensões políticas, éticas, epistemológicas, estéticas, no ambiente de relacionamento entre alunos e alunos e entre estes e o professor.

Como afirma Kohan (2009), mesmo nas propostas mais democráticas, em que o centro do saber é o aluno e a construção do conhecimento é feita de forma coletiva e participativa, há colisões e enfrentamentos que não podem, e nem devem, ser ignorados, até por serem condição para a própria existência do pensamento filosófico.

Mas essa condição, inerente ao ensino da Filosofia, está longe de ser um impedimento para sua prática: ao contrário, é justamente essa a potência e o sentido de sua presença nos espaços educacionais. Tais tensões devem ser consideradas e valorizadas, de modo a se criar situações em que se exerça, minimamente, a liberdade, pressuposto imprescindível para o aprender e o ensinar Filosofia e para a transformação de si e dos outros.

Desse modo, “há sempre um pouco de vida e um pouco de morte quando se ensina Filosofia, algo de liberdade e de controle, de cuidado e sua ausência, de

emancipação e embrutecimento” (KOHAN, 2009, p. 11), o que dá vida e torna a Filosofia possível no espaço educacional. Assim, o que se vê nesse campo de pensamento é um paradoxo, do qual não se pode ou não se quer escapar. Ainda nas palavras de Kohan (2009, p. 14), o professor de Filosofia, retomando a concepção socrática de mestre/aprendiz, deve “ajudar a ver sem mostrar-se, expor-se se escondendo, ensinar a dizer uma palavra que não se deixa ler, aparecer onde já não se está mais ou já não se é mais que a forma de algum outro”.

De fato, a grande contribuição de Sócrates ao professor de Filosofia é a sua afirmação de que fazer e praticá-la é, necessariamente, ensiná-la, pois o pensamento filosófico exige o contato e a intervenção sobre o pensamento do outro, e a participação coletiva (KOHAN, 2009). Como afirma Kohan, a divisória entre a “Filosofia” e a “não Filosofia” é “se de verdade ela chega a afetar o modo de vida daqueles que a compartilham”.

Ensinar e aprender Filosofia no mundo contemporâneo, especialmente no espaço escolar, é um desafio ao próprio sistema capitalista e à economia de mercado. Se na antiguidade clássica Sócrates foi acusado de corromper a juventude, hoje não são menores as acusações. Sob um ponto de vista utilitarista, a Filosofia é tida, ainda por muitos, como uma disciplina supérflua, que desviaria dos alunos a atenção necessária à prova do vestibular, que não prepararia para o mercado de trabalho, que afastaria a criança ou o adolescente da religião, entre outras. O grande perigo não são as inculpações, mas sim a resposta de alguns filósofos, que optam por se inserirem na lógica de seus algozes e transformam a Filosofia em competência para a boa incorporação do ser humano no mercado capitalista (KOHAN, 2009).

A realidade é que a Filosofia exigiria uma autonomia, do professor e do aluno, tanto diante dos demais saberes, quanto diante das instituições. Porém, essa autonomia, de forma plena, é impossível de ser alcançada e leva a pensar nas perguntas lançadas por Kohan (2009):

(...) é possível ensinar Filosofia sem antecipar o campo do pensável para o aluno? Por que seria desejável, interessante ou necessário fazê-lo? Se fosse, que diferença surge em termos do espaço de pensamento que se abre para quem aprende Filosofia? (KOHAN, 2009, p. 75)

Diante de tantas questões, paradoxos e uma busca que nunca chega a uma resposta definitiva e, claro, sem querer fechar um campo interminável de reflexões, termino esse tópico apontando a vontade e, com despreensão, a práxis que tentei empreender para o ensino/aprendizagem de Filosofia.

Concordo com Sócrates, no sentido de que o professor de Filosofia deve proporcionar um lugar aberto para o pensamento, em que seja possível a constante reformulação de ideias e no qual ele próprio esteja permeável em relação aos seus alunos. Diz Kohan (2009, p.80): “interessa que o caminho disposto permita a cada um encontrar-se consigo mesmo no pensamento e pôr em questão o espaço que ali se habita para, finalmente, problematizar o modo como se vive”.

A Filosofia deve permitir a transformação do que se é e do que se pensa, de modo a descortinar um campo de possibilidades de uma nova vida e uma nova cosmologia. O professor, movendo-se em um labirinto de tensões, deve ser um questionador, balizador e motivador da caminhada em direção ao pensamento filosófico.

#### **4.2. A filosofia na escola e a minha vã filosofia: a reflexão filosófica em sala de aula.**

O exercício de ensinar filosofia na escola não é uma das tarefas mais fáceis de serem realizadas. As dificuldades do ensino dessa disciplina são várias e, dentre elas, destaca-se: *qual filosofia deve ser melhor aplicada numa sala de aula de ensino fundamental? Provocar o aluno a pensar em temas do cotidiano social é possibilitá-lo a reflexão filosófica? O que deve e pode ser ensinado na escola com a Filosofia? Como ensinar Filosofia na escola?*

Antes de definir qualquer caminho para ser percorrido com a Filosofia em sala de aula, é importante antes, pensar que tipo de abordagem e metodologia devem ser aplicadas e, que ao mesmo instante, convide o aluno a ser participativo, sem necessariamente ser motivado por notas, mas, sim, por ser significativo o que ele pensa e fala.

Para ser possível a reflexão crítica filosófica é importante saber de onde se fala e para quem se quer falar. Deixar claro o lugar que o aluno e o professor estão refletindo é de extrema importância para o auxílio do ensino/aprendizagem. A verdadeira base do pensar filosófico em sala de aula está alicerçada na capacidade argumentativa e de questionamento realizado nos debates com os alunos.

A Filosofia é uma disciplina de abordagem teórica e que pode se tornar desmotivante quando os horizontes reflexivos, propostos em sala de aula, estão reduzidos a meros jogos de opinião dos alunos frente ao tema proposto pelo professor, sem se motivarem a buscar uma compreensão do mundo e de si próprios.

Motivar o aluno a participar e se envolver reflexiva e argumentativamente com o pensamento filosófico, significa trabalhar questões que sejam, ao mesmo tempo acessíveis de entendimentos, ricas em questionamentos e “rigorosas” no modo de argumentar, buscando racionalidade e despertando o senso crítico do aluno. Os temas e as problemáticas apontados pelos alunos devem ir ao encontro dos seus interesses, mostrando-se sempre abertos às novas possibilidades de reflexão acerca do tema, bem como, mostrar o quanto é importante ser conceitual e rigorosa.

Talvez, na situação contemporânea de mundo, seja mais adequado pensar em *filosofias*, devido à grande dispersão do pensamento reflexivo e crítico, no

sentido clássico da academia superior de ensino, que tem requisitos básicos e indispensáveis para serem discutidos segundo as teorias filosóficas.

Esse novo modo do pensar filosófico, a partir do computador/internet, provoca e ao mesmo tempo, valoriza o desenvolvimento de um novo estilo de filosofar, que não é mais realizado por alguns, como nas universidades, mas por todos que queiram pensar e exercer o raciocínio crítico e argumentativo, como os cidadãos gregos que iam à praça pública.

Assim, escolher o tema a ser tratado em sala de aula, a abordagem filosófica que será realizada e, extrair a reflexão suficiente para a expansão do senso-crítico e da argumentação do aluno, requer mais que somente fazer uma breve reflexão acerca do tema proposto ou possibilitar, a ele, a aquisição de informações, mas, sobretudo, garantir a todos que se disponham à reflexão filosófica uma familiaridade com a reflexão, com a linguagem, conceitos, argumentações e significações.

Tecer discussões em sala de aula que levem o aluno a pensar filosoficamente é fomentar neles, habilidades reflexivas, que captam do aluno valores, teorizações, discussões sem reprimir qualquer dificuldade de pensamento autônomo, pois, é mais importante pensar com autonomia que tentar adivinhar uma resposta que supostamente o professor considere previamente correta.

Filosofar consiste em se espantar com o que reflete, descobrir e trilhar novos caminhos e, sobretudo, buscar sair da superfície do pensamento, do conhecimento prévio e ir em direção a decifrar a todo custo os possíveis acasos da vida. A filosofia não é um pensamento que é realizado na solidão ou clausura, ao contrário, ela surge na praça grega, e, por isso, necessita de contatos e relacionamentos intensos entre as pessoas.

O pensamento filosófico necessita da controvérsia para existir, do diálogo para se estabelecer e do pensamento heterogêneo para se consolidar. Admitir respostas simples e óbvias, empíricas e prováveis, é simplesmente abandonar a capacidade do ser humano pensar criticamente. Pensar em conjunto, trocar idéias com o outro, é importante não só para aprender com outras pessoas, como também, para aperfeiçoar ideias.

### 4.3. - Metodologia

A opção pela metodologia utilizada nesse trabalho, caracteriza-se por uma abordagem qualitativa. A escolha surgiu devido à linha de investigação aplicada ser considerada aquela que mais se aproxima das expectativas e dos objetivos propostos para o desenvolvimento da pesquisa.

É evidente que esta avaliação pela metodologia somente foi possível no instante em que algumas perguntas surgiram como motivadoras para reflexão. Questões como: “O que me levou a pesquisar sobre esse assunto?”, “Quais caminhos e escolhas fazer para o desenvolvimento do trabalho?”, “Onde pretendo chegar com a pesquisa?”, “De que forma colher as fontes?”, “Como lidar com os sujeitos da pesquisa?”, e “Pesquisar o próprio pesquisador é importante?” Esses e outros questionamentos surgidos, foram os balizadores para a efetivação dos objetivos propostos.

Para isso, realizar um movimento em direção à concepção de entendimento do aluno, respeitar uma leitura mais voltada à sua relação histórico-cultural, que fosse contextualizada e que, sobretudo, tivesse uma aproximação com o pesquisador e os sujeitos a serem pesquisados foram fundamentais para o bom andamento dos trabalhos.

A opção que melhor traduz esses anseios é a pesquisa qualitativa, que considera existente uma relação próxima entre o mundo real e o sujeito. O importante do trabalho presente, não é chegar a resultados numéricos. A relevância da pesquisa é pautada em seu significado. O foco principal é a reflexão sobre os processos e não somente o resultado final.

A investigação qualitativa em educação é conduzida em múltiplos contextos e agrupa diversas estratégias que partilham determinadas características, *tais como: ser rico em pormenores, elaborar uma observação participante, pesquisar buscando com profundidade reflexiva aquilo que pretende*, entre outras. O investigador se aproxima do mundo dos seus pesquisados, ganha sua confiança, elabora registros de modo sistemático e, boa parte daquilo que observa e ouve pode fazer parte também da coleta dos dados do trabalho. A questão de investigar qualitativamente está direta e essencialmente relacionada à busca de compreensão dos argumentos, a partir das perspectivas dos sujeitos da investigação.

Na pesquisa qualitativa, a interpretação dos fenômenos, a atribuição de significados, a busca por sentidos, não são realizadas e alicerçadas em métodos e técnicas estatísticas, mas, ao contrário, o que pretende é buscar no próprio ambiente de pesquisa a fonte para as coletas dos dados que se buscam analisar. Nesse processo, não é somente o pesquisado que é fundamental, mas o pesquisador também é parte significativa para o desenvolvimento do trabalho. O ambiente natural é a fonte direta dos dados e o pesquisador é o instrumento principal.

A presença do pesquisador no *locus* da pesquisa, em tempo significativo, auxilia na elucidação de questões educativas. A coleta de dados de acordo com os contextos e adquiridos por informações obtidas através de contato direto entre pesquisador e pesquisado; a revisão das informações registradas; a preocupação com o contexto, são processos fundamentais para o andamento da pesquisa qualitativa. “Para o investigador qualitativo divorciar o ato, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado” (Bogdan e Biklen, 1999, p.48).

Optei pela pesquisa qualitativa por sua abertura a uma descrição e interpretação dos dados, que são analisados a partir do olhar do pesquisador. Os dados recolhidos são usados em formas de palavras ou imagens e não de números. Eles se abrem em possibilidades de análise que busca ir além da exatidão de resultados, ampliando-se em formas de interpretá-los e compreendê-los. Assim, os *posts* nos *blogs* puderam ser analisados a partir da compreensão das imagens, vídeos, músicas e fotografias postados, como base de sustentação reflexiva e de argumentação dos alunos. Essas postagens foram, pois, analisadas em toda sua riqueza, respeitando a forma com que foram registradas ou transcritas.

Na pesquisa qualitativa, nada é trivial, tudo tem um potencial. Os dados ou provas recolhidos têm a finalidade de conformar ou de revogar hipóteses previamente construídas. Nesse modelo de pesquisar, o que importa, não é aglutinar informações com o intuito de montar um “quebra-cabeças” com o que já se conhece de antemão, mas, de construir um quadro que vai ganhando forma no processo de andamento dos trabalhos realizados, na medida em que se recolhem e se examinam as partes. Como citam Bogdan & Biklen, (1999, p.51) “o processo de condução da investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados de forma neutra”.

Desse modo, autores como Bogdan e Biklen tornaram-se imprescindíveis balizadores para a imersão que necessitava ser realizada no campo dessa investigação, pois a perspectiva ideológica desses autores permitiu entender que o verdadeiro objetivo do pesquisador é construir conhecimento e não apenas opinar segundo os referidos contextos. Como compreendem Bogdan e Biklen (1991, p.67): “o objetivo principal do investigador é o de construir conhecimento e não o de dar opiniões sobre determinado contexto. A utilidade de determinado estudo é a capacidade que tem de gerar teoria, descrição ou compreensão”.

A respeito ainda, da pesquisa qualitativa, a educadora Freitas (2002), nos informa:

(...) na investigação qualitativa de cunho sócio-histórico vai-se a campo com uma preocupação inicial, um objetivo central, uma questão orientadora. Para buscar compreender a questão formulada é necessário inicialmente uma aproximação, ou melhor, uma imersão no campo para familiarizar-se com a situação ou com os sujeitos a serem pesquisados. (FREITAS, 2002, p. 08).

A possibilidade de unir temáticas como educação, tecnologia e filosofia, voltadas aos alunos do Ensino Fundamental II, e de entrecruzar a experiência profissional, acadêmica e pessoal, e que também pudesse ser concebida e realizada a partir de uma questão que fosse coletiva, em que pesquisador e pesquisados, estivessem diretamente envolvidos, de modo cooperativo e participativo, tornou possível definir a pesquisa qualitativa como relevante para o desenvolvimento do trabalho.

Depois de definidos os autores que seriam a base de sustentação da metodologia e o “olhar” que seria “lançado”, foram tomadas algumas atitudes para o desenvolvimento da pesquisa.

A primeira atitude foi com o intuito de instigar os alunos a desenvolverem uma escrita autoral e argumentativa, ampliando os seus horizontes reflexivos e de questionamentos. Para a realização dessa escrita, foram utilizados os *blogs*, como ambientes virtuais de ensino/aprendizagem em filosofia e que foram intitulados de *Ágora virtual*. A questão é fazer uma imersão na experiência de materialização de postagens de argumentos filosóficos, para o ensino/aprendizagem da disciplina com a iniciativa de investigar qual a contribuição dessa prática no processo de ensino-aprendizagem da disciplina e na construção do pensamento filosófico.



Para desenvolver uma escrita autoral e argumentativa dos alunos, uma questão chamou minha atenção para a realização do trabalho que foi de fazer u

Com a criação desses *blogs* foi possível fazer uma imersão na experiência de um professor de Filosofia, o qual se utiliza de *blogs*, como espaço de materialização de postagens de argumentos filosóficos, para o ensino/aprendizagem da disciplina com a iniciativa de investigar qual a contribuição dessa prática no processo de ensino-aprendizagem da disciplina e na construção de um pensamento filosófico.

É importante ressaltar que não foi criado um único endereço dos *blogs* para os alunos de todas essas escolas por não existir concordância entre as coordenadoras pedagógicas. Todas as coordenadoras alegaram que não gostariam de fazer exposição dos seus alunos para os de outros colégios.

O receio por parte da coordenação pedagógica em utilizar o computador/internet, era de o aluno de determinada escola sofrer com o *cyberbullying*. Em todos os colégios, foi incentivada a prática da escrita no *blog*, porém, somente para acesso dos alunos de mesma instituição. A alegação era de que esses debates poderiam, por vezes, provocar um “mal-estar” entre os alunos, caso algum desses defendessem pensamentos diferentes dos demais.

É importante ressaltar também que dessas três escolas em que o *blog* foi construído, somente uma ainda não tem o computador/internet para os usos e frutos dos alunos em seu interior, que é o colégio 1<sup>10</sup>, mas que tem um *site* em que os alunos acessam textos dos professores, *links* para páginas de pesquisas, entre outros. As outras duas escolas, 4 e 3, além de *sites*, tem o computador/internet na escola, e em ambas, ocorrem incentivos por parte das próprias coordenações pedagógicas, para que os professores, independente das disciplinas que lecionam, utilizem o computador/internet para pesquisas ou projetos. As escolas são particulares e consideradas de porte médio no município de Juiz de Fora (MG).

Por ser professor das respectivas instituições e respeitar as orientações pedagógicas, resolvi criar um *blog* por colégio, sendo que em todos, os *blogs* foram voltados às turmas do Ensino Fundamental, colocando os alunos do 6º ao 9º ano, para debaterem sobre os mesmos temas, mas sempre respeitando o desenvolvimento cognitivo dos alunos e dos seus respectivos anos.

---

<sup>10</sup> Por critérios éticos, os nomes das escolas pesquisadas foram suprimidos.

Para tentar contornar a dificuldade de construir um *blog* para todos e, ao mesmo tempo, ter material suficiente para a realização da pesquisa, resolvi trabalhar, nos referidos *blogs*, temáticas bem próximas. Assim, em uma mesma semana, os alunos de todas essas escolas discutiam dentro de sala de aula, assuntos bem parecidos, e podiam expor, nos seus respectivos *blogs*, as suas opiniões, reflexões e discussões dos debates realizados naquela semana.

É importante observar também que nenhum aluno foi obrigado a postar no *blog* e, por sua vez, não houve qualquer motivação como nota de conceito ou participação, trabalho, entre outros. Na disciplina de Filosofia, nas três escolas referidas, os alunos somente são avaliados por meio de conceitos. Em nenhuma delas há qualquer tipo de pontuação. Assim sendo, eles postavam ou não, de acordo com o interesse demonstrado pelo tema da aula da semana. Desse modo, é possível constatar que tiveram semanas com mais *posts* e outras com menos *posts*. Outra observação que é importante ser destacada, que os alunos postavam nos mais diversificados horários, alguns *posts* eram realizados inclusive de madrugada, horário que muitos desses jovens entram na internet no fim de semana para.

Outro fator preponderante foram as aulas, que eram um meio de fomento, debate, de abertura reflexiva e de construção do pensamento crítico. As aulas eram importantes, por ser o espaço em que os alunos discutiam reflexivamente, e o *blog*, como mais um ambiente de extensão e reflexão, em que havia o registro das opiniões e críticas reflexivas, por meio da escrita.

Foram três os endereços criados para os alunos; o primeiro é [www.agoravirtual1.blogspot.com](http://www.agoravirtual1.blogspot.com), e foi feito para os alunos do colégio 1. O seguinte, foi o endereço criado para escola 3, que é: [www.agoravirtual3.blogspot.com](http://www.agoravirtual3.blogspot.com) e, o último, para a escola 4, [www.agoravirtual4.blogspot.com](http://www.agoravirtual4.blogspot.com).

Nesses *blogs* os alunos tiveram autonomia e liberdade suficiente para acessar o conteúdo e de puderam postar quando achavam importante. Assim, tanto na escola, como na sua própria casa, o aluno podia opinar, refletir, discordar, reconsiderar questões e, sobretudo, dialogar com o outro sobre o que pensam.

Após a criação dos *blogs* e do incentivo à participação dos alunos, estudei a importância do computador/internet na vida dos alunos e como esses eram observados dentro do cotidiano escolar e sua possível contribuição para ampliação dos horizontes reflexivos nas aulas de Filosofia. Os *posts* dos *blogs* foram analisados a partir de fevereiro de 2010 até novembro do mesmo ano.

Em seguida, e, por último, realizei um levantamento dos *posts* dos alunos nos *blogs*, e analisei os tipos de argumentos que mais utilizavam, como os de metáfora, por analogia, por ilustração, modelo, exemplo, de autoridade, quase lógicos, entre outros. Também analisei como esses alunos, à medida que utilizavam esses argumentos nos *posts*, ampliavam sua bagagem reflexiva.

A partir disso, foi possível compreender os argumentos postados pelos alunos nos *blogs* de Filosofia, como possíveis espaços de autoria na escola, instigando-os a pensar de modo profícuo em questões do cotidiano e dos seus respectivos contextos sócios-históricos.

#### 4.4. – Preparando-se para o *Pensar*:

Após ter sido enfatizada a importância do pensamento filosófico, agora será analisada a relevância de preparar o aluno para a discussão filosófica na sala de aula e, também no *blog*. Por isso, alguns princípios são indispensáveis para o amadurecimento reflexivo do aluno.

O debate filosófico não é apenas um espaço de troca de idéias ou de visões superficiais sobre os assuntos que são discutidos, mas, ao contrário, é preciso que o aluno argumente racionalmente o que pensa. As conversas devem ser consequentes e, por essa razão, as opiniões emitidas pelos participantes devem ser exploradas, ampliadas e, também, serem mudadas tantas vezes quantas forem necessárias.

Partilhar o que pensa e saber que não existe apropriação daquilo que é pensado, ir em direção à verdade e estarem todos comprometidos com a discussão, saber que qualquer pensamento deve ser ouvido e respeitado, são apenas alguns princípios fundamentais para o debate filosófico.

Toda discussão filosófica, exige dos seus participantes, vontade de aprender. Buscar meios claros para a compreensão dos problemas é o que move o pensamento filosófico. Portanto, discutir é pôr em prática alguns princípios como: observar, ouvir e analisar o que é falado, saber se colocar frente à reflexão do colega, pensar com intuito de desdobrar problemas, argumentos e hipóteses, expor (*publicar*) o que pensa, justificar e fundamentar suas idéias, buscar referências outras que agreguem valores na exposição daquilo que é pensado, ser exigente, crítico e também buscar argumentos que sustentem de maneira sólida as suas idéias.

Preparar-se para o pensar, não é buscar por meio de sistemas de ensino fechado, com metodologias rígidas e convencionais, as atitudes reflexivas e críticas dos alunos. O pensar não é uma dimensão dada pela técnica e pela habilidade mecânica, mas, ao contrário, é algo que possibilita a transformação, é subjetivo e imprevisível, o que possibilita a criação e a reflexão crítica. Como informa Kohan (2003):

“A filosofia é um conceito filosófico, controverso, múltiplo. Não pretendemos fechá-lo, mas apenas situar-nos no plano de suas condições de possibilidades, transformadoras. Entendemos a prática da filosofia como

uma experiência intersubjetiva do pensar. A experiência, não a técnica, está na base de um tal pensar. Quando se procura reproduzir ou generalizar uma experiência, ela se torna experimento, espelho do mesmo. Ao contrário, a filosofia, como experiência, não pode normatizar-se, uniformizar-se, estandarizar-se. Ninguém pode fazer experiências por outro, ninguém pode pensar por outro, ninguém pode filosofar por outro” (KOHAN, 2003, p. 108).

Logo, pensar filosoficamente é possibilitar a todos aqueles que pensam e interagem em sala de aula, buscar um novo começo em suas reflexões e, cada palavra expressada e postada no *blog*, se torna uma atualização das ações reflexivas dos próprios alunos.

A palavra na reflexão do aluno no *blog* não é uma técnica de convencimento ou uma disputa argumentativa entre alunos para a elaboração da melhor postagem, com a utilização da melhor técnica argumentativa, mas, sim, a abertura de novos espaços para profanar o pensar supostamente consolidado na sociedade.

#### 4.5. Os jovens filósofos vão à ágora

Com o olhar voltado para a infinita possibilidade de interação entre o “eu” e o “outro”, objetivei analisar, nesse tópico, espaços propícios ao exercício da retórica e da escrita argumentativa e reflexiva. Foi escolhido, para tanto, a partir das categorias analíticas exploradas por Perelman, estudar a argumentação e o diálogo filosóficos no interior dos já mencionados *blogs* de Filosofia. Acredito serem esses espaços lugares legítimos de registro, memória, interação, criação, metáforas, analogias e persuasão, com um vasto território para o desenvolvimento argumentativo e o nascimento de uma nova retórica nas aulas de Filosofia para o Ensino Fundamental.

Acredito na perspectiva da utilização dos *blogs* e do computador/internet, por terem eles o potencial de constituírem-se em instrumentos de ensino/aprendizado e de busca de informação, geração de conhecimento e reflexão argumentativa, embasando de modo *sine qua non* às leituras/escritas e debates proporcionados pelas discussões nas aulas de Filosofia. Como cita Freitas (2008) sobre a importância das tecnologias nos domínios do espaço escolar, em especial o computador conectado à grande rede de relações virtuais:

A comunicação interativa apresenta-se como um desafio para a escola que está centrada no paradigma da transmissão. Instaura-se, com essa nova modalidade comunicacional, uma nova relação professor-aluno centrada no diálogo, na ação compartilhada, na aprendizagem colaborativa na qual o professor é um mediador. Computador e Internet se mostram como adequados a uma concepção social de aprendizagem, que se realiza na interação. Os professores terão que enfrentar o hipertexto com sua não linearidade, sua rede de conexões, sua leitura que se converte em escritura. O novo leitor não é um mero receptor, mas interfere, manipula, modifica, re-inventa. Assim, o professor não pode ser apenas um transmissor, mas deve se tornar um provocador de interrogações, um coordenador de equipes de trabalho (FREITAS, 2008, p. 06).

Atualmente, na sociedade contemporânea, saber argumentar é saber se colocar frente às questões do cotidiano, é saber se posicionar, expressar e defender pontos de vista. Como informa Breton (2003),

Saber argumentar não é um luxo, mas uma necessidade. Não saber argumentar não seria, aliás, uma das grandes causas recorrentes da desigualdade cultural, que se sobrepõe às tradicionais desigualdades sociais e econômicas, reforçando-as? Não saber tomar a palavra para convencer não seria, no final das contas grandes causas da exclusão? Uma sociedade que não se sobrepõe a todos os seus membros os meios para serem cidadãos, isto é, para terem uma verdadeira competência ao tomar a palavra, seria verdadeiramente democrática? (BRETON, 2003, p.19).

A retórica e a argumentação - propiciadas pela leitura/escrita no computador/internet, mediada pelo *blog* – podem ser meios de potencializar a reflexão, o diálogo e a interação entre os alunos. O que se quer com essas tecnologias digitais é suscitar a ampliação dos espaços escolares, extrapolando e ultrapassando as suas fronteiras físicas. Em relação à significância do computador/internet na escola, pode-se inferir que o

Computador/internet introduzem uma forma de interação com as informações, com o conhecimento e com as outras pessoas, totalmente nova, diferente da que acontece em outros meios como a máquina de escrever, o retroprojektor. No uso do computador e da internet a ação do sujeito se faz de forma interativa e enquanto lê/escreve, novos fatores intelectuais são acionados: a memória (na organização de bases de dados, hiperdocumentos, organização de arquivos); a imaginação (pelas simulações); a percepção (a partir das realidades virtuais, telepresença). Outros tipos de comunicação afetam os usuários por vários canais sensoriais, combinando texto, imagem, som, movimento, cor. Trata-se de uma nova modalidade comunicacional absolutamente diferente possibilitada pelo digital: a interatividade. Comunicar não é simplesmente transmitir, mas disponibilizar múltiplas disposições à intervenção do interlocutor (SILVA apud FREITAS, 2008, p. 06).

Atualmente, no campo da educação, são muito valorizadas as metáforas de teias e redes, representando o conhecimento de forma interativa, plural e multirrelacional. O crescimento do acesso à internet e os *hiperlinks* que ela conforma realizam e concretizam esse saber relacional e múltiplo, remetendo a outra analogia, a do conhecimento como um labirinto.

Os *blogs* analisados revelaram-se como espaços para a participação de todos os alunos que o desejaram, já que a adesão a eles não foi obrigatória, frente às temáticas de Filosofia. Ademais, possibilitaram uma estrutura semelhante à da antiga ágora grega para o exercício da argumentação, abrigando e necessitando de três componentes imprescindíveis para tal exercício: o *ethos*, que está relacionado à figura do orador; o *logos*, referente à racionalidade que sustenta os argumentos; e o *pathos*, o qual se materializa na sensibilidade do conjunto de pessoas com quem o discurso é travado, ou seja, o auditório, que pode aderir ou não às teses apresentadas.

O *Ethos*, de modo sucinto, consiste na possibilidade do orador de levar o auditório a acreditar numa verdade. Relaciona-se à credibilidade e à autoridade de

quem fala. O *Logos*, por sua vez, representa o raciocínio lógico através do qual se convence o público de uma verdade. É a consideração pelo conteúdo do discurso por parte do orador. Para isso, é importante deixar clara a tese defendida, selecionar estrategicamente os argumentos que a reforçam, bem como adiantar-se a possíveis objeções. O *Pathos*, por fim, permite o apelo às paixões e emoções dos ouvintes, prescindindo do controle racional das opiniões. Define-se pela sensibilidade do auditório, sendo tarefa do orador perceber intuitivamente as estratégias a serem usadas para atingi-lo, com o intuito de transformar sua opinião ou comportamento. É evidente que os argumentos racionais não são abandonados, mas é a sensibilidade que sustentará sua tese, nesse momento.

Provida das três dimensões supramencionadas, a argumentação dos alunos se expressou no *blog* através, inicialmente, de discursos escritos. Tenho clareza de que todo discurso é um ato e, portanto, está sujeito à reflexão por parte do ouvinte. Desse modo, a todo discurso proferido no *blog* houve uma reação por parte dos interlocutores, os quais se tornaram autores de novos argumentos, modificando o resultado do discurso inicial.

Em seguida, será analisado o quanto esses argumentos e seus respectivos debates, conseguiram de certo modo, modificar e ampliar a capacidade argumentativa e reflexiva dos alunos e, sobretudo, investigar acerca do diálogo reflexivo por meio do computador/internet, como mais um componente de auxílio para o ensino/aprendizagem, nas aulas de Filosofia.

#### 4.5.1. Análises dos argumentos

A primeira experiência de reflexão filosófica no *blog* começou no instante em que os alunos foram instigados a discutir a respeito do conceito de arte. É importante ressaltar que essas questões, surgidas nos *blogs*, têm como iniciativa despertar o aluno para a reflexão. Para iniciar o debate, foram mostradas, através do computador/internet, duas pinturas, uma de estilo renascentista e outra, abstrata. Após a apresentação dos quadros, principiou-se uma série de reflexões em um dos ambientes virtuais. As perguntas geradoras se limitaram a abordagens gerais e radicais, como, por exemplo, “o que é arte”, “como sabemos se algo é ou não arte”, “tudo o que fazemos pode se tornar arte?”.



Os alunos, seguidores dos *blogs*, *Ágora virtual* 1, 3 e 4, preocuparam-se em conceituar a “arte”. Nas palavras dos alunos, R.H, E., M. e B, nos argumentos de números 1, 2, 3 e 4, disseram o seguinte:

(1)

Arte é uma manifestação de sentimentos traduzidos nas diversas formas: poesias, fotografias, esculturas e outros. Na minha opinião é isso.

(Aluna R.H)

(2)

Arte é um dom natural característico de cada pessoa, que pode ser expresso pela música, dança, pintura, etc. Quando pintamos ou desenhamos uma coisa que ninguém tenha feito antes. Acho que sim [que todo rabisco é arte], pois eles [os rabiscos] vão dando novas idéias para podermos criar, imaginar e pintar. O artista famoso tem experiências em criar pinturas com várias formas e cores de acordo com a sua imaginação, e eu não tenho conhecimento o bastante para pintar como artista

(Aluna E.)

(3)

Arte é uma maneira que as pessoas tem de expressar seus sentimentos e sua maneira de ver o seu mundo. Quando estamos envolvidos em alguma atividade com emoção e idéias, produzimos obra de arte, seja na dança, música, teatro, pintura, desenho etc. Se esse rabisco ou desenho permite expressar uma idéia ou sentimento através de uma forma, isso é arte, mesmo que muitas vezes o público não compreenda o significado daquele traço. As obras de um artista famoso possuem um reconhecimento da crítica e estão presentes nos museus, nos livros e na mídia. E o desenho que eu faço em casa fica restrito ao público familiar.

(Aluna M.)<sup>11</sup>

Nessas afirmações, encontrei o padrão dos “argumentos de autoridade”, os quais recorrem ao prestígio de uma pessoa ou grupo para referendar uma tese em situações de ausência de provas demonstrativas. As autoridades, quando evocadas em um discurso, se apresentam de diversas formas, tanto pessoais quanto impessoais.

No primeiro argumento, a aluna R.H., busca definir a arte como manifestação de sentimentos traduzidos em diferentes formas como, poesia, fotografia e esculturas. No caso da aluna E, do argumento (2), embora nenhuma autoridade tenha sido mencionada diretamente, fez-se alusão à figura do “pintor

---

<sup>11</sup> Os argumentos aqui colocados foram transcritos dos *blogs* tal como foram postados, sem qualquer modificação.

famoso”, como aquele único capaz de conhecer sobre “arte”. A lei, a Bíblia, a tradição, a ciência, um determinado intelectual, entre muitos outros, são frequentemente considerados como autoridades para validarem argumentos.

O terceiro argumento referido anteriormente pela aluna M., deixa claro que a definição de arte ocorre a partir de determinados reconhecimentos. Ao citar: “As obras de um artista famoso possuem um reconhecimento da crítica e estão presentes nos museus, nos livros e na mídia. E o desenho que eu faço em casa fica restrito ao público familiar”. A aluna atribui ao “artista famoso”, aos críticos, museus, livros e mídia, a autoridade suficiente para saber definir o “que é arte” e, portanto, ser incontestável. Ao finalizar seu argumento que o desenho que ela faz fica restrito ao público familiar, ela reforça a idéia anterior de que para ser artista necessita ser reconhecido.

O argumento (4), analisado em seguida, foi o do aluno B. Esse, por sua vez, tentou argumentar o que é arte a partir de uma definição conceitual previamente estabelecida.

(4)

Arte (Latim Ars, significando técnica e/ou habilidade) geralmente é entendida como a actividade humana ligada a manifestações de ordem estética, feita por artistas a partir de percepção, emoções e ideias, com o objetivo de estimular essas instâncias de consciência em um ou mais espectadores, dando um significado único e diferente para cada obra de arte.

(Aluno B.)

Nesse argumento, a definição deve sempre orientar o raciocínio e nunca ser imposta. E, quando apresentada, essa definição levaria o auditório a aceitar tais concepções em conformidade com aquelas aceitas pelo orador. Assim, quando B. no argumento (4) se utiliza dessa definição de arte para dizer o que é certo, deixa claro, que é aquela definição que ele pensa ser a mais correta, segundo seus próprios entendimentos, e, com isso, afasta todas as interpretações diferentes que o auditório possa fazer do enunciado a ser analisado.

O mesmo ocorre nos argumento do aluno A.E. no argumento (5), ao se referir a questão sobre a regra e a ordem. A seguir, o aluno busca definição do dicionário e cita a fonte, para apresentar um argumento de autoridade e também que legitime sua posição reflexiva. Assim, cita:

(5)

Bem eu só vou colocar o significado que eu achei no dicionário

Regra: Norma, preceito, princípio, método

Ordem: Boa disposição das coisas, cada uma no lugar que lhe corresponde; disposição das coisas cujo arranjo se subordina a um princípio útil, agradável ou harmonioso.

Lei: Preceito emanado da autoridade soberana

Significados

Site:<http://Michaelis.uol.com.br/moderno/português/index.php>

(Aluno A E.)

No argumento (6), a aluna, ao se deparar com o problema, busca razões que permitam convencer o outro sobre seu pensamento. E, para tanto, argumenta conduzindo o auditório a entender o que pensa de modo hierárquico, dentro de uma escala de princípios e valores que o orador considera importante. Esses argumentos são chamados de sucessão, porque partem de um nexos causal, buscando a causa, os efeitos ou a apreciação dos fatos pela sua consequência.

Assim, quando o orador deseja convencer seu par levando-o de A a D, escolhe proceder diante de uma sequência facilitada, que parte de A para B, B para C e, finalmente, de C para D. A aluna J. demonstra essa sucessão pela ordem numérica dos argumentos, e quando cita que: “Sei que gosto de alguém quando vejo essa pessoa e sinto felicidade ao vê-la, alegria, emoção e vários sentimentos bons”.

(6)

1 - Sei que gosto de alguém quando vejo essa pessoa e sinto felicidade ao vê-la, alegria, emoção e vários sentimentos bons.

2 – gostar é sentir algo especial por alguém, é sentir um “calorzinho” ao ver essa pessoa.

3 – A diferença de gostar de uma pessoa e gostar de um objeto é que o “gostar” é diferente. Em relação a um objeto você diz: aah eu gosto de vídeo-game e em relação a uma pessoa você diz: aah eu gosto de do/a fulano/a do objeto você gosta por ser bonito, interessante e legal. E de uma pessoa você gosta por ela te fazer feliz, conversar com você, te compreender e te ajudar sempre que você precisar.

4 – É um sentimento bom, tanto como gostar na amizade como gostar no amor. Gostar na amizade é sempre bom e gostar no amor também.

5 – Gostar não é o mesmo que amar

6 – A diferença é que gostar é menos intenso e emocionante. O gostar muitas vezes dura pouco e o amor sempre dura mais.

7 – Eu penso que são diferentes pois se fossem iguais não teria porque um dos dois termos para certas coisas. Se fossem iguais as pessoas sempre fariam que gostam de uma tal pessoa ou sempre fariam que amam uma tal pessoa, mas não é assim. As pessoas dizem que amam algumas pessoas e dizem que gostam de outras. Amar é uma palavra muito forte para ser comparada com gostar..! :D

(Aluna J.)

A incompatibilidade é outra técnica argumentativa, e que tem como característica não se basear na univocidade e na linearidade da tese apresentada pelo orador. A intenção dessa técnica não é de mostrar sua contradição, mas sua incompatibilidade. Isso significa que nesse argumento (7), contam tanto uma proposição quanto uma negação. Como diz a aluna J.:

(7)

Eu penso que são diferentes pois se fossem iguais não teria porque um dos dois termos para certas coisas. Se fossem iguais as pessoas sempre fariam que gostam de uma tal pessoa ou sempre fariam que amam uma tal pessoa, mas não é assim. As pessoas dizem que amam algumas pessoas e dizem que gostam de outras. Amar é uma palavra muito forte para ser comparada com gostar..! :D.

(Aluna J.)

A comparação é um argumento quase-lógico, pois nunca é determinado de forma rígida. Perelman alerta que essa técnica pode servir tanto para valorizar quanto para inferiorizar. O argumento (8) que segue, explicita muito bem essa técnica argumentativa. Como cita a aluna J.:

(8)

A diferença de gostar de uma pessoa e gostar de um objeto é que o “gostar” é diferente. Em relação a um objeto você diz: aah eu gosto de vídeo-game e em relação a uma pessoa você diz: aah eu gosto de do/a fulano/a do objeto você gosta por ser bonito, interessante e legal. E de uma pessoa você gosta por ela te fazer feliz, conversar com você, te compreender e te ajudar sempre que você precisar.

(Aluna J.)

Nos argumentos seguintes (9) e (10), que tratam também sobre a temática do amor, os alunos utilizam a comparação. Segundo a aluna M., “Amar não é igual a gostar, pois amar é um sentimento muito mais intenso do que gostar” e Hierarquia de valores, como demonstra a aluna K. B., na sequência:

(9)

Eu sei que gosto de alguém quando eu sinto necessidade de estar perto dessa pessoa e dividir com ela coisas da minha vida. Gostar é sentir algo de bom em relação a uma pessoa ou uma coisa. A diferença é que a pessoa você tem que alimentar uma relação porque é

uma troca. Já o objeto, simplesmente, tenho uma afeição, uma estima por ele e pronto. Amar não é igual a gostar, pois amar é um sentimento muito mais intenso do que gostar.

(Aluna M.)

(10)

Gostar e amar não são a mesma coisa. Gostar é admirar, respeitar ter carinho por uma pessoa, já amar é um sentimento mais forte e intenso, no qual você faz de tudo por essa pessoa e percebe que esse alguém é a pessoa certa para sua vida. Eu penso que amar é diferente de gostar, pois como já disse, amar é um sentimento mais intenso e forte.

(Aluno K. B.)

Nos argumentos (11) e (12), que trabalham a questão da regra e da ordem, os alunos também utilizam do argumento de autoridade. Para a aluna J., a autoridade do argumento é estabelecida do seguinte modo. A aluna atribui que todo local tem regras e que todos indivíduos devem exercê-las. Como J. cita: “Regra é uma “ordem” que deve ser cumprida por todos que habitam o lugar onde ela foi estabelecida”.

Para a aluna atribuir validade em seu argumento e inibir uma possível contestação de outros alunos sobre aquilo que pensa, confere a “todos”, a responsabilidade sobre o lugar que habitam. Ao delegar às pessoas o exercício das regras do lugar, J. incita o auditório pensar nas regras como algo importante e necessário para ajudar na convivência entre as pessoas.

(11)

1-Regra é uma "ordem" que deve ser cumprida por todos que habitam o lugar onde ela foi estabelecida

2- A diferença entre regra e ordem é que regra é uma determinação que todas as pessoas devem cumprir e é estabelecida por alguém superior e ordem é um mandato para poucas pessoas e que não é necessariamente imposta por alguém superior. Exemplo de ordem: arrume seu quarto!  
Exemplo de regra: Não é permitido usar boné em sala de aula!

3- E lei é um conjunto de normas jurídicas.

4-Não, as regras e ordens estabelecidas as de mais pessoas nem sempre é justa, e mesmo sendo, no ponto de vista de algumas pessoas, ela continua não sendo justa. Exemplo: Maria entornou refrigerante no chão, Ricardo vê e manda Rita limpar o chão. Isso é uma ordem mais não é justa, porque quem derrubou o refrigerante foi a Maria e não a Rita.

(Aluna J.)

Em seguida, M.L. (12), apresenta outro raciocínio que reforça a compreensão pelo argumento de autoridade. Ao citar: “Ordem é aquilo que um maioral diz e deve ser feita pelo aluno, pelo empregado, etc... Uma ordem pode ser empregada em vários locais, mas é mais comum, em lugares onde existe um dono, uma pessoa que toma conta do lugar” (M.L). O aluno argumenta que as regras são mais rígidas e funcionam somente quando existe alguém por perto observando. Assim, em todo local que tem um “dono” ou um “maioral” tomando conta das coisas e do lugar as pessoas têm medo de descumprir as regras.

(12)

Regra é aquilo que deve ser cumprida em certo local; todo local tem sua regra, pois é com a regra que temos respeito e admiração pelo mesmo. Por exemplo, em uma escola, existem várias regras que devem ser cumpridas, como a regra de não poder jogar papel no chão, não mascar chicletes, etc...Ordem é aquilo que um maioral diz e deve ser feita pelo aluno, pelo empregado, etc...Uma ordem pode ser empregada em vários locais, mas é mais comum, em lugares onde existe um dono, uma pessoa que toma conta do lugar.

Lei é uma ordem oficial, sendo legislativa , e uma coisa que deve ser cumprida pela população, pois a lei não sendo cumprida ,pode levar à multas, e até dá cadeia.

Justiça nunca que vai ser a mesma coisa que regra e ordem , pois a justiça é aquilo que é feito, decidindo uma ordem no tribunal, que é dada ao fim de um julgamento pelo juiz. A justiça é mais comum em julgamentos de presos, assassinos, etc ... Decidindo qual a pena que ele deve cumprir.

(Aluno M.L)

A regra de justiça é outra técnica argumentativa que o aluno P.S. acrescenta em seu argumento. A regra de justiça é aquela que pretende o mesmo tratamento a situações integradas numa mesma categoria. Nesse argumento de justiça, a escolha dos elementos considerados importantes são fundamentais para estabelecer semelhanças e a separação daquilo que não é essencial. O aluno P.S., cita em seu argumento (13): “Regra é algo que é dito ou escrito uma só vez, isto é, a pessoa tem duas escolhas a fazer, ela cumpri o que é certo, ou seja, a regra que foi exposta, ou ela pratica o errado sofrendo suas conseqüências”.

(13)

Regra é algo que é dito ou escrito uma só vez, isto é, a pessoa tem duas escolhas a fazer, ela cumpri o que é certo, ou seja, a regra que foi exposta, ou ela pratica o errado sofrendo suas conseqüências. A ordem não, ela na maioria das vezes dita com mais intonação e como se

fosse um mandato, da idéia que se você não cumprir, a punição seria objetiva e vingativa de acordo com seu erro.

(Aluno P S.)

O aluno M.L., do 6º ano, reforça a utilização do argumento de autoridade, na figura do “artista”, e apresenta, ademais, um desejo explícito de interagir com o auditório a que se dirige, lançando perguntas reflexivas a si próprio e aos seus interlocutores. Na continuação do debate, materializada na segunda citação, o mesmo aluno referenciou o filme “Billy Elliot” como suporte para argumentar sobre a arte, suscitando, para além, uma discussão sobre o preconceito. Nesse argumento, demonstrou a preocupação em comover seu auditório, em se posicionar com clareza e em “lançar mão” de outras técnicas argumentativas, como a definição, a metáfora, a regra de justiça e a reciprocidade:

(14)

Arte é aquilo que você desenha, mas representando formas, cores, linhas, sentimentos, esculturas, etc... Um dia eu desenhei uma paisagem, mas o que me fez desenhar esta paisagem? Para fazer um desenho, temos que visualizar, mentalizar, ou até mesmo criar o mesmo. Quando eu faço arte é quando eu descrevo tudo aquilo que estou pensando e sentindo. Todo rabisco tem seu significado, mesmo que você faça-o sem sentido. Podendo assim tornar-se uma arte abstrata. O artista já conhece toda a "manha" do desenho, da arte e eu não conheço, mas às vezes, sei o que estou desenhando, pois eu estou sentindo

(Aluno M. L.).

(15)

Para começar, vejamos o significado de preconceito: Preconceito é um "juízo" preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude discriminatória perante pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes ou estranhos. Com essa definição, vemos que é uma coisa que não devemos ter dentro de nós, mais que infelizmente há muitos e muitos casos de preconceito no mundo, e é preconceito de todos os tipos, alguns tão bobos que nem faz sentido, mais outros que atingem lá dentro de um lugar chamado coração das pessoas que tem algum tipo de necessidade física, psicológica, etc, etc...é preconceito contra homossexuais, cadeirantes, tudo quanto é tipo existe um preconceito, é impressionante! Baseado no filme que vimos, percebi que o garoto Bily Elliot sofre um grande preconceito, e o pior é que ele sofre o maior preconceito; o preconceito que vem de dentro da sua família, das pessoas que você mais ama, e levando ao garoto a fugir, esconder que ao invés de lutar boxe, ele tinha um talento para o balé, que para os preconceituosos, é uma dança só de mulheres, meninas, e não para meninos, homens. O balé deve ser ensinado e aprendido por todos os sexos. O que irá mudar em nossas vidas sabendo

que uma pessoa é cadeirante, se ela é homossexual, se ela dança balé, o que isso vai mudar? Só queria saber essa resposta... Então, vamos parar de preconceito, porque PRECONCEITO não leva a nada nessa vida, o que leva a vida no caso é saber que teremos grandes talentos, não importa se seja no balé, em qualquer esporte, deixa eles mudarem o mundo, vamos parar com essa discriminação, o mundo está ficando difícil se relacionar socialmente com o preconceito, NINGUÉM É PERFEITO!!! E há algum tempo atrás, li uma frase que serve para aqueles que enfrentam o preconceito: "Vocês riem de mim por eu ser diferente e eu rio de vocês por serem todos iguais"

(Aluno M.L).

Como já havia sido mencionado, sempre que uma definição orientar o raciocínio, ela deverá ser justificada e, quando possuir mais de um significado, o orador deve fazer uma escolha. Foi o que fez o aluno M.L., ao definir o preconceito.

A metáfora, por seu turno, é uma analogia condensada que, apesar de mais econômica, é mais impactante, como o "lá dentro de um lugar chamado coração", presente no supracitado argumento de M.L. O aluno, ademais, ao defender que o *ballet* deve ser aprendido e ensinado para e por ambos os sexos, demonstra a aplicação argumentativa da regra de justiça.

Vinculado à técnica supramencionada está o argumento de "reciprocidade", utilizado por M.L. na seguinte citação: "vocês riem de mim por eu ser diferente e eu rio de vocês por serem todos iguais".

A aluna C.R., do sexto ano, apresenta também em seu argumento a técnica da reciprocidade e a metáfora, além daquela denominada por Perelman de "ligação de sucessão". A "blogueira", ao dizer, a seguir, que se um menino ficará feliz se fizer *ballet*, provocará a felicidade de seu pai, está fazendo uso da ligação de sucessão, dividindo-a em etapas:

(16)

Para mim, o ballet, não tem nada a ver quem o pratica, seja homem ou mulher. O ballet é uma arte, e para que essa arte seja cumprida tem que ter talento. Billy tem talento, mas acima de tudo coragem e determinação, pois gosta do que faz. Se ele se sente feliz, praticando ballet, não acho que deva parar, pois seu pai ao vê-lo feliz, ficará feliz também. O preconceito ainda toma conta dessa situação, muitos acham que o homem que faz ballet é homossexual. Se e o ballet é uma arte, uma forma de se expressar, alguém poderia me dizer porque algumas pessoas tem preconceito? Ninguém tem preconceito com um garoto que pratica boxe, pois acha que brigas e intrigas só ocorrem com meninos. Muitas meninas também praticam boxe e sofrem preconceito, mas afinal, em que mundo estamos? Um mundo onde o preconceito prevalece, deixando a beleza de cada rodopio de bailarino de lado metáfora. Causa e consequencia Mas um dia, aqueles que zombaram de um bailarino,também serão zombados.



(Aluna C.R.).

Os argumentos citados são pequenos exemplos da diversidade argumentativa presente nos *blogs* de Filosofia. Diante do exposto, acredito na perspectiva da utilização dos *blogs* e do computador/internet para o ensino/aprendizagem de Filosofia, justamente por apresentarem o potencial de constituírem-se como instrumentos de geração de conhecimento e reflexão argumentativa, embasando as leituras/escritas e debates proporcionados pelas discussões da disciplina.

Após ter sido observado e analisado isoladamente alguns argumentos e as respectivas técnicas argumentativas pelos alunos, será realizado nesse segundo instante, uma compreensão dos diálogos a partir de uma sequência de postagens sobre o mesmo tema em cada um dos *blogs* criados nos três colégios. As postagens que serão analisadas, foram realizadas nos *blogs* [www.agoravirtual1.blogspot.com](http://www.agoravirtual1.blogspot.com), [www.agoravirtual3.blogspot.com](http://www.agoravirtual3.blogspot.com), [www.agoravirtual4.blogspot.com](http://www.agoravirtual4.blogspot.com) do período de Março de 2010 até outubro de 2010.

Várias foram as reflexões que motivaram os debates, porém, foram escolhidas alguns argumentos como amostras para a elaboração das análises das técnicas argumentativas utilizados pelos alunos.

Perguntas relacionadas aos saques das pessoas após o terremoto do Chile dão continuidade à reflexão nos *blogs*. É importante destacar que, mesmo com a mudança de assunto, alguns alunos acharam importante emitir opinião da questão anterior. As postagens que seguem vão do argumento de número (17) ao (36). Argumentos de antítese e definição foram os que mais apareceram. Contudo, surgiram outros, como comparação, sucessão, de justiça, entre outros.

### **Os posts**

*Foram realizados 19 postagens sobre o assunto*

#### **Luciano Torres disse...**

Bom, após discutirmos um pouco sobre "o que é filosofia?" eu agora tenho outra proposta de discussão. Vocês se lembram do terremoto que aconteceu no Haiti? Vocês viram o que aconteceu após o terremoto do Chile? Conseguiram perceber que em ambos terremotos a população dos dois países saíram à rua para saquear supermercados e lojas? Diante disto pergunto: O que vocês pensam sobre isso? Vocês acham que a população fez o certo? Por que? E, outra? O que é o certo? Existe regra, ordem e organização em situação de destruição total de um país?

Pensem e responda!

Abraços, Luciano  
12 de março de 2010 21:06

(17)

**L. disse...**

QUEM NÃO LEMBRA NÉH LUCIANO!!! Acho super-hiper-mega errado, se as pessoas sabem que os outros países vão ajuda-los e tal, por que saquear? acho que foi um desrespeito enorme, por que tenho certeza que outras pessoas que não teriam coragem de fazer isso (saquear) ficaram com fome. A pior cena que eu já vi foi de um homem que saqueou uma loja e saiu carregando na cabeça uma geladeira. Horrível!!!

(Aluna L.)

13 de março de 2010 21:53

(18)

**A. disse...**

filosofia é pensar, refletir sobre o que fazemos e é exatamente isso que o video nos aconselha, a refletir sobre nossas ações cotidianas

(Aluna A.)

14 de março de 2010 15:15

(19)

**j. disse...**

Filosofia é compreender tudo que acontece no dia das pessoas e o video mostra isso

(Aluno J.)

14 de março de 2010 16:22

(20)

**D. disse...**

Não que eu ache certo a população saquear lojas e supermercados mas após um terremoto como o do Haiti e o do Chile, as pessoas não pensam sobre o certo e o errado e, às vezes, deixam de lado seus próprios princípios em prol de sua sobrevivência e de sua família.

(Aluno D.)

14 de março de 2010 20:20

(21)

**I.B. disse...**

Nesse caso não existe certo e errado porque pra gente que não estamos passando por isso tudo é errado mas pra eles o desespero é muito grande e saqueiam supermercados e lojas para a sua sobrevivência e de seus

familiares.

Como eu já disse acima o certo é muito relativo porque cada um tem uma opinião que deve ser respeitada por todos.  
(Aluno I.B.)

15 de março de 2010 20:46

**(22)**

**J. G. disse...**

Filosofia é refletir o mundo a nossa volta e é isso que faz a gente debater esses assuntos.

(Aluno J.G.)

17 de março de 2010 15:31

**(23)**

**n. m. disse...**

o video fala que temos que refletir mais nas nosa atitudes conhecer mais sobre nós ter noção do que fazemos

(Aluna n.m.)

17 de março de 2010 16:42

**(24)**

**M. disse...**

*Esta postagem foi removida pelo autor.*

17 de março de 2010 18:00

**(25)**

**M. disse...**

Como a I. disse, não existe o certo e o errado nesse caso. Vai mais além do certo ou errado, vai além até da necessidade. No caso deles não está de tudo certo, mas não está de tudo errado também. Um ato não justifica o outro, mas como a necessidade é grande ali, não ha definição certa para o que é

(Aluna M.)

17 de março de 2010 18:01

**(26)**

**P. disse...**

Saquear os supermercados e lojas foi por desespero, pois viram diante deles um lugar destruido e para a sobrevivencia resolveram saquear. E se isso é certo, como a M. e a I. disseram não existe certo nem errado nessa história, vai de acordo com a necessidade e das condições financeiras de cada um.

(Aluno P.)

17 de março de 2010 21:01

(27)

**M. disse...**

Filosofia é um novo modo de como se pensar em coisas do dia-a-dia e que ocorrem em qualquer lugar.

É algo que nos faz refletir sobre diversos aspectos e pontos de vista diferentes...

(Aluna M.)

18 de março de 2010 13:06

(28)

**S. disse...**

Como todos já disseram acima, saquear os supermercados foi realmente por necessidade em relação ao alimento pois, o governo não havia fornecido o suficiente para a população.

Agora em relação a bens materiais como eletrodomésticos já e um pouco errado porque não há uma necessidade tão grande.

Neste caso, não há uma definição exata pro certo e o errado.

(Aluna S.)

18 de março de 2010 15:08

(29)

**V. disse...**

Pela situação que eles estão enfrentando não pensam o que é certo ou errado. Elas saqueiam lojas e supermercados por desespero a procura de alimentos e de objetos necessários para a sua sobrevivência. Nessas circunstâncias, por lá não existem mais regras nem organização, o que prevalece é a tentativa de se proteger e sobreviver a essa fase.

(Aluna V.)

18 de março de 2010 16:59

(30)

**J. disse...**

A situação que eles estão enfrentando é muito difícil. Saquear os supermercados, as lojas e outros estabelecimentos fez com que eles provarem o lado OBSCURO dos ladrões e bandidos. Uma criança que nem estudou direito ou que nem se quer aprendeu algo na escola ou nunca entrou em um colégio para estudar e se formar, aquilo mostrou um lado horrível para elas. O lado de roubar.

Quando elas estiverem maiores elas podem até se tornar uma pessoa digna e formada, mas pode se lembrar de como sofreu nesse dia. Outras podem acabar crescendo no ato de roubar.

É isso que o planeta nos mostra. Precisamos mostrar o lado certo para que um dia no futuro, a humanidade ainda continuar viva e junta.

(Aluno J. V.)

19 de março de 2010 21:31

(31)

**g. disse...**

Com esses fatos, as condições desses países pioraram muito. Principalmente no Haiti, que mesmo antes do terremoto, já era um país muito pobre. A questão do saqueamento de loja e supermercados nesses países está sendo uma coisa inevitável pois, ou eles saqueiam os supermercados e conseguem um pouco de comida ou vão "morrer" de fome.

Na minha opinião, o governo devia distribuir gratuitamente os alimentos para população para evitar mais saqueamentos- o que é um absurdo-, e com isso tentar amenizar um pouco as condições precárias destes países, e acho também, que outros países mais ricos como Estados Unidos, Brasil, entre outros, devem ajudar financeiramente o Haiti e o Chile para a restauração das cidades.

(Aluno G.L.)

22 de março de 2010 13:54

(32)

**P. disse...**

Existem regras mesmo com a destruição de um país(ou ao menos deveria), mas acho que como todos estavam desesperados, com medo de morrer, não quiseram esperar que chegasse a sua vez, apenas fizeram o que acharam certo para sobreviver.

(Aluno P.)

22 de março de 2010 14:14

(33)

**R. disse...**

eu acho que a situação do Haiti e do Chile foram e continuam sendo desesperadoras e por isso o roubo foi inevitável, imagina: você sem comida e sua única salvação seria roubar. tdo bem que obviamente o certo seria esperar ajuda de outros países mas você não sabe quando essa ajuda vai chegar. até lá você já pode estar em condições mega-hiper-super-ultra ruins de falta de comida e por isso ocorreram tantos roubos

(Aluno R.)

22 de março de 2010 14:21

(34)

**a. disse...**

Eu acho que sim, porque com o acontecimento de um terremoto, muitas pessoas perdem suas casas, e junto, os alimentos.

(Aluna A)

22 de março de 2010 20:47

(35)

**a. disse...**

Filosofia para mim, é comentar tudo o que acontece no mundo.

(Aluna a.)

22 de março de 2010 20:49

**(36)**

**J. disse...**

E a campanha dos vereadores do colégio?

Nós não vamos deixar de comentar?

(Aluno J.V.)

25 de março de 2010 15:38

Em seguida serão destacados alguns argumentos com algumas das técnicas argumentativas aplicadas pelos alunos.

(22) *Definição*

Filosofia é refletir o mundo a nossa volta e é isso que faz a gente debater esses assuntos.

(19)

Filosofia é compreender tudo que acontece no dia das pessoas e o video mostra isso

(Aluno J.)

(18)

Filosofia é pensar, refletir sobre o que fazemos e é exatamente isso que o video nos aconselha, a refletir sobre nossas ações cotidianas.

(Aluno A)

(35)

Filosofia para mim, é comentar tudo o que acontece no mundo.

(Aluna a.)

(27)

Filosofia é um novo modo de como se pensar em coisas do dia-a-dia e que ocorrem em qualquer lugar.

É algo que nos faz refletir sobre diversos aspectos e pontos de vista diferentes...

(Aluna M)

(33) *Argumento de comparação*

eu acho que a situação do Haiti e do Chile foram e continuam sendo desesperadoras e por isso o roubo foi inevitável

(31) *causa e consequência*

A questão do saqueamento de loja e supermercados nesses países está sendo uma coisa inevitável pois, ou eles saqueiam os supermercados e conseguem um pouco de comida ou vão "morrer" de fome.

(34)

Eu acho que sim, porque com o acontecimento de um terremoto, muitas pessoas perdem suas casas, e junto, os alimentos.

(32) *Antítese*

Existem regras mesmo com a destruição de um país(ou ao menos deveria), mas acho que como todos estavam desesperados, com medo de morrer, não quiseram esperar que chegasse a sua vez, apenas fizeram o que acharam certo para sobreviver.

(28)

Como todos já disseram acima, saquear os supermercados foi realmente por necessidade em relação ao alimento pois, o governo não havia fornecido o suficiente para a população.

Agora em relação a bens materiais como eletrodomésticos já é um pouco errado porque não há uma necessidade tão grande.

Neste caso, não há uma definição exata pro certo e o errado.

(Aluna S)

(25)

Como a I. disse, não existe o certo e o errado nesse caso. Vai mais além do certo ou errado, vai além até da necessidade. No caso deles não está de tudo certo, mas não está de tudo errado também. Um ato não justifica o outro, mas como a necessidade é grande ali, não há definição certa para o que é

(Aluna M)

(20)

Não que eu ache certo a população saquear lojas e supermercados mas após um terremoto como o do Haiti e o do Chile, as pessoas não pensam sobre o certo e o errado e, às vezes, deixam de lado seus próprios princípios em prol de sua sobrevivência e de sua família.

(Aluno D)

Perguntas como: "O preconceito", que foi a estória de um garoto que sofre com o preconceito da família por gostar de dançar *Ballet*, a "sala de aula" questão surgida sobre o aprendizado escolar e a importância da escola na vida do aluno.

## O Preconceito

Olá pessoal!

A estória que contaremos

A estória que contaremos hoje é sobre a vida de um garoto chamado Bily Elliot, que abandona o boxe e descobre a dança como seu significado maior de vida. A partir dessa estória pergunto: o ballet é uma atividade apropriada apenas para as mulheres ou os homens também podem exercitá-la? A arte tem a ver com a sexualidade?

OBS: Querem saber mais sobre o tema? Cliquem no título do post e terão uma bela surpresa.

Postado por Luciano Torres às 21:25

**(37)**

**M. disse...**

Para começar, vejamos o significado de preconceito: Preconceito é um "juízo" preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude discriminatória perante pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes ou estranhos. Com essa definição, vemos que é uma coisa que não devemos ter dentro de si, mais que infelizmente há muitos e muitos casos de preconceito no mundo, e é preconceito de todos os tipos, alguns tão bobos que nem faz sentido, mais outros que atingem lá dentro de um lugar chamado coração das pessoas que tem algum tipo de necessidade física, psicológica, etc etc... é preconceito contra, homossexuais, cadeirantes, tudo quanto é tipo existe um preconceito, é impressionante! Baseado no filme que vimos, percebi que o garoto Bily Elliot sofre um grande preconceito, e o pior é que ele sofre o maior preconceito; o preconceito que vem de dentro da sua família, das pessoas que você mais ama, e levando ao garoto a fugir, esconder que ao invés de lutar boxe, ele tinha um talento para o balé, que para os preconceituosos, é uma dança só de mulheres, meninas, e não para meninos, homens. O balé deve ser ensinado e aprendido para todos os sexos. O irá mudar em nossas vidas sabendo que uma pessoa é cadeirante, se ela é homossexual, se ela dança balé, o que isso vai mudar? Só

Queria saber essa resposta...

Então, vamos parar de preconceito, porque PRECONCEITO não leva a nada nessa vida, o que leva a vida no caso é saber que teremos grandes talentos, não importa se seja no balé, em qualquer esportes, deixa eles mudarem o mundo, vamos parar com essa discriminação, o mundo está ficando difícil se relacionar socialmente com o preconceito, NINGUÉM É PERFEITO!!!

E algum tempo atrás, li uma frase que serve para aqueles que enfrentam o preconceito.

"Vocês riem de mim por eu ser diferente e eu rio de vocês por serem Todos iguais"

(Aluno M. L. 6ª)

14 de junho de 2010 01:03

**(38)**

**C. R. disse...**



Para mim, o ballet, não tem nada a ver quem o pratica, seja homem ou mulher. O ballet é uma arte, e para que essa arte seja comprida tem que ter talento. Billy tem talento, mas acima de tudo coragem e determinação, pois gosta do que faz. Se ele se sente feliz, praticando ballet, não acho que deva parar, pois seu pai ao vê-lo feliz, ficará feliz também. O preconceito ainda toma conta dessa situação, muitos acham que o homem que faz ballet é homossexual. Se e o ballet é uma arte, uma forma de se expressar, alguém poderia me dizer porque algumas pessoas tem preconceito? Ninguém tem preconceito com um garoto que pratica boxe, pois acha que brigas e intrigas só ocorrem com meninos. Muitas meninas também praticam boxe e sofrem preconceito, mas afinal, em que mundo estamos? Um mundo onde o preconceito prevalece, deixando a beleza de cada rodopio que cada bailarino, de lado. Mas um dia, aqueles que zombaram de uma bailarino, também serão zombados. É isso gente! bjs=)

(Aluna C. R., 6º)

14 de junho de 2010 10:45

(39)

**B. disse...**

Concordo muito com a C. Quando a pessoa tem vontade de fazer balé, ou qualquer outra atividade que é mais freqüentada por meninas, existe um preconceito muito grande. Mas só uma perguntinha: Por que muita gente tem que se meter na vidas dos outros? Se ele se sente bem fazendo isso deixa a não ser que esteja atrapalhando em alguma coisa como a escola ou a educação dessa pessoa.

Na minha opinião existe um preconceito maior quando é uma criança (no caso menino), aí não existe só o preconceito da família mas também dos 'amigos'. Mas não existe preconceito só com meninos mas também com meninas quando elas querem fazer alguma atividade q é mais freqüentado por menino (futebol, boxe...) Bjos

(Aluna B. M. 6ª)

14 de junho de 2010 11:17

(40)

**B. disse...**

EU particularmente acho qe há muito preconceito em relação a homens dançando ballet e mulheres jogando futebol por exemplo.

concordo com a B. e com a C. Acho que existe este preceito porque o ballet e mais frequentado pelas mulheres e o Futebol pelos homens.

Mais hoje em dia há preconceito em todas as coisas. Ballet assim como futebol, boxe etc. é uma arte se gostamos daquilo independentemente temos que fazer aquilo que gostamos e não aquilo qe é apropriado de acordo com as "regras " que a sociedade criou em relação ao machismo e o feminismo.

Este preconceito está começando muito cedo nas escolas por exemplo onde uma menina qe prefere jogar futebol do que dançar com as amigas já é mal vista e um menino qe ao envés de jogar futebol prefira dançar com as meninas

Por influência de costumes que fomos criados que vai sendo passado hereditariamente.

Bom acho que é isso.

beijoos

(Aluna B. 6ª)

14 de junho de 2010 11:48

**(41)**

**F. disse...**

Prof  
olha lá o mundo de Sofia!

14 de junho de 2010 18:42

**Luciano Torres disse...**

Olá! Pessoal!

Hoje estou aqui para parabenizar as postagens que andaram fazendo. Achei todas de muita qualidade. É isso mesmo que quero, muita reflexão e discussão com o colega.  
Parabéns e abraços.

14 de junho de 2010 23:22

**(42)**

**G. disse...**

Bom Luciano, Arte e Preconceito são 2 palavras que nunca vão ser sinônimos. Ballet é apenas mais uma modalidade de arte, mas com o que quem prevalece o público feminino, existem muitos homens no ballet, e isso não é um motivo pra termos preconceito deles, o próprio nome já diz: Pré - conceito, conceito antecipado.

Bily Eliot é um menino que se encanta com a dança, na verdade ele descobre que tem um dom, todo ser humano tem um dom sendo o dele menor ou maior possível, no caso de Billy é o dom da dança, mas fazer o que? tantas pessoas que são contra isso, Bily não é Gay, é um artista, isso e provado ao final do filme, seu pai concorda em deixar Bily dançar para salvar sua PRÓPRIA vida com a arte seguida do dom de Bily Eliot.

(Aluno G.6ª)

15 de junho de 2010 09:04

**(43)**

**K. disse...**

Na minha opinião os homens também podem fazer ballet como as mulheres, pois isso não determina a sua escolha sexual e sim faz você descobrir o talento que tem. No filme de Bily Elliot , o garoto dança ballet, mais nem por isso ele é homossexual como muitas pessoas acham, e pior que sofrer preconceito de outras pessoas, é sofrer preconceito dentro da sua própria casa, das pessoas que você mais ama. Mas mesmo com todas essas dificuldades, Bily prova que o ballet não determina sua sexualidade, mas sim faz ele descobrir o dom que tem para o ballet.

(Aluna K. B. 6ª)

15 de junho de 2010 11:35

(44)

**m. disse...**

Quem nunca ouviu alguém dizer que isso é “coisa de menina” ou ainda “menino bailarino só pode ser viado”? Apesar de todos aqui estarem falando que homens pode fazer ballet sem problemas, ainda acabam achando isso estranho. Como não é muito comum ver homens dançando ballet todos veêm de forma diferente, estou falando isso porque eu acho meio estranho, e acabo tendo preconceito. Acho que se um homem gosta dessa atividade deve fazer, enfrentar todos os preconceitos. Normalmente preconceito é causado pela ignorância, ou seja, o desconhecimento de um jeito de fazer alguma coisa diferente, viver de forma diferente ou até mesmo ser diferente e isso acaba levando a discriminação, a marginalização e a violência.

A arte do ballet pode ser representada tanto com uma mulher como também com um homem, pois apesar de existir preconceito a arte não tem sexo (feminino/masculino).

Por mais que não nos acharmos preconceituosos, todos nós temos um pouco ou muito. Ainda que sejamos preconceituosos com algumas pessoas devemos sempre lembrar que essas pessoas fazem parte da nossa raça, a raça humana.

(Aluna C. 6ª)

15 de junho de 2010 21:53

(45)

**M. disse...**

Para mim,o ballet é uma atividade que pode ser exercitada tanto pelas meninas,quanto pelos meninos, apesar de existir muito preconceito em relação aos meninos. Acredito que a arte não tem haver com sexualidade. Os homens que tem a habilidade de dançar na minha opinião tem mais é que explorar esse dom e vencer esse preconceito que a maioria das pessoas tem.

(Aluna M.)

16 de junho de 2010 18:59

(46)

**G. disse...**

eu acho que qualquer pessoa pode praticar o ballet porque se a pessoa gosta ela tem que praticar,pois tem muito preconceito e eles tem que vencer isso ate que as pessoas parem de ter preconceito.

(Aluna G. 6ª)

16 de junho de 2010 21:44

(47)

**D. disse...**

*Esta postagem foi removida pelo autor.*

18 de junho de 2010 19:38

(48)

**D. disse...**

Bom, eu acho que qualquer tipo de dança ou qualquer tipo de esporte, seja boxe, futebol, vôlei... Pode ser praticado por qualquer pessoa. Pois isso depende de talento, não se a pessoa é homem ou mulher.

No mundo de hoje, muitas pessoas são preconceituosas, e o no mundo tem que superar isso.

Então, todos devem fazer o esporte ou a dança que quiser, independente do sexo. Porque o que importa é que somos ser humano e todos tem o mesmo direito: ser feliz!

(Aluna I. E. C.7º Ano)

18 de junho de 2010 19:41

(49)

**I. disse...**

existe muito preconceito com o assunto dos homens fazerem ballet...quando as pessoas estão acostumadas a verem mais meninas frequentando aquele esporte ou aquela dança,o preconceito é enorme contra aquela pessoa...eu acho que o ballet concerteza pode ser praticado quanto por meninas quanto por meninos.Se aquela pessoa tem talento e gosta do ela faz ou esta disposto a fazer ela tem é que investir e seguir em frente combatendo o preconceito e principalmente não ligando pro que as pessoas falam principalmente se ela nao fizer parte da sua vida...a arte nao tem nada a ver com a sexualidade da pessoa. Eu acho que se aquela pessoa que esta demonstrando que tem preconceito sofrer algum do tipo espero que

reflita... acho que é isso!

beijos

(Aluna L. 6º)

19 de junho de 2010 18:32

(50)

**j. disse...**

Para mim o ballet não é apropriado apenas para mulheres. Eu acho que devemos acabar com esses preconceitos de que ballet não é apropriado para homens. Eu acho que o que importa não é se é apropriado ou não,mais sim se a pessoa sabe fazer aquela coisa bem ou não.

O preconceito é um problema mundial que vem ocorrendo há muitos anos atrás . O preconceito tem que ser combatido para que o mundo fique melhor. Será que o que leva as pessoas a acharem que se um homem dançar ballet , é homossexual ou coisas do tipo ? o que ? Isso tem que acabar, porque o mundo ta virando preconceituoso com si mesmo, pois no mundo existem muitas autoridades, gente rica, gente preconceituosa, que não olha para si mesmo e fica apontando os defeitos dos outros, ninguém é perfeito, o preconceito é um ato criminal e que discrimina as pessoas.

(Aluna J. 6º)

21 de junho de 2010 00:04

(51)

**L. disse...**

Bem,eu acho q o preconceito e uma coisa q tds nos cometemos ate sem perceber.E tmb acho q todos nos podemos escolher gostar de que ou quem menino ou menina.Nao importa se um menino gosta de ballet ou uma menina gosta de futebol por exemplo, temos q fazer oq nos faz feliz.Todos nos somos seres humanos e temos os mesmos direito menino ou menina mais isso n e respeitado pq vc ve um homem e uma mulher q trabalham na mesma funcao e geralmente o homem sempre ganha mais. A mulher tmb e um ser humano como todos.Nós n podemos discriminar uma pessoa sem mesmo a conhecela.Como o nome dis n podemos dar um conceito a ela sem saber quem ela e. O preconceito esta no mundo td e acontece a td hr. Ninguem tem o direito de colocar defeitos nos outros, as vezes vc aponta defeitos nos outros sendo q vc tem o mesmo.

(Aluno L. 6)

23 de junho de 2010 23:38

(52)

**e. disse...**

Pra mim,ballet é uma forma de se expressar por meio da dança,e por isso,nao devia existir esse preconceito contra os bailarinos.Como cada um escolhe o que quer,tem o direito de escolher o seu meio de Se expressar.

Eu tbm acho que no começo da carreira de bailarino ele nao tem muito talento,pois ainda tem muito o que aprender.Na verdade,eles tem é força de vontade pra aprender (na minha opinião). Mesmo assim,muitas pessoas ainda tem preconceito com os bailarinas e as bailarinas tbm.Por exemplo,todo mundo acha que pra ser bailarina tem que ser muito magra e tem que ter ,vamos disser,"postura de bailarina".Errado.As bailarinas "gordinhas" tbm tem talento e tbm podem ter sua "postura de bailarina".Mais,tudo depende delas,elas vão ter que emagrecer para dançar na sapatilha de ponta.

Nao é só por que ela é gorda que ela nao vai fazer direito,ou a magra tem capacidade de fazer mais.

Tá ai,mais um tipo de preconceito contra os bailarinos e bailarinas. Seria melhor se cada pessoa se preocupasse com a sua vida e deixasse que os outros cuidem das suas.Ballet é uma escolha, e Como já disse, cada um faz a sua =D!!

É isso gente bjoo = P

4 de julho de 2010 20:44

Os argumentos analisados vão do (37) ao (52). Em meio a esses argumentos, o de definição, reciprocidade, comparação, de autoridade, incompatibilidade, justiça, pelo exemplo e sucessão, foram umas das técnicas argumentativas mais utilizadas pelos alunos.

A pergunta também é uma técnica argumentativa de utilização do orador para com seu auditório. Esse recurso geralmente é utilizado para o auditório aceitar a reflexão do orador, propondo a todos que reflitam junto com ele. Os argumentos que surgiram nesta sequência de postagens dos alunos foram:

*(37) Definição*

Para começar, vejamos o significado de preconceito: Preconceito é um "juízo" preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude discriminatória perante pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes ou estranhos.

*(37) reciprocidade*

"Vocês riem de mim por eu ser diferente e eu rio de vocês por serem Todos iguais"  
(Aluno M.L.)

*(49)*

Eu acho que se aquela pessoa que esta demonstrando que tem preconceito sofrer algum do tipo espero que reflita...  
(Aluna L.)

*(51)*

Ninguem tem o direito de colocar defeitos nos outros, as vezes vc aponta defeitos nos outros sendo q vc tem o mesmo.

*(38) Utilização de perguntas*

O preconceito ainda toma conta dessa situação, muitos acham que o homem que faz ballet é homossexual. Se e o ballet é uma arte, uma forma de se expressar, alguém poderia me dizer porque algumas pessoas tem preconceito?

Muitas meninas também praticam boxe e sofrem preconceito, mas afinal, em que mundo estamos?  
(Aluna C.R.)

*(39) comparação*

Mas não existe preconceito só com meninos mas também com meninas quando elas querem fazer alguma atividade q é mais freqüentado por menino (futebol,boxe...)  
(Aluna B. M.)

*(43)*

Na minha opinião os homens também podem fazer ballet como as mulheres, pois isso não determina a sua escolha sexual e sim faz você descobrir o talento que tem.  
(Aluna K.)

*(40) sucessão*

Por influência de costumes que fomos criados que vai sendo passado hereditariamente.

(Aluna B.)

(44)

Normalmente preconceito é causado pela ignorância, ou seja, o desconhecimento de um jeito de fazer alguma coisa diferente, viver de forma diferente ou até mesmo ser diferente e isso acaba levando a discriminação, a marginalização e a violência.

(Aluna C.)

(42) *Incompatibilidade*

Bom Luciano, Arte e Preconceito são 2 palavras que nunca vão ser sinônimos

(Aluno G.)

(48) *Justiça*

Porque o que importa é que somos ser humano e todos tem o mesmo direito: ser feliz!

(Aluna I. E. C.)

(50)

Eu acho que o que importa não é se é apropriado ou não, mais sim se a pessoa sabe fazer aquela coisa bem ou não.

(Aluna J.)

(52) *Pelo exemplo*

Por exemplo, todo mundo acha que pra ser bailarina tem que ser muito magra e tem que ter ,vamos disser, "postura de bailarina". Errado. As bailarinas "gordinhas" tbm tem talento e tbm podem ter sua "postura de bailarina". Mais, tudo depende delas, elas vão ter que emagrecer para dançar na sapatilha de ponta.

### **Questão reflexiva do *Blog***

#### **Sala de aula?**

Salve!!!

Pessoal, hoje vamos discutir um assunto um tanto delicado e que envolve necessariamente nossa vida estudantil. Diante disso, pergunto a todos. Será que a escola enquanto um lugar físico deve existir? Será que a sala de aula ajuda ou atrapalha no aprendizado do aluno? Será que aula fora da escola nos ajuda mais a aprender? Existe um outro modo de aprender na escola? Bom, vamos botar a cabeça para funcionar!!!

Abraços, Luciano.

Postado por Luciano Torres às 08:14

#### **Os posts**

*Foram realizados 10 postagens sobre o assunto*

(53)

**F. disse...**

Eu acho que o melhor lugar de aprendermos seria na escola. Nao há mais nenhum lugar apropriado para estudar e aprender além da escola. Na rua, se fosse o outro lugar, seria o pior deles, porque é um local onde há poluição, barulhos e claro, sem conforto em geral.

Nao tenho uma solução direta para a questão de aprender melhor na escola; mas acho que deveríamos aprender brincando, fungindo também do roteiro de (exemplo) ler a apostila, copiar do quadro e fazer dever.

F. 8ª - 17 de setembro de 2010 16:43

(54)

**A. disse...**

Escola é fundamental na vida de todos, o problema é que está faltando uma certa organização entre todos, principalmente nas escolas públicas. Hoje vemos muitas notícias de violência nelas como vandalismo, agressão entre aluno e professor, brigas por motivos inúteis...

Aulas fora das escolas só adiantariam se o aluno fosse prestativo, tivesse vontade de aprender, pq se fosse um aluno de mal vontade ele faria a mesma coisa que faz na escola e não aprenderia nada. Então acho que escola tem que existir sempre e com todos tentando um modo de se conhecer melhor, um respeitar o outro e ter vontade de estudar, que a escola passaria a ser novamente o que ela é: um lugar educativo, respeitável e de harmonia entre todos. Acho que é isso!

A. 6a - 20 de setembro de 2010 11:34

(55)

**B. disse...**

Concordo com tudo q a Amanda falou, o aluno, antes de culpar qualquer pessoa ele tem q ficar quieto na aula e prestar muita atenção, se ele não entender ele tem que procurar perguntar, e se não entender de novo, ele deve optar por aprender fora da escola, com parentes, professores particulares, mas ele tem q arrumar um outro jeito de aprender! Bom, é isso q eu acho!

Beijinhos//B. 6a - 27 de setembro de 2010 10:31

(56)

**M. disse...**

Para mim a escola é fundamental mas eu acho que iria aprender mais pela internete.

(Aluna M.)

28 de setembro de 2010 20:32



(57)

**F. disse...**

Se a escola fosse pela internet, acho q estaríamos sempre dispersos á "aula". Bom, podemos notar isso quando estamos aqui escrevendo ou olhando o blog do Luciano; nós, fazendo isso, estamos também no (exemplo) orkut e msn.

F. 8ª 30 de setembro de 2010 15:14

(58)

**A. disse...**

A escola podia ser nos 2! tipoo a aula la e a discussao akii tipo o seu blog  
(Aluno A.)

5ª - 30 de setembro de 2010 19:39

(59)

**A. disse...**

vamos postar o Luciano esta desistindoo! :S  
30 de setembro de 2010 19:40

(60)

**k. disse...**

*Esta postagem foi removida pelo autor.*  
4 de outubro de 2010 11:13

(61)

**k. disse...**

Acredito que a escola quanto ao lugar físico deve existir junto com aulas ao ar livre, na rua, pois seria uma novidade para todos os alunos e isso chamaria a atenção deles e facilitaria o aprendizado de cada um, pois tudo que é novo desperta curiosidade na nossa cabeça e um maior interesse pelo que está sendo ensinado. Acredito também que a sala de aula atrapalha o aprendizado de alguns alunos, pois muitos deles vêem esse local como uma "prisão" onde você deve estar sempre sentado prestando a atenção da aula e copiando matéria e mais matéria do quadro, e assim, alguns alunos não conseguem aprender pois ficam cansados e muitas vezes dispersos, sem interesse algum na matéria que está sendo dada. Enfim, existe sim um outro modo de aprender na escola, juntando o aprendizado ao ar livre e dentro da escola, acho que esse seria o modo ideal de aprendizado para os alunos.

(Aluno K)

4 de outubro de 2010 11:15

(62)

**B. disse...**

Acho que realmente o melhor lugar para aprendermos é na escola , apesar de que muitos de nós não gostamos de ficar o dia todo dentro de uma sala sentados , nos dá a impressão qe estamos presos, acho que seria bem interessante se os pofessores adaptassem os deveres na internet como você Luciano, a escola e o aprendizado não teim limites e a internet tembém não porque não juntamos o útil ao agradável? Acho que aulas fora de sala não dariam muito certo muitos de nos concerteza ficariam despersos ,mais isso não impede de uma vez ou outra termos aulas diferenciadas porém com algum aprendizado, como uma dinamica por exemplo. Acho que se houvesse uma integração maior da escola e a internet seria algo muito bom que motivaria nos alunos a entender que o aprendizado não teim limetes de parede.

(Aluna B).

4 de outubro de 2010 11:19

Os argumentos analisados vão do (53) ao (62). Em meio a esses argumentos, o de comparação foi um dos mais utilizados pelos alunos para sustentarem suas argumentações sobre as questões apresentadas pelo professor. Dentre eles, destacam-se os da aluna A. (53), M. (56), do aluno A. (58), K. (61) e da aluna B. (62), que são os seguintes:

(53)

“Nao há mais nenhum lugar apropriado para estudar e aprender além da escola. Na rua, se fosse o outro lugar, seria o pior deles, porque é um local onde há poluição, barulhos e claro, sem conforto em geral.

(Aluna A.)

(56)

Para mim a escola é fundamental mas eu acho que iria aprender mais pela internete.

(Aluna M.)

(58)

A escola podia ser nos 2! tipoo a aula la e a discussao akii tipo o seu blog

(Aluno A.)

(61)

Acredito também que a sala de aula atrapalha o aprendizado de alguns alunos, pois muitos deles vêem esse local como uma "prisão" onde você deve estar sempre sentado prestando a atenção da aula e copiando matéria e mais matéria do quadro

(Aluno K.)

(62)

Acho que realmente o melhor lugar para aprendermos é na escola , apesar de que muitos de nós não gostamos de ficar o dia todo dentro de uma sala sentados , nos dá a impressão qe estamos presos a escola e o aprendizado não teim limites e a internet também não  
(Aluna B.)

Em proporção bem menor, foram achados outros argumentos, como o de autoridade, sucessão, metáfora. A aluna A.(54), estabelece outro argumento para ter validade sua reflexão, que é o de autoridade; a aluna B.(55) a sucessão; e a outra aluna B.(62), a metáfora.

(54) *Autoridade*

[...] a escola passaria a ser novamente o que ela é: um lugar educativo, respeitável e de harmonia entre todos.  
(Aluna A.)

(55) *Causa e conseqüência*

[...] o aluno, antes de culpar qualquer pessoa ele tem q ficar quieto na aula e prestar muita atenção,

*Sucessão*

se ele não entender ele tem que procurar perguntar,e se não entender de novo,ele deve optar por aprender fora da escola,com parentes,professores particulares,mas ele tem q arrumar um outro jeito de aprender!  
(Aluna B.)

(62) *Metáfora*

[...] o aprendizado não teim limites de uma parede  
(Aluna B.)

Os amplos espectros de temas discutidos nos *blogs*, as estratégias adequadas para a exploração dos argumentos, a capacidade investigativa, as habilidades reflexivas, são apenas alguns aspectos encontrados nesse rico e amplo espaço argumentativo produzido pelos alunos.

As aulas de filosofia com auxílio do computador/internet, enquanto um espaço de ensino/aprendizagem, diálogo e reflexão, certamente apontam para outro modo de construção do saber, mais voltado à interatividade, ao relacionamento, ao diálogo e ao pensamento coletivo. A nova praça pública!

## 5. Considerações finais:

*A educação é o ponto em que decidimos se amamos o nosso mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós.*

*Hannah Arendt*

Ao longo dos meus poucos anos como professor de Filosofia, comecei a observar algumas questões que os alunos relatavam nos corredores das escolas acerca das aulas ministradas. A insatisfação com o modo de ensinar dos professores, o excesso de regras, a padronização da sala de aula, o fato de o aluno não ser devidamente “respeitado” e ouvido, de não ter o direito à “fala”, são apenas algumas das diversas questões colocadas no cotidiano escolar.

Em nenhum momento dessas reclamações, os alunos abriam mão de dizer que as escolas não eram importantes para a vida deles, mas eram quase unânimes ao chamá-las de cansativas, “chatas” e sem novidades. Argumentos expostos nos *blogs*, como ilustrados em seguida, reforçam essa minha observação acerca da inquietação dos alunos sobre o ensinar e o aprender promovido na escola.

(63)

Bom, em minha opinião eu acho que a escola deve SIM existir, mas acho que ficamos muito tempo dentro dela, são cinco dias por semana, quatro horas e meia por dia! Se talvez diminuíssem os cinco dias que temos que passar na escola para três, seria melhor, e devíamos também fazer atividades diferentes, o que nos anima muito. Por exemplo, outro dia nossa professora fez uma atividade conosco com canudinhos, e isso nos divertiu muito, porque não é uma coisa comum na escola, então, se a escola interagisse mais com o aluno, se ela utilizasse coisas diferentes, modos de ensino diferentes, poderia ser muito mais divertido estudar e todos nós sentiríamos prazer em ir pra escola. Os professores podiam também ser compreensivo com o aluno que tem dúvida, e não gritar com ele, pois todos, em algum momento da vida escolar sentem dúvidas, e é com elas que aprendemos. E a sala de aula quanto um lugar físico deve existir, mas com as mudanças que citei acima. A aula fora da escola nos ajuda a aprender também, e outro modo de aprender é de um jeitão diferente! Como eu citei acima!

(Aluna L. 809)

21 de setembro de 2010 20:29

(64)

Olha eu denovo! Bom,eu não acho que a ainda escola devesse existir (como disse L.809). Não é que eu quero ser chato discordando dos outros, está bem? E também não sei se eu sou a pessoa certa para falar que escola não devia existir.

Acho que se a escola fosse "fora" de um prédio iam gostar de aprender. Poderia ser um tipo de colonia de férias, mas,só se fosse ao ar livre.  
(Aluno P.H.)

22 de setembro de 2010 19:47

(65)

Como eu disse na sua aula eu acho que deveria existir escola e ela poderia até ter o mesmo ambiente fisico mas poderia pelo menos ter atividades em que os alunos se animam ou interagem mais. Numa aula de Portugues a G. deu uma atividade muito legal que todos amaram. No trabalho de campo de sexta (dia24) aprendemos historia de um jeito gostoso de aprender. Sei que nao podemos fazer isso sempre mas pelo menos poderiamos aprender de um jeito muuuuuuito mais legal do que o jeito que aprendemos hoje. As vezes nao precisam se tantas mudanças. Pelo menos poderia haver mais um pouco de respeito com as crianças. Outro dia mesmo eu fui falar com a G. que eu nao tinha entendido o texto que ela estava dando e ai ele começou a gritar com tdo mundo. Sinceramente acho que a escola poderia pelo menos ter um pouquinho de respeito com as crianças. Os professores e funcionarios falam que nos é que formamos a escola entao eles nao podem pelo menos ter respeito?

(Alunas N. e C.)

27 de setembro de 2010 07:49

Diante do exposto e de todos esses descontentamentos, pude perceber que os alunos não reclamavam da escola porque não queriam estudar ou aprender. Eles apenas se demonstravam cansados com sistema escolar tradicional de cobrança de conteúdos, de testes, provas, matéria no quadro negro e por não serem ouvidos, etc. Ao perceber essas inquietações, atento às reflexões expostas e sem saber o que fazer ou que atitudes tomar, comecei precariamente em sala de aula, de modo solitário, a construir um pequeno espaço de possibilidades e de reflexão junto aos alunos.

A partir daí, minhas aulas se tornaram menos expositivas e mais compartilhadas. O diálogo com o outro fazia parte de um importante processo de ensino/aprendizagem da Filosofia. Agora, não é mais o professor que deixa o aluno fazer o uso da palavra, mas, ao contrário, as palavras são de todos que necessitam dizer o que pensam. O aluno na sala de aula adquire autonomia no pensar e no dizer.

Somente por essa pequena mudança de atitude, os alunos começaram a se sentirem valorizados, mais participativos, atentos, interessados e críticos. Isso ficou

bem evidente no instante em que eram trazidos de casa, questões, reportagens de jornal e revista, noticiários e discussões de outras aulas. Contudo, isso ainda não significava que o espaço reflexivo já estava garantido e que todos os meus objetivos, como professor, já haviam sido realizados. Era necessário pensar em ampliar o que parecia ser promissor.

Assim, busquei uma especialização. Certamente as aulas melhoraram, os novos recursos ajudaram a me aproximar do aluno e promover a reflexão crítica, tão cara à filosofia. Mas mesmo assim, ainda não bastava. Como poderia eu saber se aquilo que foi refletido e criticado em sala de aula ressoaria positivamente nos alunos? Como saber se as reflexões promoveram o senso crítico? Como possibilitar a esse aluno, que pensa e que argumenta criticamente em sala de aula, uma autonomia reflexiva também fora do espaço escolar?

Depois de uma série de debates e reflexões ao longo de um ano, aos poucos fui percebendo que as aulas de filosofia, se agregadas às novas tecnologias, poderiam trazer uma série de contribuições. Inclusive me ajudar a começar a responder algumas questões. Talvez, a maior delas seria: como o computador/Internet, utilizado como instrumento de ensino/aprendizagem, colaboraria para a reflexão filosófica em sala de aula?

À medida que mergulhava nas leituras sobre o mundo tecnológico do computador/Internet, com seus ambientes virtuais, como *blogs* e hipertextos, eu observava simultaneamente outras pessoas realizando pesquisas e explorando esse ambiente. Nesse processo de análise e de observações, uma rede me chamou a atenção: a rede virtual. A curiosidade avançou e fui tomado pelo desejo de descobri-la. Essa “rede” me transportou para um novo ambiente, o de ensino-aprendizagem (AVA’s) nunca antes visitado por mim. A tecnologia digital, portanto, começou a ganhar novos contornos, novos olhares e reflexões inovadoras.

No presente trabalho pude construir esse olhar amplo acerca do uso do blog como um ambiente virtual de aprendizagem. Na busca por tentar compreender de que modo as técnicas argumentativas utilizadas pelos alunos nos *blogs* contribuía para a aula de filosofia e como o computador/internet poderia contribuir para o ensino/aprendizagem, aprofundei-me no estudo teórico das técnicas de argumentação em Perelman. A obra intitulada “Tratado da argumentação e a nova retórica”, de Perelman, se apresentou nessa pesquisa como o suporte necessário para analisar os argumentos reflexivos postados pelos alunos nos *blogs* de Filosofia.

A questão do trabalho, que é fazer uma imersão na experiência de um professor de filosofia, o qual se utiliza de *blogs*, como espaço de materialização de postagens de argumentos filosóficos, para o ensino/aprendizagem da disciplina como iniciativa de investigar qual a contribuição dessa prática no processo de ensino-aprendizagem na disciplina e na construção de um pensamento filosófico.

O objetivo geral é analisar as técnicas argumentativas empregadas por alunos do ensino fundamental nos *blogs* de Filosofia do 6º ao 9º ano. É importante destacar que esse estudo não foi somente uma avaliação dos argumentos dos *blogs*, mas foi também uma investigação que me levou a observar o modo como os alunos se apropriavam e se aproximavam da reflexão filosófica e da escrita argumentativa.

Assim, a presente pesquisa compreendeu, a partir da experiência como professor de Filosofia, quais contribuições a prática argumentativa no *blog* pode gerar para a reflexão filosófica em alunos do Ensino Fundamental. O trabalho é uma imersão na experiência realizada a partir da análise do processo argumentativo empreendido pelos discentes, materializado em postagens nos espaços virtuais destinados à disciplina. O estudo tem como ponto de partida analisar os argumentos e seus desdobramentos como balizadores do ensino/aprendizagem de Filosofia.

O referencial teórico para compreender a argumentação e a reflexão dos *posts* dos alunos foi obtido por meio de leituras da obra “Tratado da Argumentação. A nova retórica” de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca. Nesse momento da pesquisa, foi realizado um estudo das diversas técnicas argumentativas apresentadas pelos autores.

A intenção desse esforço foi buscar um substrato teórico que ampliasse os horizontes reflexivos acerca das técnicas argumentativas, como as *metáforas* ou *analogias*, *dissociação*, *sucessão*, *reciprocidade*, *comparação*, *incompatibilidade*, entre outras, e de também auxiliar com as reflexões da filosofia pluralista e da filosofia regressiva, a compreensão dos argumentos dos alunos postados nos *blogs*.

Perelman, com a filosofia pluralista, busca afastar toda a redução da razão a um tipo único de racionalismo e da identificação da prova racional com a analítica. Para tanto, aproxima-se da retórica Aristotélica como alternativa racional e aplicável e que não é apreensível pela formalização pura. Perelman não propõe, com isso, a supressão de provas, mas procura associá-las com um princípio que está vinculado

ao campo da argumentação e das probabilidades e não necessariamente no âmbito das certezas absolutas.

A filosofia regressiva por seu turno busca ser um conhecimento confiável e deve estar apta a olhar a realidade em que se encontra, mas sempre utilizando referências flexíveis para as explicações. A confiabilidade do saber está diretamente relacionada com o poder explicativo à medida que este saber se amplia, permitindo inclusive o diálogo.

A razão de Perelman é dinâmica e aberta e tem concepções da atividade científica como constantes “reformulações de ilusões”, assim como a de Bachelard. Os fatos não são suficientes para as explicações dos próprios fatos. A nova retórica proposta por Perelman representa uma retomada de ressignificação dos princípios fundamentais da razão grega antiga e ao mesmo instante, uma recuperação da retórica e da dialética. Princípios como “falar bem para pensar bem” e liberdade de expressar pontos de vistas são legados gregos primordiais para o bom exercício da democracia. O convencimento cético e objetivo da natureza abrem espaço à influência sobre pessoas por meio de variadas técnicas de persuasão.

Desse modo, a utilização das variadas técnicas argumentativas não mais poderá conceder a nenhum grupo ou indivíduo o privilégio de fornecer um modelo de verdade. A indefinição do que é certo e errado abre espaços para o surgimento do pluralismo filosófico. Pluralismo este, utilizado por Perelman, que não quer se apoiar nem no irracionalismo do discurso e nem na racionalidade demonstrativa. A racionalidade proposta pelo pensador da argumentação é sustentada no provável e no verossímil, onde as certezas escapam ao conceito humano. No conceito de filosofia pluralista, o homem é o ponto de partida para suas questões e investigações.

Ao olhar para o homem como ponto de partida para as reflexões, onde não é possível estabelecer nenhum substrato do que é verdade e, ao mesmo tempo, abrir espaços para a argumentação e para a utilização das variadas técnicas argumentativas, é que foi importante criar um espaço de diálogo e de ensino/aprendizagem com o objetivo de ampliar a capacidade reflexiva dos alunos. Assim, os *blogs* de Filosofia se tornaram um importante e significativo espaço de encontro, argumentação, reflexão, questionamentos e diálogos.

O ciberespaço ao se apresentar como um novo meio de comunicação e informação, disponibilizado pelo computador/internet, coloca também em sinergias



interfaces geradas de diversas fontes. Nesse novo ambiente de interação, o homem se vê obrigado a se deparar com diferenças sociais, ideológicas e críticas e o ambiente virtual de relacionamento do ciberespaço se tornou um profícuo canal de comunicação e um novo suporte de memória da sociedade contemporânea.

Na presente pesquisa, pude observar que os alunos, com a mediação do *blog* com recurso do computador/ internet, sentiam-se mais interessados e envolvidos pelas temáticas e pelas questões de Filosofia. O interesse dos alunos se evidencia pelo grande número de postagens obtidas nos *blogs*, além dos horários das postagens, que variavam de acordo com o momento em que eles se sentiam à vontade para estruturar suas argumentações reflexivas, o que acontecia de forma livre, já que a participação nos *blogs* não era obrigatória.

Com o intuito de compreender como as tecnologias poderiam ampliar os diálogos reflexivos e críticos dos alunos e a sua capacidade argumentativa nas aulas, criei um ambiente virtual de ensino/aprendizagem - *blogs* - em que os alunos pudessem livremente discutir acerca das questões promovidas em aula.

Os *blogs* se tornaram ambientes virtuais de aprendizagem que expandiram inclusive para fora da escola, devido seu caráter multi-temporal e pluriespacial propiciado pela *internet*. Muito mais do que constituir um espaço complementar ao proporcionado pela escola, os *blogs* de Filosofia se tornaram lugares autônomos de discussão que, através do processo de autoria escrita de argumentos e realização de intensos diálogos, permitiram aos alunos a formação e amadurecimento de um olhar crítico e reflexivo, o qual transformou sua relação com a disciplina de Filosofia e, sem dúvida, proporcionou uma mudança substancial no enfrentamento das questões com que se deparavam em sua vida cotidiana.

A interatividade, o encontro, a abertura para o diálogo, a interferência do outro na construção do seu processo de criação pertencem ao processo coletivo de participação das pessoas que interagem e dialogam. O computador/internet e seus ambientes de relacionamentos interferem e transformam ativamente a construção e difusão dos saberes.

O ciberespaço e a participação de inteligências realizadas de modo coletivo é condição *sine qua non* para seu próprio desenvolvimento. Desse modo, no decorrer da pesquisa, as criações de ambientes em que os modos de pensamentos e atitudes, valores, argumentos e reflexões se tornam não somente um espaço de ensino/aprendizagem, mas também, uma exploração do mundo de linguagens.

Após todas essas reflexões iniciais, posso dizer que atingi os objetivos propostos, visto que, no próprio andamento da pesquisa, ao estudar as técnicas argumentativas para entender com maior propriedade os argumentos dos alunos nos *blogs*, contemplei a análise de alguns argumentos dos alunos, além de conseguir realizar uma reflexão acerca da importância do computador/internet, em especial o *blog* de Filosofia como suporte para o ensino/aprendizagem.

Seria impossível saber na totalidade o grau de “atingibilidade” dessa pesquisa, frente ao trabalho realizado nesses anos de estudos, mas, certamente, algumas proveitosas reflexões foram lançadas. Nessa perspectiva, acredito que a pesquisa se encontra em aberto para novos olhares e reflexões, através dos quais poderei dar continuidade aos meus estudos e à minha própria prática enquanto educador.

Por ser professor e ter consciência clara do papel responsável da profissão, penso que o uso dialógico, interativo e reflexivo do computador/internet pela escola pode inaugurar um novo momento no ensino da Filosofia. Essa tecnologia, aliada ao conhecimento filosófico, poderá propiciar tanto ao educador como ao educando um real instrumento cultural e de aprendizagem. Assim, esse instrumento poderá se tornar um verdadeiro *locus* para o debate de valores e será, certamente, o ponto de partida para a construção do saber, para a realização do encontro e da reflexão filosófica, para o aprimoramento do argumento e do diálogo, que formam e transformam o homem.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Lynn Rosalina Gama & SILVA, Jamile Borges (orgs). *Educação e Cibercultura*. Salvador: EDUFBA, 2001.

ARBUSTI, Eliane F. *O Hipertexto e as práticas de leitura*. REVISTA LETRA MAGNA Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura - Ano 02- n.03 - 2º Semestre de 2005

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALTAZAR, Neusa. *Weblogues*. Potencialidades e problemáticas na sua utilização no ensino. *Revista Intermédias*.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação Qualitativa em Educação – Uma introdução a teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1999,p.47-51.

BRETON, PHILIPPE. *A Argumentação na Comunicação*. Bauru: Edusc, 2003.

CARLOTTO, F. R.; PORTAL, L. L.. *A Hipertextualidade na Educação*. PUC – RS, Disponível em Conferência IADIS Ibero-Americana WWW/Internet, 2004.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. Vol.I. 8ª ed. Trad. Roneide Venâncio Majer & Klaus Brandini Gerhart. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1999.

CENCI, M. P.; IBERTIS, Carlota Maria. *Internet: um recurso para o ensino de Filosofia?* In: V Simpósio Sul-brasileiro sobre Ensino de Filosofia. VII Encontro de Cursos de Filosofia do Sul do Brasil: Filosofia e Ensino - Filosofia na Escola, 2005, Santa Maria: CPD, Centro Universitário Franciscano, 2005.

COLEÇÃO OS PENSADORES. *Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. *O que é a Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs*. São Paulo: Editora 34, 1995.

DEMO, Pedro. *Metodologia para quem quer aprender*. São Paulo: Atlas, 2008.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DIAS, C. *Pesquisa qualitativa: características gerais e referencias*. Disponível em: [WWW.geocities.com/claudiaad/qualitativa.pdf](http://WWW.geocities.com/claudiaad/qualitativa.pdf) Acesso em março de 2008. (referente ao apêndice I).

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. “A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa”. *Caderno de Pesquisas*, São Paulo, n. 116,

Julho de 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000200002&script=sci\\_arttext&tling=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000200002&script=sci_arttext&tling=en)>. Acesso em: 17 jul. 2010.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Cibercultura e formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 7-12.

\_\_\_\_\_. “Computador/internet como instrumentos de aprendizagem: uma reflexão a partir da abordagem psicológica histórico-cultural”. 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. *Anais*. Recife, 2008.

Galileu Galilei. *Il Saggiatore*, Rome, Florence: Biblioteca Nazionale Centrale, Magl. 3.2.406, 1623.

HOLLANDA, Francisco Buarque de. *Pedro Pedreiro* (canção), 1966. Chico Buarque, vol. 01, RG.

HOLLANDA, Francisco Buarque de; LOBO, Edu. *Lábia* (canção), 2001. Cambaio, 2001, Sony BMG – RCA.

KOHAN, Walter Omar. *Filosofia*. O paradoxo de aprender e ensinar. Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. *Infância. Entre Educação e Filosofia*. Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. *Filosofia para Crianças – Na prática escolar*. Vozes, 2000.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4 ed., Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte; Autêntica, 2006.

LEMGRUBER, Márcio Silveira. Argumentação, Metáforas e Labirintos. *Educação e Cultura Contemporânea*, v. 6, p. 155-172, 2009.

\_\_\_\_\_. “Argumentação, metáforas e educação”. In: 8º Encontro de Pesquisa em educação da região sudeste – ANPED, 2007, Vitória-ES, vol. 01, p. 1-12.

\_\_\_\_\_. “Razão, Pluralismo e Argumentação”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. VI, n. 1, p. 101-111, 1999.

\_\_\_\_\_, TORRES, Luciano Tavares. O blog como ambiente de reflexão filosófica na escola: A nova Ágora Virtual. *Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação*, 3º. Anais. Recife, 2010.

\_\_\_\_\_, TORRES, Luciano Tavares. O ensino/aprendizagem de filosofia através do blog: a nova ágora virtual. Encontro Nacional Sobre Hipertexto, 3º. Anais, Belo Horizonte, 2009.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência - O futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 2008.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2008.

\_\_\_\_\_. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

MARCUSCHI, LUÍS ANTÔNIO. *Linguagem & Ensino*, Vol. 4, No. 1, 2001 (79-111) O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. UFPE, 2001.

MEDEIROS, Gilberto Mucilo de *et alli*. *Ambientes virtuais de aprendizagem: o desafio de novos traçados na produção do conhecimento como criação*, 2001.

MONTAIGNE. *Ensaio*, Livro III, capítulo VIII, Plêiade. Brasília: UNB/Hucitec, 1987.

NETO, João Cabral de Melo. *Morte e Vida Severina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

OLIVEIRA, Agenor (Cartola). *O mundo é um moinho* (canção), 1976. Cartola, EMI Brazil.

OLIVEIRA, Eduardo Chagas. *O ad hominem de Perelman*. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia). Campinas: Unicamp, 2007.

PARAIZO, Mariângela de Andrade. "A cidade no espelho: breve recorte na obra de Chico Buarque". *ALCEU*, vol. 06, nº 11, pp. 139 a 152 - jul./dez. 2005.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação. A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Tratado de la argumentación: la nueva retórica*. Madri: Gredos, 1994.

PERELMAN, Chäim. *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *O império retórico. Retórica e argumentação*. Lisboa: ASA, 1999.

\_\_\_\_\_. *Ética e direito*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. 'Argumentação'. *Enciclopédia Einaudi*. Portugal, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, vol. 11.

PESSANHA, José Américo Motta. 'A teoria da argumentação ou a nova retórica'. Em Maria C. M. de Carvalho (org.), *Paradigmas filosóficos da atualidade*. Campinas: Papyrus, 1989.

PINO, Angel S. "O conceito de mediação semiótica em Vigotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano". *Cadernos Cedes*, n. 24, 1991.

PRETTO, Nelson de Luca (org). *Tecnologia e novas educações*. Salvador: UDUFBA, Coleção Educação, Comunicação e tecnologia. Vol.I, 2005.

QUIGLEY, Marian; BLASHKI, Kathy. Behind the boundaries of the sacred garden. Children and the internet. *Educational Technological Review*, vol. 11, nº 1, 2003.

RAJCHMANN, J. *Gilles Deleuze. Uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000.

RAMAL, Andréia Cecília. *Educação na Cibercultura – hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Livraria Martins, 1970.

RODRIGUES, Catarina. *Blogs: uma ágora na net*. Disponível em [WWW.labcom.ubi.pt/agoranet](http://WWW.labcom.ubi.pt/agoranet). (2004).

SALDANHA, Luís Cláudio Dallier. *Subjetividade no ciberespaço ou a aprendizagem nos labirintos do hipertexto* – p.02 - *Revista @mbienteeducação*, volume 1, número 1, Jan/Julho 2008. Disponível em: [http://www.cidadesp.edu.br/old/revista\\_educacao/index.html](http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/index.html).

SANTOS, Núbia Schaper Santos. Módulo de acolhimento, vol. 01, “Ambientes virtuais como aliados na aprendizagem”. UFJF. Juiz de Fora, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim – *Educação, Sujeito e História*. São Paulo: Ed. Olho d’água, 2001.

VIGOTSKY, Lev. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 182 p.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical investigations*. Oxford: Blackwell, 2ª edição, 1997.